



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS – CCHL  
MESTRADO EM LETRAS: ESTUDOS LITERÁRIOS

JOSINALDO OLIVEIRA DOS SANTOS

**O CRIOLLISMO LITERÁRIO PRESENTE NA OBRA: *EN ESTE PAÍS***  
**DE LUIS MIGUEL URBANEJA ACHELPOHL**

TERESINA  
2015

JOSINALDO OLIVEIRA DOS SANTOS

**O CRIOLLISMO LITERÁRIO PRESENTE NA OBRA: *EN ESTE PAÍS***

**DE LUIS MIGUEL URBANEJA ACHELPOHL**

Dissertação apresentada para a defesa ao Curso de Mestrado em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal do Piauí. Sob a orientação do Prof. Dr. Alcione Corrêa Alves.

TERESINA

2015

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí  
Biblioteca Comunitária Jornalista Carlos Castello Branco

S237c Santos, Josinaldo Oliveira dos.  
O criollismo literário presente na obra : *Em este país* de Luis Miguel Ubarneja Achelpohl / Josinaldo Oliveira dos Santos. – 2015.  
99 f.

Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2015.

“Orientador: Prof. Dr. Alcione Corrêa Alves”.

1. Literatura. 2. Identidade. 3. *Criollo*. 4. Venezuela.  
I. Título.

CDD 800

JOSINALDO OLIVEIRA DOS SANTOS

**O CRIOLLISMO LITERÁRIO PRESENTE NA OBRA: *EN ESTE PAÍS*  
DE LUIS MIGUEL URBANEJA ACHELPOHL**

Defesa da Dissertação aprovada em: 17/12/2015

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Alcione Corrêa Alves (orientador)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Prof. Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes (avaliador interno)  
Universidade Federal do Piauí – UFPI

---

Profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa (avaliadora externa)  
Universidade Estadual do Piauí – UESPI

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que mesmo em meus momentos de incredulidade e questionamentos não me ignorou e através das pessoas próximas a mim realizou milagres na minha vida.

A minha esposa, Mércia Patrícia, por ter motivado a minha caminhada no mestrado e ter aguentado as aperreações e as angústias durante o período de estudo.

Ao meu filho, Alejandro Antônio, com sua infância venha se orgulhar do seu pai em ter chegado em um nível mais elevado e que seja espelho para que consiga vencer na vida através dos estudos e da dignidade humana.

Aos meus pais, José Muniz dos Santos e Helena Oliveira dos Santos, que sempre me fez acreditar e seguir uma profissão que me sentisse feliz e realizado. Com os seus exemplos de vida me tornaram este homem e cidadão que sou.

Aos meus irmãos, Gilson, Givaldo, Ednaldo, Edvaldo, Eliana e Luciana, que me incentivaram a continuar estudando, exemplos de superação na vida e na profissão.

Ao prof. Dr. Alcione Corrêa Alves, meu professor e orientador, fez-me ser uma pessoa melhor, através do seu exemplo vi que podemos fazer ainda mais pelas pessoas mais necessitadas tanto pessoal como profissional, principalmente no meio acadêmico. Trouxe-me várias reflexões tanto na dissertação como profissional que serão validas para a minha vida acadêmica e pessoal.

Ao prof. Esp. José Walfredo de Oliveira Araújo, meu ex-professor, companheiro e amigo tanto pessoal como profissional, que me fez no Ensino Médio a enxergar a carreira de professor e, principalmente, em Letras. Um homem digno e que busca sempre compartilhar os conhecimentos e experiências.

A profa. Me. Maria Betânea Rocha de Oliveira, companheira de luta e trabalho na Universidade Estadual de Alagoas, que me orientou de como ser um professor universitário e de ser empenhado na profissão, focando sempre nos discentes. Muito obrigado.

A profa. Dra. Margareth Torres de Alencar Costa, uma grande lutadora e companheira da língua espanhola tanto no Piauí como no Brasil.

Aos meus professores do Mestrado em Estudos Literários da UFPI: Dra. Ana Maria Koch, Dr. Sebastião Alves Teixeira Lopes, Dr. Alcione Correa Alves, Dr. Luizir de Oliveira, Dra. Érica Fontes, Dr. Wander Nunes Frota, que durante as aulas no mestrado me fizeram refletir muitas coisas e como compreender melhor as questões acadêmicas, por trazer muitos conhecimentos que foram válidos para a minha investigação.

A prof. Esp. Adna Maria de Souza Calheiros de Oliveira, companheira de discussão profissional, de APEEAL e muitos momentos que marcaram a minha carreira profissional e acadêmica. Que novos desafios venham querida amiga, muito obrigado por tudo.

Ao prof. Esp. Lucídio Carvalho da Silva, que me orientou como trabalhar na UESPI e como tratar os alunos na minha caminhada profissional e acadêmica. Suas reflexões me fizeram ainda melhor.

Aos integrantes do grupo de pesquisa: *Teseu, o labirinto e seu nome*, por me possibilitarem vivenciar experiências incríveis.

Aos meus alunos da UESPI, que me deram mais incentivo para continuar buscando a qualificação profissional, buscando novos conhecimentos e que no futuro venha compartilhar a eles e aos novos ingressantes ao Curso de Letras – Espanhol.

Aos meus ex colegas de profissão da UNEAL, Mônica Lima Cavalcanti, Mércia Isabel e Edvânia Omena, que as nossas lutas trouxeram frutos maravilhosos na nossa profissão.

Aos meus professores, personagens coadjuvantes sem os quais essa trama jamais teria chegado tão longe e de uma forma tão maravilhosa. Muito obrigado!

## CHOLO SOY Y NO ME COMPADEZCAS

Cholo soy y no me compadezcas,  
esas son monedas que no valen nada  
y que dan los blancos como quien da plata,  
nosotros los cholos no pedimos nada,  
pues faltando todo, todo nos alcanza.

Déjame en la Puna, vivir a mis anchas,  
trepar por los cerros detrás de mis cabras,  
arando la tierra, tejiendo los ponchos, pastando mis llamas,  
y echar a los vientos la voz de mi quena  
dices que soy triste, ¿qué quieres que haga?

No dicen ustedes que el cholo es sin alma  
y que es como piedra, sin voz ni palabra  
y llora por dentro, sin mostrar las lágrimas.

Acaso no fueron los blancos venidos de España  
que nos dieron muerte por oro y por plata,  
no hubo un tal Pizarro que mató a Atahualpa,  
tras muchas promesas, bonitas y falsas.

Entonces que quieres, que quieres que haga,  
que me ponga alegre como día de fiesta,  
mientras mis hermanos doblan las espaldas  
por cuatro centavos que el patrón les paga.

Quieres que me ría,  
mientras mis hermanos son bestias de carga  
llevando riquezas que otros se guardan.

Quieres que la risa me ensanche la cara,  
mientras mis hermanos viven en las montañas como topos,  
escarba y escarba, mientras se enriquecen los que no trabajan.

Quieres que me alegre,  
mientras mis hermanas van a casas de ricos  
lo mismo que esclavas.

Cholo soy y no me compadezcas.  
déjame en la Puna vivir a mis anchas,  
trepar por los cerros detrás de mis cabras,  
arando la tierra, tejiendo los ponchos, pastando mis llamas,  
y echar a los vientos la voz de mi quena  
déjame tranquilo, que aquí la montaña  
me ofrece sus piedras, acaso más blandas  
que esas condolencias que tú me regalas.

Cholo soy y no me compadezcas  
(Luis Abanto Morales)

## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é investigar o significado plurivalente do *criollismo* desde uma abordagem histórico-social na obra *En este país*, de Luis Miguel Urbajena Achelpohl, ao identificar seus pormenores, mostraremos como estes incidem no desenvolvimento desta tendência literária, na forma de um produto artístico resultante da formulação de um novo projeto histórico na América espanhola. A pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa será realizada através da coleta de dados e leitura dos teóricos da área do estudo de Literatura, cultura e sociedade, tendo como embasamento teórico-metodológico, um que trata sobre a abordagem histórica-social (com uma perspectiva sociológica), através de Arreaza (2013), Bhabha (1994), Hall (2003), Pérez (1999), Quijano (2014) e Quintero (1991), e o outro sobre a fortuna crítica que me deram suporte para analisar o *criollismo* na Obra *En este país*, conforme Bendahan (2008), Cardozo (1979, 1989), Meléndez (2006), Moraña (1994), Noorwood (2014), Ortiz (2000), Picón-Salas (1980, 1987) e Uzcátegui (2013). A problemática da investigação: Como se dá significado plurivalente do *criollismo* desde uma abordagem histórico-social na obra *En este país*, de Luis Miguel Urbajena Achelpohl? Como a obra *En este país*, de Urbaneja Achelpohl, dialoga com a terminologia e os estudos sobre o *criollo* e o *criollismo*?

**Palavras-chave:** Identidade. *Criollo*. Literatura. Venezuela.

## RESUMEN

El objetivo principal de este trabajo es investigar el significado plurivalente del *criollismo* desde un abordaje histórico-social en la obra *En este país*, de Luis Miguel Urbaneja Achelpohl, al identificar sus pormenores, mostraremos como estos inciden en el desarrollo de la tendencia literaria, en la forma de un producto artístico resultante de la formulación de un nuevo proyecto histórico en América española. La investigación de naturaleza bibliográfica y cualitativa será realizada a través de la colecta de datos y lectura de los teóricos del área del estudio de Literatura, cultura y sociedad, teniendo como basamento teórico-metodológico, un que trata sobre el abordaje histórico-social (con una perspectiva sociológica), a través de Arreaza (2013), Bhabha (1994), Hall (2003), Pérez (1999), Quijano (2014) y Quintero (1991), y el otro sobre la fortuna crítica que me dieron soporte para analizar el *criollismo* en la Obra *En este país*, conforme Bendahan (2008), Cardozo (1979, 1989), Meléndez (2006), Moraña (1994), Noorwood (2014), Ortiz (2000), Picón-Salas (1980, 1987) y Uzcátegui (2013). La problemática de la investigación: ¿Cómo se da significado plurivalente del *criollismo* desde un abordaje histórico-social en la obra *En este país*, de Luis Miguel Urbajena Achelpohl? ¿Cómo la obra *En este país*, de Urbaneja Achelpohl, dialoga con la terminología y los estudios sobre lo *criollo* y lo *criollismo*?

**Palabras-clave:** Identidad. *Criollo*. Literatura. Venezuela.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO.....  | 9  |
| 2 O <i>CRIOLLISMO</i> NA AMÉRICA.....  | 20 |
| 2.1 Filologia do <i>Criollo</i> .....  | 20 |
| 2.2 O <i>Criollo</i> em questão.....   | 29 |
| 2.3 O <i>Criollismo</i> na Venezuela.....  | 50 |
| 3 A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIDADE DO <i>CRIOLLISMO</i> .....   | 56 |
| 3.1 Enfrentamento de doutrinas político-econômicas na Venezuela.....   | 64 |
| 3.2 Uma definição integradora do <i>criollismo</i> literário.....  | 68 |
| 3.3 <i>Criollismo</i> literário: embasamento teórico na Venezuela.....   | 72 |
| 4 O <i>CRIOLLISMO</i> LITERÁRIO: EXPRESSÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO EM <i>EN ESTE PAÍS</i> DE LUIS MIGUEL URBANEJA ACHELPOHL..... | 76 |
| 4.1 Escólio sobre a vida de Luis Miguel Urbaneja Achelpohl.....  | 78 |
| 4.2 Estrutura e as personagens do romance <i>En este país</i> , de Urbaneja Achelpohl .....                                    | 79 |
| 4.3 Como dialoga a obra <i>En este país</i> com a questão do <i>criollismo</i> ?.....  | 81 |
| 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....  | 91 |
| REFERÊNCIAS.....   | 97 |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX e início do século XX, a literatura americana buscava, através do romance, uma forma de resolver o conflito existencial<sup>1</sup> que apresentava, tentando encontrar a razão do seu ser, referindo-se a sua identidade, como venezuelano, como latino-americano.

O ponto de partida numa investigação de comunicação literária é aquilo que se concorda serem problemas, uma vez que as afirmações sobre o funcionamento da literatura e sobre o processo de leitura têm sido consideradas como intuição, os conceitos devem ser transformados em proposições empíricas e as hipóteses devem ser testadas, principalmente o sujeito ser o ponto inicial em relação ao objeto da investigação.

Cabe destacar que o *criollismo* na literatura venezuelana tem sido apresentado como um instrumento de defesa contra o colonizador, a fim de resgatar o discurso das pessoas, suas atitudes e hábitos sociais. A literatura *criolla* buscava incorporar o camponês (referindo-se à luta campesina<sup>2</sup> nos países latino-americanos) e o regional, para buscar a diferenciação da identidade.

O *Criollismo*, tendência literária na América Latina, tem sido mais produtivo nas formas de colocar ideologias contra as atitudes e visões históricas nas três primeiras décadas do século XX; seus escritores mostraram uma posição nacionalista definida na arte e uma consciência literária madura. São considerados americanistas, porque eles desviam das tradições europeias e centram seus interesses no continente americano.

O século XIX foi para a Venezuela como para os demais países que estavam começando a formar os Estados Nacionais, uma fase de aprendizagem, de construção, e isso foi acompanhado por um discurso reflexivo e uma expressão artística que, em grande parte, tentavam apresentar a idiosincrasia do

---

<sup>1</sup> É visto como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais da sociedade e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. Aspectos de uma identidade que surge do pertencimento a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima tudo, nacionais.

<sup>2</sup> Podemos compreender como se dá este processo através de FILLIPI, Alberto. **Instituciones e Ideologías en la Independencia Hispano-americana**. Buenos Aires: Alianza Editorial, 1988.

habitante nacional, quem descobria, construía e apreendia as particularidades do acontecimento histórico.

No século XIX, a Venezuela estava marcada pelos acontecimentos que envolveram as fases da nova ordem sócio-política, produzidos como resultado das lutas de Independência, e suas dificuldades de transição da época colonial à república, em um longo período de buscas e definições. Diante da exploração e injustiças adotadas pela Espanha na América, a partir do século XIX começou a brotar um movimento de resistência nas colônias, liderado pelos *criollos*. Estes, além dos laços culturais que tinham com o continente americano, viam na independência uma forma de obtenção de poder político.

Neste contexto, a literatura tornou-se um dos canais mais eficazes para demonstrar o processo de buscas e mudanças desde o jornalismo<sup>3</sup> até a ficção<sup>4</sup>, passando pelos artigos de costumes, poesias (como de Victoria Santa Cruz, *Me gritaron negra*, Lucrecia Panchano, *África grita*, e Nicolás Guillén, *El apellido*), dramas<sup>5</sup> e ensaios (como de Roberto Fernández Retamar, *Todo Caliban*, e Aimé Césaire, *Discours sur le colonialisme*): as consequências diretas da colonização são conhecidas, tanto as culturais, como as econômicas e as sociais, as consequências pessoais dos colonizados receberam mais atenção e essas teorias investigaram como a história criou identidades pós-coloniais, as quais estão em contraste com as identidades do poder. Esse amplo espectro tornou-se um escritural polígrafo, muitas vezes convergindo no mesmo autor, que tentou fixar todo aquele que estava começando a se tornar patrimônio nacional: a história do país, o seu passado antigo ao fato contemporâneo; o esplendor da paisagem, os fatos históricos, a singularidade de seus habitantes.

O despertar de uma sensibilidade estética, que revelou não apenas os seus próprios componentes psicológicos, mas também a linguagem, os costumes, as diferentes visões do mundo e da vida, as quais perfilavam uma forma de ser e de agir. Este foi um processo lento e heterogêneo desde a sua criação, cujo maior

---

<sup>3</sup> Pode-se citar Albinson Linares, venezuelano; Josefina Licitra, argentina; Alfonso Buitrago Londoño, colombiano.

<sup>4</sup> Escritores como Gabriel García Márquez, *Cien años de soledad*; Rómulo Gallegos, *Doña Bárbara*; Julio Cortázar, *Libro de Manuel*, José Enrique Rodó, *Ariel*; Eduardo Galeno, *Venas abiertas de América Latina*.

<sup>5</sup> Mario Benedetti, *Pedro y el Capitán*; Emilio Carballido Fentanes, *La medalla*; Aimé Césaire, *Une Tempête*.

impacto sócio-político foi alcançado nas últimas décadas do século XIX, quando as importantes reformas educacionais, sociais, políticas e econômicas ocorreram.

Além disso, mostrava uma aristocracia *criolla*, que vê desaparecer gradualmente seus tão cultivados valores, como resultado das constantes lutas pelo controle de um território que ficou reduzido a fragmentos.

Por outro lado, a ascensão a pesar dos preconceitos da sociedade, é apenas um tema para expor o fato de que parte do *criollo*, do que é da terra e sabe disso. Um dos personagens na obra *En este país*, Paulo Guarimba, foi denominado como um autêntico venezuelano, que lutava e ia atrás do seu sonho, um caminho mais favorável, apesar de sua origem humilde. Conforme Cardozo (1989, p. 27), “Guarimba es un venezolanismo, significa entre otras cosas guarida, cueva, refugio. Paulo es un representante del pueblo venezolano eterno, el mestizo, campesino, soldado y con una fuerza e inteligencia capaz a permitirle grandes hechos”.

Fazendo uma verificação sobre alguns críticos que analisaram as obras de Urbaneja Achelpohl<sup>6</sup>, vamos expor as contribuições de Arvelo (2011), que defende a posição do escritor que foi determinante na orientação da tendência enraizada no paisagismo local, foi fiel na teoria e na práxis a dita orientação. O ideário foi esboçado anteriormente em seus ensaios *Sobre literatura Nacional* (1895) e *Más sobre literatura nacional* (1895) na revista *Cosmópolis*. A revista teve uma orientação principalmente direcionada para a literatura e de modo particular pelos escritos modernistas de linha exótica, simbólica, *criollista* e cosmopolita; não sem dar abertura a quem, interessados na divulgação de sua concepção do fato literário, escreveram também crítica.

Já para Uzcátegui (2001), sobre a importância de Urbaneja Achelpohl através de sua obra, fala que o movimento decadentista se integrou à dinâmica literária para propor uma transformação absoluta das regras do campo: de formas de entender e usar a linguagem, de interpretar a tradição, valorizar o literário e comercializar as obras.

---

<sup>6</sup> Foi um [escritor](#) e jornalista venezuelano. É considerado como um dos iniciadores do conto moderno em seu país.

Arreaza (2013) afirma que Urbaneja Achelpohl representava artisticamente a tensão entre discurso ideal liberal patriótico e prática republicana excludente. Mediante o fracasso das iniciativas reformistas, a herança colonial patente na república, a qual remete ao constitucionalismo que concretizava a independência política.

– ¿Dónde se habrá metido el animal?

Y en la semi-obscuridad que precede al día, un bulto se alejaba en una u otra dirección. De la montaña comenzaba a desgajarse la neblina. El día anterior cayó una larga invernada, un lloviznar lento, monótono, desesperante, y el valle despertaba entumecido. Denso velo ocultaba los hombres y las cosas. La voz tornó a decir más enconada:

– ¿Dónde se habrá metido el animal? ¡Caray!

Abajo se apretujaban las nieblas y en la calva del Ávila jugueteaba la luz tenue de un sol cautivo.

– Barroso, Barroso; ¡oooh! ¡Barroso! Si ha reventao la sogá! ¿Quién coge a este animal? (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 35-36).

A obra *En este país*, de Urbaneja Alchepohl, mostra o domínio e o manejo da língua local, por exemplo, os regionalismos de vocabulário sintáticos, que usa sem preconceitos em seus capítulos. Os diálogos entre personagens se caracterizam pela finalidade às falas locais.

A série de críticas em torno ao significado e às manifestações do *criollismo* na literatura hispano-americana e, especificamente, na Venezuela, converteu-se em motor de investigação e encontro de seus valores intrínsecos, fatos que nos moveram a delimitar aqueles constituintes representativos do *criollismo*, chaves para a exegese do romance *criollista* de Urbaneja Achelpohl, exímio representante deste movimento na Venezuela.

Esta exegese levada a termo pelo autor, parte da profunda exploração sobre os constituintes de uma ordem intelectual com o fim de reestruturar ou reordenar suas partes até conseguir uma síntese integradora, totalizante e significativa. A complexidade do processo se acentua quando o conceito em estudo possui em si mesmo o germe da imprecisão: o *criollismo*, termo plurissignificativo, estudado desde enfoques aparentemente desconexos. Além disso, revisaram uma variedade de estudos, a razão de sua existência ou

significação; alguns teóricos<sup>7</sup> formulavam diversas teorias ou elaboravam o romance diacrónico em torno das distintas cargas conceituais a partir da origem do vocábulo no século XVI até a representação última aplicada no século XX.

Interessava-se pela análise do período histórico chamado *criollismo* colonial. As fontes que investigavam esta etapa são diversas, a maioria se detinha na análise de aspectos específicos que embora se circunscrevesse a um espaço físico determinado aportavam a uma interpretação válida para o contexto hispano-americano: destacavam a aceitação diferenciadora e preconceituosa imposta aos descendentes de espanhóis na América, ao novo grupo humano americano, visto que analisavam o estado de marginalização social, política e econômica dos *criollos*<sup>8</sup>; aprofundavam em consideração filosófica e/ou literárias; destacavam como desenvolveram os padrões ideológicos do *criollo* até que germinava seu sentido de filiação e de nacionalismo no final do século XVIII, posto que esta incipiente distinção se convertia no símbolo da luta emancipadora a partir do início do século XIX.

Para Ortiz (2000), o *criollismo* adquire um novo significado no século XIX: o americanismo, o sentimento nacionalista que constituía uma modalidade despersonalizada em virtude dos numerosos ingredientes interviam nela: venezuelanos, colombianos, chilenos e peruanos. Em relação a este aspecto, podemos analisar os caracteres de ordem intelectual, volitivo, social e religioso próprios do *ethos* hispano-americano; todos destacavam enfaticamente o legado hispânico como eixo da cultura do ser coletivo e da unidade americanos. No entanto, o significado do *criollismo* se singulariza no final do século XIX e adquire sua antiga significação durante as primeiras décadas do século XX, porque se apoiava na experiência dispersa, singularizada, de cada um destes ingredientes, recorria à interpretação da alma nacional integrada por dois elementos fundamentais: a paisagem e o indivíduo, a união simbiótica terra-camponês. Para

---

<sup>7</sup> COROMINAS, Juan. **Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana I**. Madrid: Gredos, 1954; ALBUQUERQUE, Orlando de. **Criolismo e mulatismo**: Uma tentativa de interpretação fenomenológica. Nº. 30. Lobito: Cadernos Capricórnio, 1975; ARROM, José Juan. **Criollo: definición y matices de un concepto, Certidumbre de América**. Estudio de Letras, Folklore y Cultura. La Habana: Anuario Bibliográfico Cubano, 1959; MONTENEGRO, Ernesto. **Aspectos del criollismo en América, el criollismo**. Santiago de Chile: Universitaria, 1956.

<sup>8</sup> LVALLE, Bernard. **Las promesas ambiguas**: ensayos sobre el criollismo colonial en los Andes. Lima: PUC-Perú-Instituto Riva-Agüero, 1993; DELGADO, Hernán Venegas; RIVEREND, Julio Le. **Acriollamiento, criollo y criollismo**. La Habana: Política, 2005.

este fim, estudavam-se dois grupos humanos protagônicos: o camponês e o latifundiário. Os tratados, em um e outro caso, analisavam individualmente estas características associadas com seu contexto e espaço insular sem estabelecer os vínculos ou dissociação entre eles; portanto, esta pesquisa aprofunda na análise dos caracteres prototípicos *criollistas* na América espanhola e na Venezuela.

Procurar conhecer o porquê durante o século XX a acepção *criollista* se relaciona com as essências nacionais de cada país, compreende o estudo complexo da conjunção de diversos fatores – culturais, políticos e intelectuais – que incidem no desenvolvimento do *criollismo* literário. O objetivo de examinar como esta perspectiva se fundamentava nas relações político-econômicas entre os Estados Unidos e os países hispano-americanos, propiciava o enfretamento de duas posturas ideológicas, o *pan-americanismo* em oposição ao *pan-hispanismo*. Os estudos sócio-políticos delimitavam o significado e o alcance do *pan-americanismo* desde suas duas vertentes, bolivariana e estadunidense, embora destacassem uma aproximação que se associava com a força da penetração imperialista estadunidense na América espanhola durante a primeira metade do século XX; esta crítica se limitava a este estado temporal, portanto, ampliaremos sua extensão significativa ao investigar suas coordenadas até a atualidade.

Os pensadores hispano-americanos desenvolveram uma estratégia cultural que confrontava e buscava superar a ameaça de interferência externa; contrafrontaram o mito histórico *pan-americanista* com uma criação paralela, uma realidade mítico-poética exclusiva: o *pan-hispanismo*. Surgiu, assim, a necessidade da afirmação de uma ordem continental cultural holística que se fundamentava nos vínculos religiosos e raciais comuns a todos os países hispano-americanos, cujo centro de coesão emana da cultura hispânica. Além disso, investigavam-se textos que explicavam a transcendência pan-hispanista, como Ramón Puigdollers, Santiago Magariño, Mario Amadeo, Enrique Zuleta Álvarez e Frederik B. Pike; outros, como Anatoli Glinkin e Eliseo Giberga, que discordavam de ambas posturas ideológicas e exaltavam os bens culturais pan-hispanísticos, estratégias que se completavam com as disquisições cubanas que analisavam suas características e se proclamavam a favor ou contra a esta expressão.

Graças aos estudos do *criollismo* a partir da sua significação política, pretendia-se ratificar por que os textos literários evidenciaram o triunfo do pan-hispanismo, fundamento interpretativo da personalidade coletiva hispano-americana e fortaleza na defesa da função social da literatura americana; a procura e construção das essências nacionais que se sustentavam nos mitos coletivos de fundação: a origem, a língua e a religião. Cada país construía seu ideal identitário, erguia como bandeira ao *criollo* que habitava o campo, porque mantinha puras essas particularidades, devido a sua íntima relação com a terra.

Outra aproximação semântica ao conceito *criollista* se vincula com suas cargas significativas aplicadas ao fato literário que nos levaram a identificar as fontes artísticas das que se alimentavam e as características que o integravam. Entre os textos analisados estão os de Carlos Alonso, José Miguel Oviedo, Manuel Díaz Rodríguez e Ricardo Guillón, com a finalidade de mostrar que a literatura *criolla* se desvinculou da fase americanista do Modernismo e tentou um inteligente aproveitamento de toda a tradição anterior.

Define-se como a síntese de certas características dos *ismos* passados: o conforto real e enfático real da sociedade americana, o documentalismo realista, o enfoque social dos naturalistas e as técnicas sutis dos modernistas. Todas estas apreciações somente examinam estas semelhanças, mas Carlos Alonso<sup>9</sup> ampliou o seu significado, cujo objetivo era fixar as essências mais autênticas, vitais e representativas da identidade nacional como o indigenismo, o afro-caribenho e o *criollismo*. Esta investigação se relacionava com duas expressões literárias: o discurso antropológico e ao *criollismo* com o filológico; aplicou-se esta teoria ao romance *En este país*, que se centrou na exegese da linguagem falada, a localização geográfica e a atividade humana, três constituintes importantes que se podem utilizar para caracterizar o autóctone. Por sua vez, desmente aos que consideram o *criollismo* como simplista, pois o texto literário, além de incorporar a essência autóctone, apresenta paralelamente um discurso crítico, visto que os escritores têm consciência de sua própria textualidade que se evidencia na utilização do comentário, as explicações e o uso de diversas escritas nos textos.

---

<sup>9</sup> Identifica o cânone com as novas tendências experimentais do início do século XX, podemos verificar isso em sua obra **La novela criolla en Hispanoamérica** (1989).

Portanto, utilizam-se diferentes bases teóricas que ajudam a sistematizar os critérios sobre os temas estudados. O que viabilizou a formação de uma consciência individualizadora da identidade que permitiu, entre outras coisas, enfrentar ao local com o colonizador mediante uma sensação de pertencente territorial. Romero (1970) declara que:

Sabían [los criollos] que no estaban de paso, que su destino no era recalar en las metrópolis para disfrutar allí la riqueza alcanzada sino permanecer en sus ciudades e imponer en ellas su proyectos económicos, sus formas de vida y de mentalidad. Se sentían comprometidos con su ciudad y su región, y por eso asumieron con firmeza el papel de élite: no mucho después pensaron en la independencia política, y la alcanzaron a través de revoluciones urbanas que ellos encabezaron (ROMERO, 1970, p. 20).

Esse momento particular na história da consciência identitária americana, também pode relacionar-se com o que Moraña (1994) chama de surgimento do *espírito criollo* ou a *consciência criolla*. De acordo com a crítica a emergência desse espírito se encontra emparentado com o ressentimento dos conquistadores e primeiros habitantes americanos que se sentiam mal recompensados pela Coroa e afirmavam seus direitos em contraposição aos residentes da Península, que controlavam os mecanismos de poder, prebendas e recompensas destinadas aos habitantes das Índias.

De acordo com Moraña (1994), foram fundamentais para a elaboração de três aspectos: a cosmovisão, a coerência e a unidade da obra literária, ela afirma também que aportaram dados que se podiam aplicar ao estudo sistemático da significação do conceito *criollismo* como período histórico, fenômeno sócio-político e tendência literária.

Neste trabalho o objetivo principal é investigar o significado plurivalente do *criollismo* desde uma abordagem histórico-social, ao identificar seus pormenores mostraremos como estes incidem no desenvolvimento da tendência literária, na forma de um produto artístico resultante da formulação de um novo projeto histórico na América espanhola. A partir do estudo analítico do processo e dos constituintes próprios do *criollismo* literário no macrocosmo latino-americano; relacionaremos, especificamente, como seus constituintes essenciais se

projetavam na narrativa *criollista* venezuelana mediante a investigação de sentido do criollismo em Urbaneja Achelpohl no romance em *En este país*. Assim se especificam os limites que os distinguem e as peculiaridades compartilhadas na obra do referido autor.

Os objetivos específicos, portanto, são os seguintes: a) Definir o significado plurivalente do conceito *criollismo*: a denominação do período histórico, fenômeno sócio-político e tendência literária; b) Especificar quais são os dois grupos prototípicos: o camponês e o latifundiário venezuelanos; c) Delimitar o alcance semântico da tendência *criollista* nos espaços nacionais diferentes para estabelecer as fronteiras comparativas entre estes e a manifestação nativista no contexto literário venezuelano, principalmente em *En este país*, e d) Analisar os procedimentos estruturais utilizados na construção interna do romance de Urbaneja Achelpohl.

Para situarmos devidamente o termo *criollismo* posto a uma literatura global espanhola, bem como sua insuficiência à compreensão das literaturas hispânicas contemporâneas, o capítulo 1, intitulado “O criollismo na América”, será dividido em subcapítulos nos quais se procederá, respectivamente, breves exposições de caráter introdutório: Filologia do *Criollo*; *O Criollo em questão e O criollismo na Venezuela*. O objetivo desse capítulo é verificar a ambiguidade linguística e a transformação do termo *criollo* como aparecem assiduamente reelaboradas e redefinidas fazendo visível uma multiplicidade semântica e uma desestabilidade conceitual conflitiva. A definição do *criollo* pode ser analisada em vários aspectos ou estratos semânticos dependendo da territorialidade e as diversas temporalidades históricas, podendo ser pensada como atribuição (fixidez), como uma autoatribuição e podendo implicar, além disso, noções de estratificação social e poder político, e incluso pode inserir relações de transculturação biológica e simbólica, mestiçagem biológica e mestiçagem social ou cultural. Dessa forma questiona-se: Como a obra *En este país*, de Urbaneja Achelpohl, dialoga com a terminologia e os estudos sobre o *criollo* e o *criollismo*?

O capítulo 2, intitulado “A língua como instrumento de identidade do criollismo”, evidenciará três passos argumentativos anteriores à análise literária propriamente dita. O primeiro consiste na exposição de uma discussão crítica

acerca do tema, *Enfrentamento de doutrinas político-econômicas na Venezuela*, tal tópico visa, contextualizar, situar o quadro teórico possível a uma literatura local, venezuelana. O segundo passo consiste na apresentação de *Uma definição integradora do criollismo literário*, que tratará de como se desenvolveu esta integração. E o terceiro tópico versará sobre o *Criollismo literário: embasamento teórico na Venezuela*, expressão do pensamento crítico em *En este país*, de Urbaneja Achelpohl, uma análise entre os fatos literários e a obra em questão. Cabe destacar, que o *criollismo* na literatura venezuelana, apresentou-se no passado, da mesma forma como se apresenta hoje, como um instrumento de defesa contra o colonizador, ou a ideologia de opressão, deixada pelos europeus, com o fim de resgatar a fala do povo, suas atitudes, hábito social, para explicar assim, o ser venezuelano. O desenvolvimento deste romance incluiu uma aspiração sociológica e política de definição de nação, mas de nação heterogênea.

O capítulo 3 opta pela exploração do romance *En este país*, reiterando a condição de Urbaneja Achelpohl como escritor venezuelano, porque nas páginas do romance relaciona uma defesa do ser humano, principalmente mostrando uma divisão entre os *criollos*, juízo de valor, ainda que nobre cuja obra nos ofereça elementos para estabelecer, com base nos aspectos ora estudados, intitulado “O *criollismo* literário: expressão do pensamento crítico em *En este país* de Luis Miguel Urbaneja Achelpohl”. Como subtítulos temos: *Escólio sobre a vida de Luis Miguel Urbaneja Achelpohl*; *Estrutura e as personagens do romance En este país, de Urbaneja Achelpohl* e responder a pergunta: *Como dialoga a obra En este país com a questão do criollismo?*.

O *criollismo* venezuelano é o resultado de rumo de vida característico de uma nação bolivariana. Para os *criollistas* não foi suficiente fazer uma reflexão como uma visão própria, mas era necessário para traduzir ideias venezuelanas. No entanto, na obra *En este país* se tornou um espelho da crise da classe dominante e um exemplo de luta e perseverança para aqueles que defendiam o desejo ou a promessa fecunda de superação de obstáculos para conseguir a união do povo.

A pesquisa de natureza bibliográfica e qualitativa será realizada através da coleta de dados e leitura dos teóricos da área do estudo de Literatura, cultura e sociedade, tendo como embasamento teórico-metodológico, a abordagem histórica-social (com uma perspectiva sociológica), através de Bhabha (1994), Hall (2003), Arreaza (2013), Pérez (1999), Quijano (2014) e Quintero (1991), e o outro sobre a fortuna crítica que me deram suporte para analisar o *criollismo* na Obra *En este país*, conforme Montenegro (1956), Moraña (1994), Picón-Salas (1980, 1987), Uzcátegui (2013).

Esta pesquisa será direcionada através de uma análise literária de perspectiva sociológica que enfoca, conjuntamente, traços estilísticos próprios da historiográfica e questões temáticas relativas à situação política, social e cultural venezuelana. Constitui um convite à reflexão, ao questionamento e a uma revisão crítica das leituras enciclopedistas que têm moldado perspectivas simplistas e pontos de vista do *Criollismo* sobre a história da Venezuela.

## 2 O CRIOLLISMO NA AMÉRICA

O objetivo deste capítulo é mostrar o conceito plurivalente do *criollismo* na Venezuela e na América, como também a ambiguidade linguística e a transformação do termo *criollo* como aparecem assiduamente reelaboradas e redefinidas fazendo visível uma multiplicidade semântica e uma desestabilidade conceitual conflitiva.

Todo conceito, como parte da linguagem, poderia ser plurivalente ao aplicar-lhe o enfoque sincrônico-diacrônico estruturalista: o mesmo estuda tanto a relação entre fenômenos coexistentes num determinado momento da história como as correlações entre o que lhe precedeu ou o que lhe segue. Assim pois, o termo *criollista*, como a voz *criolla*, (podemos citar como teóricos sobre esta temática Aguilar Bulgarelli, Alonso de León, Édouard Glissant e Maryse Condé)<sup>10</sup> do qual se deriva, possui acepções heterogêneas, diversas conotações que embora guardam certas relações causais, nem sempre correspondem a uma mesma manifestação. Em forma sucinta, explica-se a origem etimológico do conceito primitivo e as diversas cargas afetivas que possui desde o final do século XVI até o final do século XVIII através de um panorama histórico diacrônico do período *criollista* colonial. Pontualiza-se a luta dos habitantes do Novo Mundo pelo reconhecimento de sua igualdade de direitos e identidade social, o qual redundava na busca consciente dos valores nacionais próprios.

### 2.1 Filologia do termo *Criollo*

O conceito *criollo* se aplica a conglomerados humanos em oposição, o que marca uma diferenciação entre dois grupos resultantes das divergentes relações político-econômicas. Aparentemente, é uma das constantes que se evidencia desde sua primogênita aceitação até a que atualmente se associa com a

---

<sup>10</sup> AGUILAR BULGARELLI, Óscar. **La esclavitud negra en Costa Rica**. San José, Costa Rica: Editorial Costa Rica, 2000; ALONSO DE LEÓN, María del Rosario. **El Caribe continental e insular en su literatura: ¿Vasos comunicantes o fronteras?** Caracas: Comisión de Estudios de Posgrado, Facultad de Humanidades y Educación, Universidad Central de Venezuela, 2001; CONDÉ, Maryse. **Civilization du Bossale: Réflexions sur la Littérature orale de la Guadeloupe et de la Martinique**. Paris: Éditions L'Harmattan, 1978; GLISSANT, Édouard. **Introducción a una Poética de lo diverso**. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2002.

significação do espírito nacional hispano-americano. Utiliza-se, primeiramente, no Brasil indicando aos filhos dos negros; a partir daí seu uso se propagou prontamente à América espanhola e, logo, ao francês *créole*.

Durante o século XVII, o setor *criollo* e letrado iniciou um firme processo de revisão do passado e valoração da própria consciência coletivamente no âmbito religioso e secular. Este arquivo *criollo* inclui os textos, as instituições e as práticas de intelectuais americanos que manifestaram uma subjetividade *criolla* legitimada em formas discursivas sobre a história da pátria, seus habitantes e o entorno natural, ou seja, seu espaço. Tanto para os apologetas espanhóis, padres da igreja católica, como para os *criollos*, a representação do território e a correção de seus limites se converteram em uma tarefa necessária que se conjugava com a produção e circulação do saber sob a sombra do racionalismo e a necessidade de conhecer e reapropriar um território ainda incógnito.

Cornejo Polar (1994), afirma que:

Se puede (y a veces se debe) *historiar la sincronía*, por más aporístico que semeje ser este enunciado. Obviamente esto no contradice, sino enriquece, la opción tradicional de hacer la historia de la literatura como secuencia de experiencias artísticas, aunque – vista la configuración plural de la literatura latinoamericana – tal alternativa no puede imaginar un solo curso histórico totalizador sino, más bien, les es necesario trabajar sobre secuencias que, pese a su coetaneidad, corresponden a ritmos históricos diversos. (CONEJO POLAR, 1994, p. 80)

É possível perceber tanto o contexto cultural de emergência do termo *criollo* na segunda metade do século XVI como em alguns estudos críticos contemporâneos sobre o discurso utilizado, principalmente, os efeitos de uma dinâmica tropológica em constante construção. A ambiguidade linguística e a transformação do termo aparecem assiduamente reelaboradas e redefinidas fazendo visível uma multiplicidade semântica e uma instabilidade conceitual conflitiva. A definição do *criollo* pode ser analisada em múltiplas dimensões ou estratos semânticos dependendo da territorialidade e as diversas temporalidades históricas de sua enunciação, isto é, pode ser pensada como atribuição (estereótipo), como autoatribuição (consciência), pode implicar, além disso,

noções de estratificação social e poder político, e pode incluir relações de transculturação biológica e simbólica – mestiçagem social e cultural.

Acreditamos que a problemática do *criollo* – para sua melhor compreensão, análise e exploração – pode ser ordenada conceitualmente em três aspectos históricos tendo em conta a estruturação diacrônica do processo de formações discursivas que vão desde a chamada época colonial até os processos políticos das independências nacionais na América Latina. Estes três aspectos são: 1) aspecto do estereótipo: firmeza e ambiguidade; 2) o aspecto da consciência: apropriação linguística, ressemantização, e a criação do contra-estereótipo e; 3) o ciclo de formação da consciência *criolla* que funcionara como base ou fermento das identidades protonacionais.

A partir daí é possível pensar o *criollo* como um signo próprio dessa dinâmica: o *criollo* é um sema instável que é reelaborado e transformado assumindo diferentes sentidos de acordo com a situação enunciativa na qual está inscrito.

Esta ideia de uma descontinuidade fundacional se percebe nas manifestações culturais de um período histórico tão problemático como o que pretendemos analisar e se conecta com as noções de heterogeneidade e totalidade contraditória que propôs Cornejo Polar. É por isso que tentamos traçar o percurso do conceito do *criollo* através das interrupções que incidem no devir cultural latino-americano. Nesta medida, nossa busca se embasa em uma arqueologia do *criollo* em tanto acontecimento cultural inédito e, paradoxalmente, fundante da diferença americana: a autonomia política como elemento fundamental da unidade latino-americana, assim como articulador de um conjunto de posiciones e ideais. Podemos compreender que os povos latino-americanos foram marginalizados no processo de formação e memória histórica pelos europeus que duraria vários séculos e seria ratificado por esses povos logo após o processo da independência.

Essa periodização não implica que criamos ingenuamente que seja possível fixar um horário nem uma data para a demarcação, a origem ou a finalização dos aspectos associados ao *criollo*. E mais se levarmos em conta a advertência que fazia Moraña (1994)

La interpretación y valoración contemporánea de los textos coloniales, concentrada en general en la reconstrucción historiográfica y en la recuperación total del texto en tanto instancia comunicativa [...] asume en general la forma literaria como parte de un repertorio de recursos estructurados cuya evolución, sin bien puede ser estudiada diacrónicamente, aparece fijada en cada época, estableciendo un pacto de lectura cuyo sentido y funcionalidad no siempre se desentrañan con exhaustividad. (MORAÑA, 1994, p. 47)

É por isso que as datas que utilizamos são tentativas de um ordenamento – e de um debate – e não de uma verdade histórica. Acreditamos que a história objetiva consubstanciada com a ideia de uma verdade que decreta em forma taxativa do estatuto definitivo do fato histórico não pertence. Sabemos, além disso, que se trata de uma periodização cujo fim é o de apresentar uma visão de conjunto, pedagógica, ordenadora, que opere ao menos em duas direções: por um lado, que integre a problemática dentro de um amplo desenvolvimento histórico, mas, por outro, que permita destacar as especificidades próprias de alguns momentos dessa longa construção histórico-discursivo – ainda em processo – que chamamos América Latina.

Compreendendo o fenômeno pertinente ao lugar do *criollo* dentro do mundo acadêmico poderíamos nos perguntar de que maneira a produção literária latino-americana retoma esta representação de si mesma para (podemos citar Miguel Bartolomé, Gabriela Navarro, Luis Gómez Acuña e Juan Vitulli)<sup>11</sup>, ao praticar esses espaços, situar-se dentro de um mundo marcado pelas correntes migratórias.

O confronto entre europeísmo-americanismo vista como um movimento alternado e oscilante de diluição de uma identidade como consequência do nivelamento que impõe constantemente nossa incorporação à modernidade e, por sua vez, de resposta diante esse fato como esforço identitário. O pensamento latino-americano desde o início o século XIX oscilou entre a busca de

---

<sup>11</sup> BARTOLOMÉ, Miguel A. **La diversidad de las diversidades**. Reflexiones sobre el pluralismo cultural en América Latina, en Cuadernos de Antropología Social N° 28, p. 33-49, FFyL. UBA; NOVARO, Gabriela. **La interculturalidad en debate**: Experiencias formativas y procesos de identificación en niños indígenas y migrantes. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2011; ACUÑA, Luis Gómez. **Lo criollo en el Perú republicano**: breve aproximación a un término elusivo. Lima: Centro de Investigación de la Universidad del Pacífico, 2007; VITULLI, Juan. **Instable puente**: la construcción del letrado criollo en la obra de Juan de Espinosa Medrano. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2013.

modernização ou o reforçamento da identidade, tem sido de igual modo permanentemente à tentativa por equilibrar ambas as dimensões. De acordo com Valdés (2000):

El carácter identitario del pensamiento latinoamericano de las primeras décadas del siglo fue cambiando de objetivo: en una primera etapa se realizó más bien como latinismo, en una segunda como mestizofilia, indigenista o afroamericana, y en la tercera más bien como nacionalismo y antiimperialismo. Sin menoscabo de que las tres dimensiones coexistan, la primera es más cultural, la segunda más social, y la tercera presenta un énfasis en lo económico, sin desligarse totalmente de lo social y lo cultural. En este nacionalismo económico se funden una perspectiva de izquierda con una de derecha, que denuncia y rechaza la intervención de las grandes potencias. Esto se agudizó con el profundo impacto causado por la crisis de 1929-1930. Se expandió la idea de defender el interés nacional, cuestión funcional al surgimiento del pensamiento modernizador industrialista característico posterior. (VALDÉS, 2000, p. 203)

Para Valdés, este processo mostra claramente o tronco fundamental do que se chamou de pensamento latino-americano que não é semelhante em todos os casos, como também cada um dos aspectos específicos. As mudanças não apenas ocorreram no conteúdo dos textos, mas aparecem também novos emissores de pensamento. O anti-imperialismo foi um das temáticas recorrentes o pensamento latino-americano dos anos de 1930 e pôde afirmar que tem sido a forma que assumiu o pensamento identitário durante esses anos, que foi realizada como defesa da economia continental ou como nacionalismo econômico. Entre vários pensadores podemos citar José Vasconcelos<sup>12</sup> (1937), Haya de la Torre<sup>13</sup> (1935), Luis Romero<sup>14</sup> (1993) e Edwards Bello<sup>15</sup> (1935), Julián Pérez<sup>16</sup> (1999), Ileana Rodríguez<sup>17</sup> (1992) e Seymour Mentón<sup>18</sup> (1993).

<sup>12</sup> VASCONCELOS, José. **Bolivarismo y monroísmo**. Santiago de Chile: Ercilla, 1937.

<sup>13</sup> HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. **El antiimperialismo y el APRA**. Santiago de Chile: Ercilla, 1935.

<sup>14</sup> ROMERO, José Luis. **El desarrollo de las ideas en la sociedad argentina del siglo XX**. Buenos Aires: Solar, 1983.

<sup>15</sup> BELLO, Joaquín Edwards. **Nacionalismo continental**. Santiago de Chile: Ercilla, 1935.

<sup>16</sup> PÉREZ, Alberto Julián. "El postcolonialismo y la inmadurez de los pensadores hispanoamericanos". In: **El debate de la postcolonialidad en Latinoamérica**. Madrid: Veruvert Verlag, 1999.

<sup>17</sup> RODRÍGUEZ, Ileana. **¡Erotismo! patriotismo**. Desconstruyendo el Estado nación. Ohio: University of Ohio/Department of Spanish and Portuguese, 1992.

<sup>18</sup> MENTON, Seymour. **La nueva historia de la América Latina, 1979-1992**. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

Estes pesquisadores falam sobre o pós-colonialismo e afirmam que é uma reação e resistência diante da colonização, do etnocentrismo, do eurocentrismo, à hegemonia cultural, e trata de construir e estabelecer uma identidade latino-americana. No entanto, este não é um problema próprio da região, senão um problema eterno até hoje. De todas as formas se replanejou no nosso continente e outras partes do mundo no final do século XX, como reação aos fenômenos de globalização.

A periferia, considerado pelos colonizadores por seu carácter subalterno, não pôde fazer a história e por isso somente ficaram duas opções: por um lado o isolamento e a resistência, e por outro a aceitação reprodutora. A questão da identidade é um aspecto muito importante na cultura latino-americana, e o problema de identidade é ao fim uma reclamação de ser reconhecido, de obter uma voz e um espaço.

A literatura é um instrumento de interpretação e reescrita da história, ou seja, que a literatura interage com a realidade. Seja real ou fictícia toma parte da história e reflete discursos literários, políticos, econômicos e culturais, mas também os utiliza e os modifica. Dentro de cada discurso um autor tem o poder de definir a realidade e escrever a história, no entanto a literatura, por ser ficção, pode tomar papel como contrapartida do poder.

Quijano (2014) declara que

Como los vencedores fueron adquiriendo durante la Colonia la identidad de "europeos" y "blancos", las otras identidades fueron asociadas también ante todo al color de la piel, "negros", "indios" y "mestizos". Pero en esas nuevas identidades quedó fijada, igualmente, la idea de desigualdad, concretamente inferioridad, cultural, si se quiere "étnica". (QUIJANO, 2014, p. 759)

Conforme o que foi citado por Quijano, a violência epistêmica, orquestrada, estendida e heterogênea estratégia de construir o sujeito colonial como outro, é parte dessa maneira de controlar ao subordinado sem violência física.

As consequências diretas da colonização são conhecidas, tanto as culturais, como as econômicas e as sociais, mas as consequências ao longo prazo e as derivadas da descolonização ficaram mais na sombra. Com o pós-colonialismo, as consequências pessoais dos colonizados receberam mais

atenção e essas teorias investigam como a história criou identidades pós-coloniais, as quais estão em contraste com as identidades do poder.

Já para Pizarro (1985), do que se trata é de organizar uma dinâmica:

Constituida por una gran dialéctica de ruptura y continuidad. En ella tendemos a mirar las rupturas: es necesario ampliar la mirada al espacio vasto del tiempo de las sociedades para darse cuenta de la persistencia de la continuidad. Hay un discurso que surge y se va constituyendo como tal en un periodo de lento aprendizaje que es mimético y creativo respecto de su genealogía y que se va moviendo entre dos polos. Se desplaza entre mimetismo y creatividad con voz balbuceante – es la gran estética del balbuceo – y se inserta en la historia particularmente lenta de las civilizaciones, en sus profundidades abismales, en sus rasgos estructurales y geográficos. (PIZARRO, 1985, p. 62)

Trata-se de mostrar uma visão panorâmica do processo de formação e emergência das consciências identitárias na América Latina, por sua vez quer mostrar a especificidade dos múltiplos mecanismos que fizeram possível sua inscrição ou a tentativa é analisar várias regularidades predeterminais em relação com as quais o último estado, longe de constituir o lugar de nascimento do sistema, define-se mais por suas variantes.

O termo *criollo* é utilizado como uma sorte de fixidez, isto é, como a invenção de um marco conceitual que outorga características particulares desde afora – a modo de atribuição – sobre um vasto conjunto de indivíduos, com o objetivo de fixar uma identificação que regule a representação de identidades sociais. Seu uso relaciona estritamente com um processo de nominalização, ou seja, com um processo tropológico que cobre grandes porções do discurso colonial em sua fase primitiva e que se associa à necessidade de dar-lhe um nome à novidade geográfica e antropológica: desde a nominalização étnica-racial, passando pela flora e pela fauna, até as divisões administrativas da coroa. Neste primeiro ciclo, a utilização do nome *criollo* se associa a uma atribuição nominal que a metrópole impõe sobre um sujeito duplo: em primeiro lugar, o escravizado africano de pais africanos, porém nascido fora da África; em segundo lugar e por caráter translático, o europeu branco nascido na América ou *filho do*

*conquistador*. De fato, é a forma na que aparece registrado por Corominas (1961):

Adaptación del portugués *crioulo* 'blanco nacido en las colonias': significó primeramente 'esclavo que nace en casa de su señor' y 'negro nacido en las colonias (a distinción del procedente de la trata) y en consecuencia, es derivado de *criar*. Sólo la terminación ofrece dificultades pero es verosímil que se trate de un derivado de cría 'esclavo criado en casa de su señor' con el sufijo diminutivo portugués -oulo (adaptado después al castellano según el modelo del castellano -illo = portugués -elo). (COROMINAS, 1961, p. 943-4)

Os estudos filológicos e historiográficos dos que dispomos hoje nos permitem datar a emergência do termo por volta de 1560. Lavallé (2000) assinala que a primeira atestação do termo se corresponde como ano de 1563.

Para Morãna (1994),

El discurso barroco se afirma en la representación de las diversas formas de marginalidad criolla impuesta como expresión opocal de la hegemonía imperial. Es a partir de esa representación que el discurso barroco se afirma como discurso reivindicativo. [...] la naturaleza jánica del Barroco se define en América no tanto por el doble enfrentamiento de los resabios de la sociedad feudal y los albores de la modernidad, sino por la vigencia paralela de la ideología hegemónica imperial y la emergente conciencia criolla [...] Es en este sentido que el Barroco consolida su condición fundacional: al manifestarse como momento inaugural en la constitución del sujeto social hispanoamericano. (MORAÑA, 1994, p. 63)

Esta etapa iria desde o final do século XVI, atravessando todo o século XVII. Isto implica que cruza praticamente o conjunto dessa formação discursiva. Funciona como um umbral discursivo e de transição para o período da Ilustração, e o início dos processos de efervescência patriótica pré-revolucionária que conduziriam à formação dos diferentes Estados nacionais da América Latina.

Esse período se caracteriza por um progressivo e às vezes contraditória mudança sêmica na utilização do termo *criollo*, o qual implica uma inversão

semântica que já não define características negativas senão todo o contrário e, ao mesmo tempo, a invenção de um contra-estereótipo amplamente utilizado no México como o de *gachupín* e no Peru *perulero* ou *chapelón*. O processo de mudança desde o estereótipo para sua consciência por parte dos nascidos na América foi sintetizado por Zemskov (1990):

La situación en la vida cultural y social de Hispanoamérica del siglo XVII se determina por la coexistencia de las tendencias opuestas. Unas reflejaban el proceso de la estabilización y de la consolidación del sistema colonial, basado sobre una férrea estratificación socio-nacional, sobre el sistema de las castas. Otras eran ligadas a los procesos del mestizaje étnico-racial, cuyo ritmo, cuya dinámica crecían a pesar de la política colonial de España. Como resultado, la misma noción 'el criollo' perdía su sentido étnico-racial primitivo (el descendiente de los conquistadores) y adquiría un sentido amplio 'El poblador de América'. (ZEMSKOV, 1990, p. 39):

Na sua primeira fase de articulação, esse aspecto se associa às negociações entre as elites americanas e o poder ultramarino: trata-se das estratégias – políticas, ideológicas e retóricas – do *criollo* em sua negociação com a razão imperial. Como afirma Mazzotti (2000), os *criollos* encontraram diversas formas de acomodar-se dentro do sistema burocrático e a organização eclesiástica através de alianças com os peninsulares (aqueles que vieram da Península Ibérica), mas na maioria dos casos destacando seus próprios direitos. Essas negociações implicavam não somente a dimensão econômica, política e administrativa senão, além disso, os posicionamentos identitários dentro da ordem em construção – tanto simbólico como material – entre o império espanhol e a cidade letrada americana.

Este momento histórico de agitação política no qual, como afirma Picón-Salas (1987):

Al espontáneo movimiento de las masas rurales, cuyo instinto de reforma ya prelude algunos de los motivos que se desplegarán en las guerras civiles del siglo XIX (anhelo de igualdad social, quejas contra los usureros y grandes propietarios, resistencia al impuesto, odio contra la arbitraria recluta militar), se suma en los últimos veinte años del siglo XVIII la conjura de los intelectuales y la culta burguesía urbana que empiezan a advertir – como Espejo en el Ecuador, Nariño en Nueva Granada, Rojas y Salas en Chile, Gual y España en Venezuela – que se precipita sobre la historia una profunda época de cambios, y que hay que dirigirla y aprovecharla. (PICÓN SALAS, 1987, p. 36)

Esse terceiro aspecto abarca quase todo o século XVIII e finaliza no início do século seguinte, atravessando as diferentes fases que têm sua origem nas reformas borbônicas de Carlos III, e que desembocarão no longo processo secular das distintas independências nacionais na América Latina.

## **2.2 O Criollo em questão**

Para Spivak (2010), sobre o título que traz do seu livro *Pode o subalterno falar?*, a pergunta e sua conseguinte resposta não deve ser tomada literalmente, já que o argumento geral aponta para o silenciamento estrutural do subalterno dentro narrativa histórica capitalista. É claro que o subalterno fala fisicamente; no entanto, não adquire status de dialógica no sentido de que levanta Bakhtin, ou seja, o subordinado não é um sujeito que ocupa uma posição discursiva a partir da qual pode falar ou responder. Ela sugere, é o espaço em branco entre as palavras, mas isso não significa que o silêncio não exista.

Então, o que não segue na pergunta: pode o subalterno falar? Se situa na crítica do silenciamento que no discurso ocidental europeu supõe a sobreposição de voz na desinstitucionalização legitimadora da palavra do subalterno. Esta ocultação, então, não é dada no plano da existência, mas em termos de representação, mais precisamente, na ilusão de que o subalterno não pode ser representado, poderia falar por si. Mais a quem se dirige essa palavra?, a pergunta seria: quem se constitui no outro interlocutor desse discurso?

Há uma marca de subalternidade dentro de *En este país* que fala sobre a origem da personagem Paulo Guarimba:

¿Qué amo les señaló aquel sitio? ¿Qué amo los cristianó? Porque los Guarimba no lo negaban; los abuelos fueron esclavos, y su vida y suerte siempre estuvo pegada a aquella tierra de la que formaban como árboles que habían visto crecer y los peñascos que rodaron de la montaña. Allí se encontraron con la azada en la mano, el yugo, el arado, el amor y la muerte, Guarimba era ellos, y ellos, Guarimba. Los amos, vedíanles, junto con la tierra y los animales. Ellos pasaban indiferentes de unas manos a otras, convencidos de que, mientras

existiesen, permanecerían unidos a aquella tierra como el alma al cuerpo. Sólo un orgullo les cegaba: ser las mejores azadas, los más listos gañanes, los más entendidos conocedores de las mudanzas del tiempo (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 38).

Mostra uma das características dos *criollos* venezuelanos que são, na sua maioria na época, pobres, iletrados, sem grandes posições na sociedade e não bem vistos pela alta sociedade, levando à ideia do descentramento do sujeito, o que supõe pensar, para Spivak (2010), o papel da ideologia do opressor que faz do sujeito livre, branco e do sexo masculino, o efeito de evidência transcultural, transhistórico e transpolítico. Em suma, ocultar o processo pelo qual o que se apresenta como universal e natural, é, de fato, o produto de um processo histórico.

Bhabha (1994) afirma que a pele é como uma

significante clave de la distinción cultural y racial en el estereotipo es lo más visible de los fetiches, reconocido como conocimiento general de una serie de discursos culturales, políticos e históricos, y representa un papel público en el drama racial que es escenificado todos los días en las sociedades coloniales. (BHABHA, 1994, p. 121)

A cultura como categoria antropológica foi constituída pela ideia de raça, assim como a própria raça foi culturalmente construída. Anunciar o lugar de fala significa muito em termos epistemológicos, porque rompe não só com aquela ciência que esconde seu narrador, como denuncia que essa forma de produzir conhecimento é geocentrada, e se consolidou a partir da desqualificação de outros sistemas simbólicos e de produção de saberes.

Ao enunciar a fala sobre o subalterno gera uma crise e é um dos obstáculos para que a teoria latino-americana contemporânea, que tem buscado repensar a identidade, o hibridismo e a diferença cultural da região a partir do descentramento pós-moderno. Podendo a descentralização ser muitas vezes tomado como uma inversão de valores. Às vezes, as margens passam a centro e o centro a margem, numa celebração liberadora da diferença. Conforme nos explica Moreiras (2001)

A singularidade cultural é o campo utópico do subalternista. O subalternista por definição deixa-se permanecer preso à condição problemática básica de, ao mesmo tempo, afirmar e abandonar a singularidade cultural. O subalternista precisa afirmar e, em seguida, encontrar e representar – isto é, precisamente não “construir” – a singularidade cultural do subalterno, tida como diferença positiva diante da formação cultural dominante. (MOREIRAS, 2001, p. 198)

Neste caso, trata-se de uma investigação atravessada por diversas interrogações, em aparências heterogêneas: a pergunta pelo tempo gramatical e os tempos da história, pelo discurso prescritivo e o discurso científico, pela propriedade e a origem, a unidade e a diversificação, o cânone e a norma, a nação e o império, o valor e o uso da língua se articula em duas partes organizadas segundo espaços geográficos e trajetos históricos comuns mas diversos, e a partir sobretudo de uma matriz compartilhada, que é a que o título do subcapítulo pretende nomear.

O denominador comum é a tematização da língua como problema, em torno a ou a partir de um sujeito de definição também problemática: o *criollo*, essa é a questão. Uma perspectiva ampla, resultado de trabalhos individuais ou em conjunto desenvolvidos ao longo dos anos, que foram convergindo em uma série de perguntas e perplexidades comuns, que finalmente conduzem à improvável tentativa de integrar duas problemáticas fundamentalmente diversas em um mesmo plano: o lugar da língua na constituição dos modernos estados da antiga América espanhola (ou ao menos de alguns deles), e a anomalia *criolla* no discurso das ciências da linguagem (ou ao menos em algumas áreas que lhe competem).

Trata-se, assim a diferença *criolla*: a tradição e a literatura das jovens nações sul-americanas ao longo do século XIX e início do século XX, enfatizando os processos de constituição de um discurso especializado e institucionalizado sobre dito objeto no marco da formação do Estado moderno na América do Sul, sob o signo de uma hegemonia *criolla* (*criollos* brancos, colonos nos termos dos estudos coloniais), em permanente tensão e adaptação, processo no qual cobram especial relevância nos nomes de Andrés Bello<sup>19</sup> e Rudolf Lenz<sup>20</sup>, no Chile, ou as

---

<sup>19</sup> BELLO, Andrés. **Obra literaria**. Caracas: Ayacucho, 1979. Ele nasceu em Caracas, na Venezuela, mas viveu por vários anos no Chile, adotou a cidadania chilena e morreu em Santiago do Chile. Foi poeta, filólogo, educador e jurista. Lutou ao lado de Simón Bolívar pela independência de seu país.

de Miguel Antonio Caro<sup>21</sup> e Rufino José Cuervo<sup>22</sup>, na Colômbia. Encontra-se a tensão entre a construção de um saber especializado sobre o *laboratório criollo* de Claude Hagège<sup>23</sup>, onde a língua do outro foi excluída ou renegada pela máquina colonial do tráfico que deu lugar a toda sorte de especulações acerca da origem e a faculdade da linguagem, e ao mesmo tempo tornou-se espaço de resistência a esse e outros tipos de assimilações<sup>24</sup>.

Há, segundo Foucault (2005), um desprendimento que é possível uma nova empiricidade para a filologia no século XIX. Tem sido tratado da cisma entre a língua e a representação. Esta revolução discreta nos deixa, não obstante, de ser efetiva: “como se, de fato, não houvesse sido todo o modo de ser da linguagem o que se modificou através deles” (FOUCAULT, 2005, p. 275). Haveria, assim, modos de ser, que começando pela linguagem, encontram-se mais estreitamente ligados do que suspeitosos aos modos de sua codificação discursiva.

Fixar um lugar de um texto ou de uma voz com respeito a uma tradição sempre (re)inventada, que é a tarefa comum às trajetórias que aqui se perseguem, a partir da visão filológica-política de Andrés Bello até as diversas tentativas de sujeitar a história da línguas *criollas* ao modelo europeu, uma instância própria do início ou a pré-história das línguas colônias.

Trata-se de realizar incisões de distinta profundidade no discurso da(s) história(s) da língua, a partir de um objeto que reúne, por um lado, a história da relação entre o *criollo*, sua língua e as diversas disputas sobretudo simbólicas no

---

<sup>20</sup> LENZ, Rudolf. **Contribución para el conocimiento del español de América**. Buenos Aires: Universidade de Buenos Aires, 1893. Foi linguista, filólogo, lexicógrafo e folclorista alemão naturalizado chileno.

<sup>21</sup> CARO, Miguel Antonio. **Del uso en sus relaciones con el lenguaje**. Discurso leído ante Academia Colombiana en la Junta Inaugural del 6 de agosto de 1881. Bogotá: Imprenta de Echeverría de Hnos, 1881. Foi humanista, jornalista, escritor, filólogo e político colombiano.

<sup>22</sup> CUERVO, Rufino José; CARO, Miguel Antonio. **Gramática latina para el uso de los que hablan castellano**. Bogotá: Imprenta Nacional, 1867.

<sup>23</sup> HAGÈGE, Claude. **L'homme de paroles**. Contribution linguistique aux sciences humaines. Paris: Fayard, 1986. Linguista francês.

<sup>24</sup> Um dos estudiosos nesta temática é Nadia Altschul (2012), ela redefiniu um mapa de leituras, ao mesmo tempo, pôde implicar necessariamente um pensamento de reflexão no cerne da teoria, não só uma ampliação de seus alcances ou um desvio em seus trajetos habituais, senão fundamentalmente, através deles, a formulação de novas perguntas e a busca de novos diálogos e combinações. Um mapa de leitura renovado, que superou e explicou ao mesmo tempo velhas, aparentemente obsoletas, porém ainda vigentes compartimentalizações do saber filológico, é um dos livros que ela escreveu que pode e deve ser lido para compreender a temática pós-colonial.

processo de emergência e consolidação das antigas colônias espanholas na América, e, por outro, a dos discursos sobre, embora também desde, as línguas *criollas* do Caribe, com especial atenção as de base francesa e ibérica. No caso destes últimos se fazem particularmente visíveis tanto as formas históricas e retoricamente mais reconhecíveis da relação entre língua e colonialismo, como também tensões e sobrevivências mais opacas, intrincadas e complexas, que atravessam o discurso da linguística, da literatura e da antropologia. Embora não seja essa a única voz que se escuta, logo, a mais nítida, posto que seja aquela que conforma a tradição e a linguagem.

A filologia da história como progresso que oficiou de contrapartida as teses de Benjamin, a essa história universal que seguia entendimento como história da luta do homem pela liberdade, aquela que se desenvolve ao ritmo das revoluções burguesas, opondo-se uma revolução de signo muito diferente na noção de pachacuti<sup>25</sup>: a revolução experimentada pelos povos originários da América com a chegada dos europeus. Aquilo que desde a história da modernidade europeia constituiu o momento da fundação, aparece à vista dos vencidos como a catástrofe, o advento inesperado, indecifrável e devastador que vem a interromper o decurso da história. Estas bifurcações do olhar histórico alcançaram aos debates pela língua e fazem a definição da diferença *criolla* que ocupa os distintos desdobramentos do capítulo, desde as distintas formas da herança reclamada entre Europa, América e África até seu correlato, não apenas, gramatical.

Na introdução de um livro, que a partir de uma perspectiva mais próxima da história da cultura planejada como tema a questão do *criollo* desde os anos da colônia, Vitulli e Solodkow (2009) afirmaram uma curiosa e persistente anomalia nos estudos realizados neste campo:

En los análisis historiográficos y en los acercamientos de la crítica cultural sobre la problemática criolla suele quedar excluida una territorialidad fundamental: el Caribe. Es necesario recordar que fue en Haití donde tuvo comienzo la primera revolución independentista de América (1791-1803), liderada por criollos ilustrados, ex-esclavos y mulatos. [...] El caso haitiano pone de manifiesto, en toda su complejidad, las relaciones estrechas entre el uso del tropo criollo, y

---

<sup>25</sup> Foi a luta anticolonial dos povos indígenas Aimara e Quéchua.

las variables culturales de origen étnico y económico que se organizan alrededor de esta figura del discurso continental. (VITULLI y SOLODKOW, 2009, p. 53-54)

Este apagamento não deixa de guardar parentesco com a confusa e contraditória relação do pensamento europeu identificado com o progresso da humanidade para a liberdade e a ordem colonial que lhe oferecia suas condições materiais de possibilidade. De modo semelhante, como estabeleceram Jonh Lipski (1998)<sup>26</sup> e Matthians Perl (1998)<sup>27</sup> para o âmbito da linguística, há um amplo desconhecimento da presença negra no espanhol americano. Pensar estas relações soterradas, naturalmente, não supõe a postulação de parentescos ou filiações de difícil demonstração, porém, sobretudo, o trabalho sobre a diferença. A via de indagação proposta exerce uma deliberada violência sobre a demarcação terminológica necessária a qualquer propedêutica para o estudo do *criollo* na história latino-americana.

Esta distinção à primeira vista nítida entre o *criollo* como síntese nacional da casa dominante, os brancos proprietários, descendentes de europeus assentados ao outro lado do oceano, representantes do impulso civilizador ocidental, e o *criollo* como designação etno-discriminatória do outro, marginalizado ou desviante, não apenas na indicação da corrupção de sua linguagem, porém como estratégia de sobrevivência, selvagem ou primitiva na qual pode observar-se no início da cultura desenvolvida, revelam por sua vez traços de força análogos, movimentos paralelos ou opostos, que se oferecem como constelações propícias para observar a censura ou o desgarre que definem o *criollo* ao mesmo interior da palavra.

A percepção da língua do outro em sua radical alteridade ou em sua inevitável familiaridade tem sido o assunto fundamental que nos ocupará aqui ao transitar distintas instâncias no discurso em torno às línguas *criollas* do Caribe. Como a percepção da linguagem construída, sobretudo, desde o discurso autorizado da preceptiva ou a linguística pode arrastar consigo e ao mesmo

---

<sup>26</sup> LIPSKI, Jonh. "Panorama del lenguaje afrorioplatense: vías de evolución fonética", **Anuario de Lingüística Hispánica**, v 14, 1998, 281-316.

<sup>27</sup> PERL, Matthias. "Introducción", in: SCHEWEGLER, Armin; PER, Matthias (eds.). **América Negra: Panorama actual de los estudios lingüísticos sobre variedades hispanas, portuguesas y criollas**. Frankfurt/Madrid: Vervuert Iberoamericana, 1998.

tempo prolongar assim formas de valoração e hierarquização das línguas cadastradas claramente em discursos historicamente situados, incidindo ao mesmo tempo na vida dos falantes.

Conforme Ennis e Pfänder (2013),

Por un lado, entonces, la lengua de los criollos blancos de América hispanohablante, en la medida en que la misma constituye un objeto de controvertida definición y apropiación en el marco del proceso de formación de los estados nacionales. Por otro, las lenguas criollas del Caribe, surgidas del lado más oscuro del colonialismo y adoptadas por la lingüística como misterio y cifra del límite o el origen del lenguaje, traducido más de una vez como límite u origen de lo humano. (ENNIS; PFÄNDER, 2013, p. 20)

Tem sido a identidade entre ambas as categorias o que aqui se postula, sua coexistência em um processo histórico amplo e a analogia entre os processos de definição, apropriação e valoração que as inserem, que permitem implantar uma superfície comum onde põem em xeque a diferença e obtêm um olhar renovado sobre a língua na história. A utilização da língua como uma das marcas da identidade.

Podemos também encontrar a diferença *criolla* no livro de Ángel Rama (1984, p. 1), intitulado *La ciudad letrada*, que se inicia com uma descrição da cidade latino-americana como “um parto da inteligência”, “o sonho de uma ordem”, cuja representação simbólica antecede a sua realização, o que supõe entre outras coisas a possibilidade de um desenvolvimento prescindível, menos orgânico e mais geometricamente racional no caso das urbes europeias. Essa projeção no mundo de uma concepção prévia aparece, de diversos modos, subordinada às realidades que a precedem e em muitos casos emula desde o mesmo nome: a cidade colonial americana – núcleo civilizador em um meio alheio, bárbaro, que necessita ser modelado – se pensa como periferia das metrópoles imperiais, fontes do poder e a palavra de ordem, referência como modelo e originária constante.

Esta relação epigônica e diferida com o modelo de origem permite pensar a cidade americana nos termos de uma *cidade criolla*, sobre impressão da ordem metropolitana no continente, antes e depois da Independência, onde a

propriedade e a língua (e a propriedade da língua) contribuem visivelmente a traçar os limites do *criollo*.

A eloquente coincidência da aparição em 1492 da “Gramática de la lengua castellana” de Antonio de Nebrija e seu socorrido enunciado preliminar, “la lengua ha sido siempre compañera del imperio”, com a chegada de Cristóvão Colombo à América encontra sua correspondência na que reúne a fundação da Academia Francesa em 1635 com a colonização da Martinica e Guadalupe. Tanto a tradição da gramática de Estado na Europa e América, como as academias reais ou nacionais da língua, ambas as instâncias de normatização, regulação e ordenamento da língua legítima, encontram seu ponto de partida na Europa quase simultaneamente com a abertura do processo colonial.

É curioso observar, nesse sentido, como nas teses acerca da origem da língua dos *criollos* a questão da propriedade, posse ou pureza cujos limites são antes bordas em que ambas se confundem, encontra-se recorrentemente, em seu exame retrospectivo ou em seu planejamento programático. O desejo da propriedade gera a vacilação no momento de uma apropriação verbal que tem sido própria neste sentido uma língua normalizada, adequada para o cultivo das letras e a administração do império, tal é o conselho de Nebrija a Isabel a Católica: “si va a apropiarse de otras tierras, deberá tener una lengua que sus nuevos súbditos puedan aprender, apropiadamente”.

Propriedade e língua definem o limite entre o cidadão *criollo* e seus outros no Chile de Bello, onde a Constituição de 1833 exigia a competência leito-escritura e a propriedade de bens imóveis ou capitais como requisito para ter acesso ao voto. Propriedade e língua se entrelaçam também na sociedade plantacionária que deu origem às línguas *criollas* de base lexificadora europeia no Caribe, margem extrema da metrópole, enxerto massivo também da máquina capitalista exitosa, onde o sujeito *criollo*, no que nos afirma Pére Labat (1984), se definirá por sua relação de propriedade patrimonial (nossos Negros) e a impropriedade linguística (linguagem corrompida):

Tenía un deseo extremo de interrogar a nuestros negros acerca de una cantidad de cosas que veía y acerca de las cuales buscaba ser instruido; pero debí privarme de ese placer, porque se trataba de

negros nuevos que no hablaban más que un lenguaje corrompido, que yo no entendía casi en absoluto, al cual sin embargo pronto nos acostumbramos. (LABAT, 1984, p. 86)

A propriedade da língua define de maneira taxativa os limites entre o *créole* e o *beké* (*criollo* branco, proprietário de terras, bens e homens) não apenas em um mero jogo de variação dialetal, senão no programado estranhamento da língua do colonizador, por exemplo, através da interdição do acesso à leitura e à escritura, e da possibilidade da língua ou da comunicação em si por meio da sistemática separação de famílias e comunidades de língua como recurso para a prevenção de revoltas.

Na obra *En este país*, teremos também um exemplo de como há uma separação entre famílias e suas importâncias para a época:

-En este país, señor Guaro, (y dígalo usted en la primera ocasión que se le venga a manos), lo que se necesita son familias decentes con quienes tratar, porque ya desaparecen las antiguas – espetó a voz en cuello misia Carmen Perules de Macapo. (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 130)

Há uma demonstração clara como as famílias tradicionais e a forma com tratam a sua linhagem dentro da sociedade, uma separação de origem e que as coisas vão perdendo, principalmente os valores das famílias colonizadoras, que por muito tempo usaram a língua como fator decisivo de segregação e rechaçamento contra que fosse de família abaixo de seu *status*, ou seja, a que não fosse espanhola verdadeiramente da Espanha.

O sobrenome *criollo* levava em seus antecedentes a impugnação de toda legitimidade para a reivindicação de tratamento igualitário como irmãos de sangue dos espanhóis. Lembramos que *criollo* vem do português *crioulo*, denominação dos criados *em* e *de* uma casa senhorial, aos domésticos de uma *família* no sentido latino do vocabulário. A dupla preposição (*em* e *de*) cobra sentido assim que o problema da legitimidade e do relato que sustenta a hegemonia *criolla* é o do legado, a herança e a propriedade recebida.

De acordo com Scavino (2010, p. 73), “Los criollos ocupan, en este aspecto, la posición de los hijos no reconocidos y, por decirlo así, desheredados, en la perpetua situación de buscar ese reconocimiento y de reclamar una fracción proporcional de los bienes patrimoniales”. Esta é a herança que busca os filhos dos não ditos reconhecidos pelos espanhóis como filhos também legítimos. É a identidade patrimonial que vem do mesmo sangue, por isso Scavino defende o reconhecimento da origem *criolla* como parte também de um país e de sua descendência.

Já Mabel Moraña (1998, p. 48) caracterizou a posição liminar do *criollo* desde o Barroco, como um setor social que “afirmado a la vez en la herencia, la riqueza y la territorialidad, pugnaba por el reconocimiento social, la participación política y la autonomía económica”. A fixidez que justifica o receio diante do *criollo* e a preservação posto a sua ascensão na estrutura do poder colonial se relaciona precisamente igual ao que aconteceu com o índio na metrópole, com seu caráter de gente forasteira.

Sabe-se também, por exemplo, que os *criollos* não alcançaram cargos de hierarquia eclesiástica ou civil, com algumas exceções. Também existe extensa documentação que demonstra a resistência ao *criollo* dentro do clero regular. Considerava-se que a santidade deste grupo era duvidosa, dado o meio social do qual surgia o *criollo*, denominado pelo afã de êxito e ascensão social, a cobiça e o ressentimento.

O *espanholfobia* inicial dos *criollos* independentes e conceituada a comum identidade de espanhóis e americanos, a continuidade entre conquistadores e *criollos*, apelando a um exercício de sua especialidade, a filologia latina, conforme Caro (1993):

Los romanos tenían una frase expresiva y exacta que, no sin misterio, ha desaparecido de los idiomas modernos – *mores ponere*, fundar costumbres, lo cual es muy diferente de dictar leyes. *Moresque virist et moenia*. Costumbres y murallas, cultura religiosa y civilización material, eso fue lo que establecieron los conquistadores, lo que nos legaron nuestros padres, lo que contribuye nuestra herencia nacional, que puede ser conmovida, pero no destruida, por revoluciones políticas que no fueron transformación social. (CARO, 1993, p. 202)

A forma fundacional da cidade na Academia traduz, coloca em *criollo*, o latinismo *mores ponere* e oficializa a garantia para a continuidade de uma moral comum da linguagem. É curioso observar que a contestação da lenda negra em nome de um humanismo cristão que lança ao outro americano fora da humanidade que limita, encontra um lugar de privilégio no discurso sobre a decadência da língua espanhola, produto do resquício barroco, desde o século XVIII. Há, então, uma tríplice aliança entre lei, língua e religião, ou seja, os elementos fundamentais do Estado trazido pelos colonizadores.

A América espanhola é uma comunidade de nações que possui uma origem e uma constituição racial heterogêneas, uma mesma evolução histórica, um substrato telúrico, uma unidade espiritual, idiomática e um idêntico sentido de vida. Conservam um ethos diferente, semelhantes experiências de valores e práxis de normas comuns, que configura e influencia nos hábitos, as atitudes e os atos morais dos seres humanos. Estes três últimos elementos representam o centro nevrálgico de toda personalidade, tanto coletiva como individual. O primeiro se relaciona com os costumes ou disposições duradouras, ao agir tanto na forma positiva como negativa; assim, chama-se virtude ao hábito adquirido mediante a repetição de atos que facilitam o bem-agir e vício se possibilita o mal. O segundo item se refere à disposição interna, desejo e intenção de atuar corretamente; e o terceiro, a ética, ao agir de forma deliberada.

O ethos hispano-americano se define a partir do aspecto totalizante como a existência de uma personalidade cultural compartilhada por dezenove povos em comunidade de origens, evolução histórica, estruturas e interesses. Martín (1973) resume todas essas características quando nos fala de “nossa América mestiça”.

Tengamos en cuenta que nuestro pueblo no es el europeo, ni el americano del norte, que más bien es un compuesto de África y de América que una emanación de Europa; pues que hasta la España misma deja de ser europea por su sangre africana, por sus instituciones y por su carácter. Es imposible asignar con propiedad a qué familia humana pertenecemos. La mayor parte del indígena se ha aniquilado; el europeo se ha mezclado con el americano y con el africano, y éste se ha mezclado con el indio y con el europeo. Nacidos todos del seno de una misma madre, nuestros padres, diferentes en origen y en sangre, son extranjeros, y todos difieren visiblemente en la epidermis; esta desemejanza, trae un reato de la mayor trascendencia. (MARTÍ, 1973, p. 77)

Fica bem estabelecida na citação que somos algo diferente e superior à soma de todos nossos elementos étnicos. A mestiçagem se poderia definir desde uma aproximação de várias etnias à união de diferentes elementos de uma cultura *criolla*. No entanto, mencionam-se e distinguem-se certas características psíquicas e espirituais que herdamos das diferentes etnias. O índio nos deixa como patrimônio sua tristeza ou melancolia, o sentimento de inferioridade, o pessimismo, o fatalismo e sua sensação de importância diante do meio natural, qualidades que são todas negativas, porque existe uma tendência tão arraigada como arbitrária de considerar o nativo como a síntese de todos os vícios e fraquezas, uma espécie subumana digna da exploração sistemática e da destruição. Podemos citar alguns investigadores que falam sobre a mestiçagem de José Martí, como: John Francis Burke<sup>28</sup> (2007), Javier Ocampo López<sup>29</sup> (2003), Alexander Lipschütz<sup>30</sup> (1967) e Maryse Renaud<sup>31</sup> (2007).

Este critério predomina nos tempos das colônias, apesar da defesa do Frei Bartolomé de las Casas. Ainda, infelizmente, impera esta imagem desvalorizada, pois algumas pessoas o consideram como protótipo do selvagem por sua degeneração e inferioridade naturais. Repete-se esta visão racista aplicada à herança negra, talvez com maior ímpeto, porque a maioria dos estudos consultados a excluem como parte constituinte da personalidade hispano-americana. Há teóricos como Catazas Salcedo<sup>32</sup> (2004), Lamus Canavate<sup>33</sup> (2012) e Nydia Jeffers<sup>34</sup> (2013), que destacam os valores atribuídos à raça africana: sua sensualidade e luxúria, sua forma física versus sua limitada inteligência, sua espiritualidade religiosa e supersticiosa, sua preguiça. Como o índio, estudado

---

<sup>28</sup> BURKE, John Francis. **Los tres paradigmas del mestizaje**: cómo hacer democracia en un mundo transnacional de fronteras permeables. Huelva: Universidad de Huelva, 2007.

<sup>29</sup> LÓPEZ, Javier Ocampo. José Martí, el apóstol de Cuba, maestro de nuestra América mestiza. Tomo 54, no. 2019-220. Bogotá: Boletín de la Academia colombiana, 2003.

<sup>30</sup> LIPSCHÜTZ, Alexander. **El problema racial en la conquista de América, y el mestizaje**. 2. Ed. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1967.

<sup>31</sup> RENAUD, Maryse (Coord.). **La utopía mestiza**: reflexión sobre sincretismo y multiculturalismo. Poitiers: Centre de Recherches Latino-Américaines-Archivos/Université de Poitiers, 2007.

<sup>32</sup> SALCEDO, María Milagros Carazas. **Imagen(es) e identidad del sujeto afroperuano en la novela peruana contemporánea**. Lima: Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 2004.

<sup>33</sup> LAMUS CANAVATE, Doris. Raza y etnia, sexo y género: El significado de la diferencia y el poder. In: **Revista Reflexión Política**, vol. 14, núm. 27, p. 68-84. Bucaramanga: Universidad Autónoma de Bucaramanga, 2012.

<sup>34</sup> JEFFERS, Nydia. **El Protagonista Negro en la Narrativa Antiesclavista Latinoamericana del Siglo XIX**. Lincoln: University of Nebraska, 2013.

por Gilberto Freire<sup>35</sup> (1950) e Avilés y Rosado<sup>36</sup> (1999), minimiza-se sua idiossincrasia e se suprimem suas virtudes, por exemplo, não destacam suas fortes raízes familiares e a importância que lhe atribuem ao parentesco, característica mais distintiva dentro de uma família estendida africana que em nossos campos ainda se vincula como o valor de compradrinhamento, podemos citar Luciane de Souza<sup>37</sup> (2014), Zuleika Miramón<sup>38</sup> (2006) e José Domingo Rus<sup>39</sup> (1995).

Outra coisa muito importante neste contexto foi a língua espanhola dos *criollos* americanos. Encontra-se em um arco temporal que se abre com os primeiros esboços pós-independência na América Sul. O que acontece com a língua e os discursos sobre ela na história destas nações que pretendem gerenciando e negociando posições dentro de suas fronteiras e com respeito aos seus outros, tanto a antiga metrópole como as potências europeias, como também o resto do mundo colonial, definitivamente, que acontece com essa diferença *criolla* na hora de construir o Estado e consolidar a hegemonia.

Há no final da primeira parte de *Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la fe* de Octavio Paz (2001), onde se dá conta da afinidade entre a arte e o Barroco e a sensibilidade *criolla* que fez possível o chamado *Barroco das Índias*<sup>40</sup>, introduziu-se uma forma de problema que se aprofundou dois séculos depois, fazendo-se cada vez mais complexa:

En el siglo XVII la estética de la extrañeza expresó con una suerte de arrebató la extrañeza que era ser criollo. En ese entusiasmo no es difícil descubrir un acto de compensación. La raíz de esta actitud es la inseguridad psíquica. Ambigua fascinación: a la inversa de los

<sup>35</sup> FREIRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**: formação da família brasileira sob o regime de economia rural. Rio de Janeiro: Jorge Olympio, 1950.

<sup>36</sup> AVILÉS, Cecilia Rosado; ROSADO, Georgina Rosado. **La Xtabay**: Mujer, sensualidad y poder en un mito maya un acercamiento a los arquetipos femeninos. Mérida: Universidad Autónoma de Yucatán, 1999. In: < [http://www.mayas.uady.mx/articulos/art\\_02.html](http://www.mayas.uady.mx/articulos/art_02.html)>. Acessado em 23 ago. 2015.

<sup>37</sup> SOUZA, Luciane Bernardi de. "El desarrollo de la conciencia criolla en hispanoamérica y su reflejo en la literatura colonial". In: **Revista Ícone**, v. 14, nov. 2014. In: < <http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume14/el desarrollo de la conciencia criolla en hispanoamerica y su reflejo en la literatura colonial.pdf>>. Acessado em 23 ago. 2015.

<sup>38</sup> MIRAMÓN, Zuleika Cruz. **Literatura y memoria en El monte de Lydia Cabrera**. Quito: Universidad Andina Simón Bolívar, 2006.

<sup>39</sup> RUS, José Domingos. **La representación venezolana en las Cortes de Cádiz**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1995.

<sup>40</sup> É a versão americana do Barroco europeu. Então se produziu um sincretismo singular: a arte europeia se manifestou com um indelével sinal notarialmente americano e com elementos africanos. E o que é o *Barroco das Índias*? O Barroco americano, que é o contexto de *Sor Juana Inés de la Cruz*, embora advém do barroco europeu.

franceses de ese mismo siglo, los criollos se percibían a sí mismos no como la confirmación de la universalidad que encarna cada ser humano sino como la excepción que es cada uno. (PAZ, 2001, p. 86)

Essa estranheza ou diferença diante da universalidade francesa ofereceu um reverso colonial da linha dominante da história da Modernidade ocidental, que, no entanto, não deve confundir em sua denominação com a possibilidade de um binarismo ao que somente bastou descobrir seu rosto oculto para completar a imagem. Esse precisamente é um dos problemas que, surpreendente, enfrentam os estudiosos mais eruditos nas formas da diferença colonial como lado negativo da Modernidade na hora de pensar a estes *criollos* como sujeitos sociais. A pergunta para tal caso seria: Como indexá-los? Colonizadores ou colonizados, chefe de um poder metropolitano ou sujeitos de uma resistência a seu domínio? Nem uma coisa nem outra, ou ambas às vezes, se esse universal europeu aparece no horizonte dos *criollos* que tentam dar forma simultânea a estados e nações, sempre o fará com essa consciência complexada da excepcionalidade, que às vezes se traduz em confusão.

A dita estranheza vai atravessar as diferentes variantes do relato da identidade da elite *criolla*, sobretudo no momento de fixar uma tradição, a norma que a mesma nutre e o arquivo cuja interpretação a sustenta. Figura exemplar destas alternativas na construção às manobras republicanas é a de Andrés Bello, cuja complexa posição do sujeito enquanto alfabetizado *criollo* foi analisada por Altschul (2012, p. 17) a partir de quatro posições: “*criollo* para os espanhóis, venezuelano e/ou chileno para os demais americanos, *criollo* diante das populações ameríndias, *criollo* diante as de origem africana”.

De acordo com versão do relato de identidade que prime em cada contexto, a emancipação se apresenta como forma inversa da conquista ou, de maneira produtivamente contraditória, como volta à Europa. A retórica independentista regava tanto no discurso revolucionário liberal ou até jacobino<sup>41</sup> segundo o contexto, como no rechaço da herança espanhola, alimentado pela chamada *lista negra*. Como afirma Scavino (2010), os *criollos* podiam ao mesmo tempo reivindicar sua irmandade com os demais americanos mediante o direito da terra, todos eram filhos do chão que pisavam, enquanto o direito de sangue completava seu legado ao fazê-los herdeiros também do direito de conquista dos

<sup>41</sup> É um indivíduo de um partido francês da época da Revolução Francesa.

espanhóis agora rechaçados. Simón Bolívar em 1819 afirmou em seu discurso no Congresso de Angostura, integrando o início de uma longa cadeia de aplicações do modelo romanístico:

los criollos se encuentran en situación análoga a la de las provincias romanas tras la caída del Imperio, y aún en mayor desventaja, ya que nosotros ni aún conservamos los vestigios de lo que fue en otro tiempo; no somos europeos, no somos indios, sino una especie media entre los aborígenes y los españoles. (BOLÍVAR, 2011, p. 8)

Essa dupla relação de procedência funda a estranheza que faz desejar o horizonte europeu de universalidade e a ilusão de um decurso unificado da história que este oferece. A dupla relação da identidade americana no período pós-independentista permitiu elaborar um relato hegemônico, primeiro sentido da longa tradição americana da relação, que articula esse duplo vínculo de acordo a oportunidade, duplo vínculo que às vezes volta a duplicar-se na imagem passada e presente dos, fundamentalmente, dois outros desse *eu americano, criollo*: o espanhol e o índio, segundo sentido da relação tanto o *criollo* é, sobretudo, um termo relacional. Essa duplicidade que se define o lugar do alfabetizado *criollo* nos momentos fundacionais ou de consolidação do estado-nação moderno nas antigas colônias espanholas.

Esse duplo movimento se realizou a partir de uma condição epistemológica, às vezes dupla, presente na maior parte dos letrados hispano-americanos a época, que permite articular o duplo saber do nativo e o europeu, constituindo-se a si mesmos no lugar de uma enunciação pela que circulam os saberes em uma relação que desejam desigual, pois conhecem o nativo, mas o subordinam ao saber eurocêntrico. Alguns dos teóricos que estudam Simón Bolívar sobre o *criollo* temos Gustavo Pereira<sup>42</sup> (2013), Diego Tagarelli<sup>43</sup> (2009) e Francisco Pividal<sup>44</sup> (2004).

---

<sup>42</sup> PEREIRA, Gustavo. **Simón Bolívar, escritos anticolonialistas**. Caracas: Ediciones Correo del Orinoco, 2013.

<sup>43</sup> TAGARELLI, Diego. **Bolivar: pensamiento anticolonialista del continente criollo**. Bogotá: Globalización, 2009.

<sup>44</sup> PIVIDAL, Francisco. **Bolívar: Pensamiento Precursor del Antiimperialismo**. Caracas: Dirección Nacional de Ideología y Formación, 2004.

Há também o surgimento das línguas *pidgins*<sup>45</sup> e *criollas*, onde a definição é simples e contundente, como o tom enciclopédico o exige: circunstância e causas. O notável é o modo no qual passa por alto a curiosidade específica que dar seu lugar particular aos *criollos* na história das ciências da linguagem, tanto mistério ou revelação da história ou a língua mesma, dentro e fora de suas genealogias, para ir diretamente as circunstâncias históricas de sua emergência. O lado escuro da modernidade feito parte do raciocínio: as línguas *criollas* são a consequência da conquista do mundo por cinco nações europeias. Esse modo de incluir a história pode lembrar acaso explicações de fundo político da história linguística que introduz como a conquista do mundo pelos povos de língua indo-europeias que até hoje foram adiante na aplicação de certas superioridades técnicas ao serviço da violência.

Para Martinet (1997, p. 19), esse caminho de violência “comenzó con la subyugación de las poblaciones preexistentes, desde la India a Irlanda”, logo abarcará todos as fases das distintas etapas do imperialismo ocidental. A incorporação da história ao raciocínio linguístico, ou seja, a discussão de uma razão linguística no estudo dos *criollos* existentes.

As línguas *pidgins* e *criollas* são línguas desenvolvidas a partir da necessidade de comunicação entre pessoas que não falam a mesma língua, por exemplo, entre os trabalhadores das plantações, de diversa procedência geográfica, nas colônias inglesas ou francesas dos séculos XVII e XVIII. Línguas estranhas entre si em um contexto novo para todas, em um intercâmbio inesperado, que quebra com toda a familiaridade.

Os *pidgins* iniciam a formar-se quando estas pessoas desenvolvem rotas primárias de comunicação verbal, frequentemente mediante o uso de palavras e orações aprendidas de outras línguas, normalmente do chamado *lexifier* ou superstrato, cujo conhecimento se supõe no interlocutor. A combinação destas rotas individualizadas da comunicação é chamada de *pré-pidgin*. Quando os

---

<sup>45</sup>Também chamado de língua de contato, é o nome dado a qualquer língua que é criada, normalmente de forma espontânea, de uma mistura de outras línguas, e serve de meio de comunicação entre os falantes de idiomas diferentes. Os *pidgins* têm normalmente gramáticas rudimentares e um vocabulário restrito, servindo como línguas de contato auxiliares. São improvisadas e não são aprendidas de forma nativa. Os *pidgins* podem desenvolver-se e tornar-se línguas crioulas. Para tal o *pidgin* terá que ser aprendido de forma nativa por crianças, que então generalizam as características de um *pidgin* para uma gramática, completa e estabilizada. Neste estado a linguagem não é um *pidgin*, e adquiriu a complexidade comum de uma língua humana, e tornou-se um crioulo.

grupos permanecem em contato, ou quando alguns grupos começam, no que constitui um passo prévio ao *pidgin*, a utilizar o chamado *pré-pidgin* como meio cotidiano para a compreensão mútua, podem desenvolver certas convenções comunicativas que resultam em uma nova língua: o *pidgin*.

Uma vez que já tomou forma um *pidgin* estável, este tem sido aprendido normalmente como língua acessória, somente utilizada para a comunicação além do grupo que pertence. Seu vocabulário se mantém reduzido e possui uma escassa morfologia gramatical, se é que a tem. Os *pidgins* têm dois cenários fundamentais para a sua emergência: o comércio e o colonial. Em um cenário comercial, os falantes dão forma a uma nova língua a partir de fragmentos soltos das línguas de cada grupo, que lhes ajudam a resolver colaborativamente as situações de negócios que lhes competem. Muitos *pidgins* conhecidos, não obstante, surgiram em cenários coloniais.

Em outros cenários, o uso diário de um *pidgin* em uma comunidade mista nova leva a que alguns de seus membros façam dele sua primeira língua ou materna, a que falam com os seus filhos. Em consequência, as crianças que cresceram neste contexto terão o *pidgin* estabilizado como língua materna, que finalmente se converte na língua da comunidade. Neste estado, então, já se fala de uma língua *criolla*. A diferença do *pidgin* e do mesmo que qualquer outra língua, o *criollo* tem um léxico e gramática completos e não está restringido no uso, salvo por decisões de ordem estritamente política: todos podem expressar-se em bom *criollo*.

A maior parte do léxico de uma língua *criolla* provém de uma das línguas em contato, o chamado *lexifier*, que às vezes recebe o nome do antigo superstrato, quase sempre a língua do grupo dominante na situação de contato, quase sempre uma língua colonial.

A antropologia e a sociologia pós-moderna e o pós-estruturalismo têm criticado e rejeitado discursos sobre a cultura, em que este conceito está associado com a ideia de coerência, homogeneidade, unidade, permanência, etc. Entre outras coisas, porque não se dar atenção para o problema do poder e os antagonismos sociais, de gênero e étnicos. Dentro do amplo quadro que constitui o pós-estruturalismo e o pós-modernismo desenvolveram diferentes discursos aos do configuracionismo e funcionalismo. Nos discursos pós-modernos sobre a

cultura e identidade, estes estão associados ao sincretismo, ao hibridismo, a desordem, a contingência, a heterogeneidade, etc.

Hall e Gay (2003), por exemplo, descrevem como a identidade, tanto pessoal como coletiva, experimentou grandes transformações na sociedade da modernidade tardia, devido à globalização, o enfraquecimento dos estados nacionais e mudanças permanentes e rápidas. Eles argumentam que as identidades nos entregavam um enraizamento, como a nacional, a étnica, a classe ou nacional, encontram-se hoje fragmentadas e deslocadas e a nossa experiência como sujeitos centrados foi prejudicada. Na descrição de Hall e Gay (2003), o sujeito pós-moderno não tem uma identidade fixa e essencial. A identidade é mais bem construída, móvel e se forma, como também se reforma em relação como os sistemas culturais que nos rodeiam e nos representam, nos desafiam.

A linguagem é um dos meios, através do qual os pensamentos, ideias e emoções são representados em uma cultura. As funções da linguagem como um sistema de representação que o homem usa símbolos para representar conceitos e ideias. Cada texto produz sentido. Seguindo a linha de pensamento desenvolvido por Hall e Gay (2003), usar uma abordagem construcionista compreende que o sentido é construído e mediante a linguagem.

O fato de que se constrói sentido por meio de sistemas de representação não implica que não existe um mundo material e real, somente que este não tem sentido por si só, senão que as significações as concedemos mediante o sistema de linguagem (ou outro sistema) que usamos para representar os nossos conceitos. Também não quer dizer que não há total liberdade com respeito ao sentido, se não, não poderiam se comunicar.

Bhabha (1994) expõe o imperativo conceitual e a consistência política do projeto intelectual pós-colonial. Em uma fascinante série de ensaios que explicam por que a cultura ocidental moderna deve ser relocalizada desde uma perspectiva pós-colonial. Bhabha comenta sobre escritores tão diversos como Morrison, Gordimer, Conrad e Walcott. Retorna para os arquivos do motim indiano e retoma o traumático espaço de *Os Versos Satânicos*. Volta a pensar as questões de identidade, instituição social e afiliação nacional.

As colônias produzem cultura, enquanto os centros metropolitanos produzem discursos intelectuais que interpretam a produção cultural colonial e se reinscrevem novamente como o único lugar de enunciação. Assim, a leitura a partir dessa perspectiva de transferência, quando o Ocidente retorna a própria razão, após longos períodos de relações coloniais, podemos ver como a modernidade e a pós-modernidade têm sido de uma perspectiva marginal, a cultura da diferença. Bhabha (1994) esclarece que

Estas mesmas (a modernidade e a pós-modernidade) como narrativas encontraram dentro de suas próprias contingências, o ponto de sua própria diferença interna, de estar dentro de suas próprias sociedades, reiterando os termos da diferença do outro e alteridade do local pós-colonial. (BHABHA, 1994, p. 196)

Os argumentos utilizados se dirigem para a interpretação diálogo conflitivo do Ocidente consigo mesmo, uma vez que neste espaço as heranças coloniais parecem perder o seu efeito. Por isso, a reflexão na leitura do texto Bhabha onde as atuais diferenças dentro dos territórios ocidentais globalizados reconhecem o lugar do pós-colonial, como espaço que analisa as relações que construíam a modernidade e que aparecem sob as diferenças em tempos pós-modernos, diferenciando-se da herança colonial e desde áreas geo-culturais que compõem essas diferenças.

A afirmação de um lugar de pós-colonial e de sua alteridade, de uma situação de tipo único das heranças coloniais e da homogeneização destas, dentro dos discursos dominantes, trouxe consigo uma translocação de conhecimentos, de uma série de saberes teóricos dentro das áreas previamente colonizadas.

Tais conhecimentos e bases teóricas aparentemente includentes das realidades marginalizadas, pretendem capturar e refletir, o referente sobre as várias ações que foram estabelecidas e diferenciadas dos centros dominantes no que diz respeito às áreas estabelecidas como marginais, periféricas ou subalternas, pelos processos de colonização. Esta certeza pós-colonial dominante certamente não atende de forma específica à periodização e a formulação das heranças coloniais específicas, evitando assim a particularidade e

a localidade que trata evidenciar nos diálogos contemporâneos sobre o tema, a partir de várias áreas consideradas sob a enunciação do pós-colonial.

A inclusão da instrução e a liberação da luta dos *criollos* venezuelanos são perniciosas para a classe dominante. O vínculo nas fazendas e a devida instrução que poderia ser dada geraria a luta dos trabalhadores estaria localizada no desejo de acabar com o poder de qualquer local de sua aplicação. Esse lugar se baseia aparentemente em uma simples valoração de qualquer sujeito destruidor de qualquer poder dominante.

Uma das características dos primeiros anos da Revolução de independência foi a baixa participação do povo, já que muitos não sabiam o que teriam com melhoria educacional, econômica e social. Os setores populares foram no início indiferente e, em muitos casos contrários, a uma revolução que não significa a emancipação social do povo venezuelano, mas consolidando seus exploradores imediatos os padrões *criollos*, com mentalidade europeia. Esta situação mudou, em parte, quando os espanhóis começaram a Reconquista, não por causa de uma mudança da burguesia local, mas um fenômeno de reação das camadas pobres contra os abusos dos espanhóis durante a guerra. Há, portanto, duas fases principais em termos de participação do povo no processo de independência: o pensamento imposto durante a colonização e o pensamento dos libertadores.

A formação da cultura, especialmente a do conhecimento, foi moldada, na Venezuela, por diversas correntes de pensamentos externos que correspondem a diferentes períodos históricos vividos, para mencionar as mais importantes: o pensamento imposto durante a colonização e o pensamento dos libertadores (que por sua vez está inserida do pensamento humanista principalmente europeu na época), e o pensamento mais recente que correspondente à fase de modernização.

Em relação com a fase de modernização, compartilha-se a visão de um grupo de pesquisadores venezuelanos que são de instituições públicas venezuelanas, e da maior parte dos países subdesenvolvidos são o resultado da tentativa de transplantar as instituições da Europa moderna nesta parte do novo mundo.

Em uma das passagens no livro, formaliza como a classe dominante coloca no discurso dos trabalhadores que eles são inferiores, feios e sem educação: “El cuido, Josefina, el cuido los ha hecho mansos y bellos. Los criollos eran unas fieras, los americanos unos esqueletos, inquietos y golosos cuando llegaron a mis manos” (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 77).

Tradicionalmente, foi o mundo ocidental que possuiu o poder de escrever a história e definir o desenvolvimento da mesma e por isso a história sobre o terceiro mundo, em grande parte, está escrita por um operador externo, como no caso desse fragmento.

### 2.3 O Criollismo na Venezuela

A partir de 1860 e em um contexto positivista, entre os escritores venezuelanos começaram a produzir o descobrimento do mundo venezuelano, o inerente ao homem, à natureza, aos costumes e a sua linguagem. Um dos romances que marca de que maneira o *criollismo* se fixa e transforma na literatura venezuelana é *Peonía*, de Manuel Vicente Romerogarcía, publicada em 1890. Para muitos críticos, este romance assinalou a aparição de um modelo no que se põem em jogo elementos como o ambiente, as personagens-símbolos e as descrições do realismo *criollista*, uma vez que criou uma temática e uma fórmula que foram usadas por romancistas posteriores.

De acordo com Díaz Sánchez (1966),

El cambio de las estructuras socio-políticas, la difusión de las doctrinas socializantes y otras influencias análogas recibidas do exterior, determinan, a partir de los años 30, un notorio viraje hacia la literatura teórica que busca sus modelos en las corrientes más revolucionarias, aunque no siempre aplicables a la realidad del país. En Venezuela este movimiento coincide con el cambio de signo económico que se desplaza del agro al petróleo. (DÍAZ SÁNCHEZ, 1966, p. 73)

No imaginário dos intelectuais também está presente o *ouro negro*, ou seja, o petróleo, posto que a transformação econômica que gerou sua produção também aparece ter sucumbido as artes e, especialmente, as letras. A literatura é

uma forma de interpretação e explicação da realidade e pode constituir-se em base fundamental para o programa de uma estratégia inovadora e alternativa para aprendizagem de uma teoria que também incluía a história venezuelana dentro do contexto latino-americano, frente ao discurso linear, ou seja, o discurso do colonizador, eurocentrista através do discurso literário determinado, desde um ponto de vista crítico e global.

Grande parte da intelectualidade e a crítica venezuelana sustentaram que, início do século XX, começou a existir a necessidade consciente de constituição de uma literatura venezuelana, de uma literatura nacional. Necessidade que se traduziu na união do costumismo e o romance realista do século XIX, representada em figuras como Rómulo Gallegos, José Rafael Pocaterra, Rufino Blanco Fombona e Urbaneja Achelpohl.

O início da década de 1930 pôde reconhecer um momento de atividade literária ascendente e mais constante em termos de produção. Por exemplo, publicou-se *Doña Barbara* (1929), de Rómulo Gallegos, romance central e emblemático da literatura nacional venezuelana, no qual, além do quadro de costumes, colocou-se o tema político, tópico inevitável desde meados do século XIX em diante, porém desprovido de conteúdo ideológico, já que o escritor venezuelano desse período se deteve na anedota política de acordo com sua própria experiência, por isso as personagens foram quase sempre responsáveis, em diferentes níveis, da organização política nacional: chefes civis, presidentes de coturno (generais e ditadores), ministros, deputados, senadores, conselheiros ou alguma figura diplomática. Ou seja, a própria experiência de funcionário de governo ou de diplomático se trasladava à trama dos relatos de maneira descritiva, anedótica, se cabe, onde em todo caso ou eventualmente podia variar segundo seja a especialidade, empréstimo de governo ou país de destino.

A modalidade consistiu em pôr no papel a própria prática diplomática ou de funcionário e apenas isso. Não se denunciava nem se ideologizava o relato, descrevia-o, estigmatizava-o em termos a costumismo ou folclore. A presença da temática política seguia caracterizando a narrativa das três primeiras décadas do século XX. Um exemplo e inclusão da temática política e de figuras políticas na literatura venezuelana, porém que teve como objetivo ser um panfleto político

contra a figura de Cipriano Castro<sup>46</sup>, é o romance *El cabrito* (1909), de Pio Gil<sup>47</sup>, pseudônimo de Pedro María Morantes (1865-1918), nele a personagem principal é o próprio Castro.

A variável mais importante que produziu a inclusão do tema político e social, não apenas como descrição, mas também como posta em questão de uma mudança social, cultural, geográfica e econômica e que, uma vez, em palavras de Picón Salas (1980), fez que a Venezuela e sua sociedade deixassem de ser um país totalmente medíocre e atrasado, foi a exploração do petróleo.

Se deixássemos de lado as impressões e os artigos publicados na Venezuela antes de 1845, poderíamos dizer que a aparição nesse ano de “Un llanero en la capital”, tipificado pela crítica como um artigo de costumes, de Daniel Medonza, constituiu o primeiro marco venezuelano importante a partir do ponto de vista literário, e para efeitos de desenvolvimento da escrita, no início da corrente *criollista*, privilégio que no caso do romance nacional lhe correspondeu a *Peonía*.

O surgimento do romance venezuelano como gênero esteticamente importante, que começou a trabalhar a ideologia de forma crítica, com independência do artigo de costumes e da crônica, perceptível mais como documento de história social que como formatos literários, pôde ser indicado entre 1890 e 1910, lapso que, igualmente, se constituiu o topo para a imposição da estética modernista no país. Dessa conjunção histórica que permitiu integrar para a literatura venezuelana noções como as de costume, nativismo, *criollismo*, regionalismo e realismo, e fazê-las coincidir no modernismo. Não podemos divorciar do *criollismo* o modernismo, ambas as tendências que, também muito apegadas ao realismo costumista, tiveram um importantíssimo enraizamento no marco de toda narrativa do século XX. Picón Salas (1980), por exemplo, afirma que

Despunta hacia el 95 una gran generación que es a la vez cosmopolita y nativista; que estudia en los grandes maestros extranjeros –señaladamente en los de Francia – la técnica de la

---

<sup>46</sup> Foi um militar e político venezuelano que se converteu em Chefe e Estado entre 1899 e 1908, primeiro presidente após o triunfo de uma guerra e desde 1901 como Presidente Constitucional da Venezuela.

<sup>47</sup> Pio Gil foi um dos tantos escritores exilados, a quem lhe impediram de voltar ao país. Em 1917, um ano antes de sua morte divulgou seu poema “Lira anárquica”, onde convidava ao tiranicídio.

nueva literatura y que con renovada fuerza y estilo emprende con más definida especialización literaria, el descubrimiento estético de nuestro país. (PICÓN SALAS, 1980, p. 8)

Também ratifica Medina (1993, p. 139), para quem “criollismo e modernismo não se excluem”. Isto permite localizar o problema de estudo, no caso o romance venezuelano modernista-*criollista*, como uma prolongação que nasceu no costumismo, a partir dos meados do século XIX, e se projetou até o fim do século XX e início do atual, sem implicar a extinção nem a ruptura afirmada por Díaz Seijas<sup>48</sup>. Trata-se, então, de uma linha de continuidade que se vai modificando de acordo com as motivações do contexto.

Urbaneja Achelpohl foi o grande teórico, escritor e pai do modernismo criollista na Venezuela, foi um dos que fez a literatura a partir da explicação de uma proposta estética. Feito que poucos anos depois se repetiu na defesa que seu modo de fazer literatura fez José Rafael Pocaterra.

Narrador e ensaísta relevante, tanto de *El cojo ilustrado* como *Cosmópolis*, Carrera (1976), viu em Urbaneja Achelpohl o antecessor mais importante de Rómulo Gallegos, apesar de que a difusão de seus contos se fez principalmente através de publicações periódicas. No início do século XX, apenas se pode resenhar a edição do livro *Los abuelos*. A verdadeira compilação de sua obra narrativa é de 1945<sup>49</sup>. É além de ser autor de um dos romances venezuelanos mais importantes do século XX, *En este país*, o texto narrativo nacional que de maneira mais fidedigna representou a estética do *criollismo* venezuelano. Nela se integram magistralmente a temática local, o léxico vernáculo do país, as personagens *criollas* e o contexto político-social, o momento histórico em que se desenvolveu a Venezuela pós-colonial e pré-petroleira, em uma estrutura narrativa que não deixou dúvidas sobre sua marca abertamente regionalista.

Urbaneja Achelpohl foi considerado pelos estudiosos venezuelanos como o contista do modernismo no país por excelência, razão pela qual José Fabbiani

---

<sup>48</sup> Escritor, ensaísta, pedagogo, jornalista, crítico literário, humanista e professor universitário venezuelano, integrante do número da Academia Venezolana da Língua e membro correspondente da Real Academia Espanhola. Foi uma das figuras mais notórias, no campo intelectual, da segunda metade do século XX, de seu país.

<sup>49</sup> URBANEJA ACHELPOHL, Luis Miguel. **El criollismo en Venezuela, en cuentos y prédicas**. Caracas: Editorial Venezuela, 1945.

Ruiz<sup>50</sup> considera o grande iniciador do conto e o pai do *criollismo* na Venezuela, fato que veria a confirmar um vínculo com os primeiros costumistas. Sua bem definida estética defensora do nacional debateu-se, no entanto, em uma dicotomia estilística que pode ser localizada entre o *criollismo* e o denominado realismo crítico, bastante apegado ao naturalismo, porém comum um ponto de partida fundamentalmente local: “El mirar los patrios asuntos alejados del arte, siendo productos nuestros, es un defecto de mera interpretación debido a una ligera falta de sensibilidad al medio”. (URBANEJA ACHELPOHL, 1987, p. 85)

Seu conto *Ovejón*, publicado pela primeira vez em 1914, é o mais conhecido do autor, é o exemplo mais claro da fusão desses elementos. Parte o narrador de uma simples e exemplar cena na que um mendigo doente de uma perna é auxiliado e curado por um estranho, que finalmente resultará ser o mítico bandido do povo conhecido como *Ovejón*. Diante da criação de um conflito de interesses surgido na mente do mendigo ao inteirar-se de que por aquele bandido oferecem uma recompensa que lhe alcançarão para sanar todos seus males, o esfarrapado agradecido decide salvar a pele da única pessoa que teve pena dele.

O texto não deixa de ser moralizante, mas não se pode esperar menos de um autor próximo ao realismo crítico. E muito mais que isso, teria que se prender tanto no estilo global do texto, escassamente retórico, sem exagerações metafóricas, como no modo de conduzir a anedota. Texto de ambiente camponês, absolutamente *criollo*, de acordo com o modo como seu autor entendia sua adesão e defesa do *criollismo*: “si cultivamos una literatura nacional acentuaremos nuestro carácter, teniendo siempre fijos ante la masa común, usos, costumbres, modos de pensar y sentir” (URBANEJA ACHELPOHL, 1987, p. 96), é certo que há em *Ovejón* algumas adjetivações típicas do preciosismo modernista: “feraz comarca”, “crepúsculo de seda”, “luego atardeceres”, “dulcedumbre pastoril”, “...el nenúfar de los ríos criollos comenzaba a entreabrir sus anchos cálices sobre las aguas tías”.

E embora as mesmas não vão mais além da parte do conto que corresponde à descrição do marco em que se desenvolvem as ações, ou seja, do primeiro parágrafo da segunda parte, servem para confirmar que tanto a estética como historicamente o modernismo e o *criollismo* venezuelano se fundem sem

---

<sup>50</sup> Escritor venezuelano. Foi um dos primeiros graduados em Letras na Universidade Central da Venezuela, e posteriormente passou a ser docente desta, onde se dedicou à crítica literária.

contrapor-se. A partir daí uma vez iniciada a reaparição da personagem principal, o mendigo, o narrador colocará a tônica final sobre a história que originou o relato, no fato em que se evidencia para o leitor a maestria narrativa no uso dos diálogos, que até agora não tinha apreciado em nenhum dos contos anteriores, estratégia discursiva que alcançaria seu máximo esplendor no conto do mesmo autor “Upa, Pantaleón, upa”, publicado em 1915.

No próximo capítulo vamos falar sobre a língua como instrumento de identidade do *criollismo*, como é entendida e quais os discursos foram utilizados nas línguas dos opressores e oprimidos.

### 3 A LÍNGUA COMO INSTRUMENTO DE IDENTIDADE DO CRIOLLISMO

O objetivo deste capítulo é apresentar uma noção de como é entendida a língua espanhola os *criollos* americanos e os discursos utilizados na língua dos colonizadores e a língua dos colonizados.

A origem da Venezuela se iniciou no ano de 1528, quando se fundou a primeira província venezuelana chamada a província Venezuela ou Caracas, a qual compreendia desde o centro até o ocidente da atual Venezuela. Esse ano é muito importante, pois a partir daí surge um processo de adição de outras províncias as quais passariam com o tempo a formar a nação venezuelana. O processo de fundação da primeira província venezuelana surgiu logo que os conquistadores espanhóis, ou seja, os opressores, abriram passagem da costa ocidental sujeitando diversas tribos ameríndias, conquistando e fundando assentamentos. Durante todo o período da conquista e durante a colonização espanhola dos territórios indígenas se produziu um dos mais notáveis traços da cultura venezuelana e latino-americana em geral, como foi a mestiçagem. Conjuntamente com os brancos e índios, introduziu-se nas províncias venezuelanas escravizados negros, os quais os traficantes capturavam na costa oeste africana ou os negociavam com as autoridades desses reinos. A mestiçagem foi a consequência de maior alcance social e cultural da conquista, a mistura física e cultural dos três grupos étnicos tem sido o que definiria a longo prazo o que conhecemos como cultura venezuelana.

A mistura das três culturas distintas, a ameríndia, a africana e a espanhola produziu a aparição de uma nova sociedade chamada *criolla* ou venezuelana. Estas três culturas eram marcadamente diferenciadas devido ao isolamento que tiveram entre si desde o início da humanidade. De fato, quando os exploradores espanhóis chegaram às ilhas do Mar do Caribe, estes ignoravam a existência não só do continente americano, mas também de todos os seus habitantes e sua cultura. Para entender a origem cultural da sociedade venezuelana, deve-se conhecer em primeiro lugar as características mais ressaltantes das três culturas que a formaram.

A diversidade cultural e linguística está intimamente relacionada já que as línguas representam e transmitem toda uma riqueza e a idiossincrasia mais

profunda de um povo. Falar de diversidade linguística é referir-se às diversas formas expressivas e práticas comunicativas que conformam o mapa cultural de uma nação.

Na Venezuela, coexistem diversas línguas minoritárias junto com o espanhol, falado pela maioria numérica da população nacional, não obstante, não se chegou a um consenso sobre o número de línguas. Apesar da falta de exatidão na quantidade de línguas faladas, a população indígena que está presente em oito estados é sinal da existência de ao menos 32 línguas indígenas. Outras línguas minoritárias que se somam a este marco e multilinguismo são as de base *criolla*, e um dialeto alemão que permaneceu completamente em um povo das montanhas costeiras entre 1843 e 1950.

A diversidade linguística da Venezuela está diminuindo aceleradamente, a vitalidade das línguas minoritárias se aprecia mediante os principais fatores de risco. Apenas 3 línguas estão sendo transmitidas de geração a geração sem que seja afetado o seu uso dentro dos diversos contextos sociais e culturais, ainda assim apresentam tendências a mudança, bem seja por uma constante interação com grupos indígenas localmente dominantes ou têm uma população muito pequena reunida a uma rápida transculturação. 16 línguas apresentam de forma generalizada um rápido incremento do bilinguismo passivo entre os mais jovens e uma crescente emigração urbana, a porcentagem de falantes monolíngues do espanhol aumentou consideravelmente em décadas recentes. 15 línguas se encontram em estado crítico, seus falantes usam cotidianamente outras línguas, deixando as ancestrais com um âmbito de uso muito restrito e já não as transmitem para as crianças.

As línguas e as produções intelectuais de seus falantes são inseparáveis, representam gerações de sabedoria e são um componente cultural fundamental para acessar, transmitir, conservar e desenvolver os aspectos históricos e os conhecimentos ambientais. A perda de uma língua ancestral acarreta a perda irreversível dos conhecimentos, crenças, valores e práticas codificadas nela. A homogeneização e a erosão linguística aceleram a perda do patrimônio linguístico.

A manutenção, promoção ou abandono de uma língua em perigo por parte de sua comunidade de falantes pode depender da cultura linguística dominante, o marco legal venezuelano introduz traços inovadores e de progresso em prol da

defesa e conservação das línguas indígenas, porém não outorga a atenção que requer a perda linguística. Uma das respostas à crise da diversidade linguística aponta a documentar as línguas e conservam um registro delas, a maioria das línguas minoritárias venezuelanas documentadas, esta árdua tarefa tem sido necessária para ao menos 28 das línguas que se falam no país. O registro linguístico é mais útil quando se considera sua pertinência para a comunidade de falantes mais além de um projeto de estudo.

As línguas indígenas e híbridas, chamadas *línguas criollas*, faladas na Venezuela constituem sua principal fonte de diversidade linguística. O país conta com uns 32 idiomas indígenas e duas línguas criollas, o *Yeral* ou *Ñengatú*, de base tupi-guarani, e o *Patois de Pária*, de base francesa. Além disso, sobrevive, sob séria ameaça, o alemão *Coloniero*, uma variante local do alemão que falavam os 400 camponeses imigrantes provenientes das montanhas de Kaiserstuhl, na Alemanha.

A língua *Yeral*, conhecida como língua geral amazônica, se falava no Alto Maranhão, no Brasil, em Vaupés, Colômbia, e no Amazonas, na Venezuela, por volta de cinco mil pessoas. É um rudimentar *pidgin* embasado nas línguas tupi-guarani. Em seu momento esteve em uso na costa e no interior do Brasil, mas atualmente perdeu rapidamente campo diante do português.

Fala-se (*ñengatú, nheengatu, yeral, geral*) no estado venezuelano do Amazonas, na fronteira com o Brasil, na área do rio Negro, no curso inferior do Guainia, na Colômbia. Usou-se como língua franca desde o final do século XVI em diante, foi utilizada pelos jesuítas para catequizar. Foi língua falada pelos *kurripako, baniva, naré, tucano, warekena, puinave, guahibo* e *yavitero*. Embora hoje restem muitos poucos falantes, se é que fica algum, na Venezuela. A língua está seriamente ameaçada. Fala-se no estado brasileiro do Amazonas. O *ñengatú* é uma versão *criollizada* do tupinambá, que se expandiu desde a costa leste por meio dos comerciantes e missionários.

Outra língua *criolla* na Venezuela é o *Patois de Güiria*, do estado de Sucre. A ponto de desaparecer, o *patois* do sul da península de Pária é um dos últimos vestígios a presença francesa nesta região. A migração forçada de africanos, a economia de plantações e a luta entre as potências europeias pela hegemonia no Caribe fazem possível o surgimento das línguas *criollas* caribenhas. Estas

línguas representam a fusão cultural do mundo europeu e africano que tem como cenário principal as Índias ocidentais.

O abandono por parte da Espanha das Antilhas menores provou o enfrentamento de Inglaterra, França e Holanda nestas posses insulares. O ponto de contato mais próximo entre terra firme e os franceses e ingleses era justamente a península de Pária.

A primeira aproximação se produziu no século XVI quando os franceses, buscando estabelecer em terra firme, mantiveram relações comerciais com os caribes que tomam o olhar de aliança contra o Império espanhol. Este primeiro contato apenas produziu consequências relevantes. No que se refere na comunicação ficou a dúvida sobre o código linguístico utilizado pelos caribes e franceses.

Os eventos ocorridos na Europa se refletiram no âmbito americano. Assim após a guerra de sucessão espanhola se produziu um aproximação entre França e Espanha. Isto motivou que em 1783, O Conselho das Índias emitiu uma Real Cédula que permitiu a todos os estrangeiros católicos estabelecer-se nas colônias hispano-americanas. A ilha de Trinidad não foi levada em conta pela Coroa espanhola. Por sua proximidade às colônias da França no Caribe, recebeu um grande número de colonos franceses que se trasladaram ali com os seus escravizados e acordado com o estabelecido na Real Cédula.

Em 1784, Trinidad contava com 335 espanhóis que possuíam 270 escravizados e 384 franceses com 2.065 escravizados. Este crescimento demográfico trouxe consigo um grande desenvolvimento econômico para a ilha. Seguramente o *criollo* francês era a língua mais falada pela maioria da população. De acordo com Lavaisse (1967):

Un enemigo por otra parte muy peligroso amenaza entonces dicha brillante colonia (Trinidad). El gobierno inglés, el cual por los tratados de San Ildefonso del diecinueve de agosto de 1796, entre Francia y España se encontraba en aparente guerra con esta última potencia, pero quien de hecho, tenía un partido poderoso en la corte de Madrid, concibió el arriesgado proyecto de apoderarse de sus colonias con un puñado de hombres. (LAVAISSE, 1967, p. 72)

Assim, Lavaisse explica as causas da tomada de Trinidad pelos ingleses. Nesse momento quando se produziu o contato determinante entre franceses e Pária. Estes se vinham obrigados pela ocupação inglesa a abandonar a ilha de

Trinidad para estabelecer-se em suas posses insulares e no sul de Pária, posto que “no pudieron acostumbrarse a la insolencia y vejaciones de los ingleses” (LAVAISSE, 1967, p. 248).

A literatura através de vários registros abriu novas formas de redefinição do que se chama de nacional, especialmente nas maneiras que se concreta não apenas no nome, mas também, e com maior ênfase no tema, ou seja, a melhora da beleza da pátria e a incorporação da natureza que se fez, se não um programa explícito, uma identidade heterogênea.

A imagem da paisagem tem sido em grande parte um marco venezuelano. A paisagem está em constante reescritura, reinventada e ofertada em uma imagem do que requer o perfil cívico da nação, o pensamento e animado pela imposição da indústria que assumiu a responsabilidade de estabelecer padrões homogêneos para os cidadãos. Estas formas de querer unificar as formas de identidade tentam apagar as memórias dos povos dominados, ou seja, oprimidos dos *criollos*.

O romance, *En este país*, conta a história de amor de um jovem agricultor: Paulo Guarimba, com a filha do rico proprietário da fazenda onde trabalhava: Josefina Macapo. O menino ganhou humilde posição de um servo da casa, suas aspirações contrastavam com a posição da filha mais nova de um granjeiro rico. Mas o líder se formalizou. O amor não reconhece diferenças sociais e tanto com o calor do amor. No desenvolvimento amoroso de Paulo e Josefina, o romancista descreveu os costumes dos campos, aldeias de língua *criolla*, os preconceitos sociais e as vaidades da vida vernácula. No final, Paulo, que se generalizou em uma guerra civil, converteu-se em ministro.

Portanto, sua situação social mudou de repente. Os pais de sua noiva ficaram felizes com seu casamento e incontáveis bajuladores queimaram a língua. Sem ter dúvidas, Urbaneja planejou neste romance a ascensão de classe populares e a caída imediata das classes privilegiadas, pela graça do conflito interno, como a Guerra Federal, por exemplo, onde se firmaram acordos militares. Nele se manifestaram questões sociais, espirituais e políticas expostos com uma delicadeza com grande desconfiança e com grandes problemas de valores estéticos. Diante do esteticismo modernista contra a preciosidade da prosa e a

forma de abordar os problemas com os olhos no exótico, Urbaneja criou assim o que poderia chamar-se a semente de um verdadeiro romance venezuelano.

Como uma obra de temática *criollista*, o seu narrador utilizou argumentos e estratégias para mostrar o papel de um oprimido e como o mesmo poderia fazer para romper o paradigma de uma sociedade elitizada que não aceitava que alguém que fosse de uma classe menos favorecida tivesse oportunidade de ascender. Para Retamar (1995) a cultura calibanesca é considerada anti-cultura colonial dos oprimidos:

Frente a la pretensión de los conquistadores, de los oligarcas criollos, del imperialismo y sus amanuenses, ha ido forjándose nuestra genuina cultura –tomando este término en su amplia acepción histórica y antropológica–, la cultura gestada por el pueblo mestizo, esos descendientes de indios, de negros y de europeos que supieron capitanear Bolívar y Artigas; la cultura de las clases explotadas, la pequeña burguesía radical de José Martí, el campesinado pobre de Emiliano Zapata, la clase obrera de Luis Emilio Recabarren y Jesús Menéndez; la cultura de “las masas hambrientas de indios, campesinos sin tierra, de obreros explotados” de que habla la Segunda Declaración de La Habana (1962), “de los intelectuales honestos y brillantes que tanto abundan en nuestras sufridas tierras de América Latina”, la cultura de ese pueblo que ahora integra “una familia de dos millones de hermanos” y “ha dicho: ¡Basta!”, y ha echado a andar. (RETAMAR, 1995, p. 39)

É fundamental compreender que a luta em prol dos direitos na América Latina, a voz e a identidade *criolla* na América, principalmente na Venezuela. Reflete-se caráter socialista e revolucionário da cultura de Caliban na que o ideal da América Latina revolucionária para romper com sua classe de origem e os laços de dependência da cultura metropolitana, ou seja, colonial.

Há, sem dúvida, uma posição política-ideológica particular, até quando os autores que, em nome da neutralidade impossível ou quem sabe de um propósito particular da história, tratam de negar. Isto é certo para diferentes tempos e espaços, pelo que o historicismo em suas diferentes manifestações e o suposto fim da ideologia, dão uma versão errônea e politicamente interessado em um número de fenômenos que são determinação de nossas vidas.

Uma das marcas *criollas* dentro da obra que fala sobre o perfil da personagem Paulo Guarimba:

Un mocetón alto y fornido daba tales voces, en aquel amanecer húmedo y friolento. Se llamaba Paulo Guarimba. La faz era ovalada y tristoná, con una tristeza displicente, que arecía arrancar de las entrañas hacia fuera y eso siempre que los párpados caían sobre los ojos y la vista vagaba errabunda, pues cuando miraba de frente, los ojos de un verde y amarillo indefinidos tenían una expresión ruda y fiera bajo las cejas gruesas y castañas. En la nuca, asomaban por entre el pañuelo con que protegía la cabeza, mechones de pelo amarillento, de un color de oro muerto, tostado, melcochudo y áspero como la greña de un africano. (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 53)

Para romper o paradigma que os *criollos* que não eram filhos dos grandes donos de terras jamais poderiam mudar de classe social na Venezuela, Urbaneja quebrou na sua obra que a posição dentro da sociedade se poderia mudar. O narrador da obra que se chama Gonzalo, foi jugado como um produto do grupo social ao que pertence. Nos fragmentos narrados há a contrastação de Gonzalo com Paulo Guarimba de forma indireta, caráter etnicamente mista e protagonista do romance de êxito que no de princípio é um vaqueiro, através da guerra e do posto de general sobe na escala social, chega a ministro da Guerra, e finalmente, graças a essa mobilidade social, pôde casar-se com Josefina Macapo, uma menina branca de sociedade ou *criolla* desde o princípio do romance.

No casamento de Paulo e Josefina, no final do romance, Gonzalo olha impressionado para Paulo jogando dinheiro para seus convidados das classes baixas e chega à conclusão de que:

Aquel hombre sin educación, sin ideas fundamentales, valía más que aquellos encascados de la crema y toda la presuntuosa pardocracia allí reunida. [Mil veces mejor] era para Josefina ir a aquellos brazos bárbaros, que no a los de sus iguales o de algún pardito petulante y vanidoso. Era toda una generación enana, incapaz de ideas sólidas, ni del valor ni de la perseverancia de Paulo Guarimba. Este era un hombre simple y basto, pero un hombre. En aquella alma, estaba seguro, no había cabida para las mil pequeñeces de la turba de casaca y guantes blancos. [...] Josefina ganaba al injertar, al unir su

vieja savia gastada, podrida, con el vigor y la salud que representaba aquel hombre, heroico, bondadoso y bárbaro. (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 326)

A personagem é de origem socialmente marginalizada. Ao uni-lo à classe *criolla*, Urbaneja pôs o popular como uma opção nacional e colocou a questão social na relação direta com o problema agrário, criticando, pela oposição às práticas decadentes da sociedade venezuelana e rural, liberal pelo contrário, a retórica fundacional do liberalismo agrícola, tratando o negro de classe pobre como uma pessoa sem valor, que jamais não poderá casar-se com Josefina, filha de uma família tradicional aristocrática venezuelana, conhecida como *pardocracia*, ou seja, aqueles que detinham muitas terras e altos cargos na sociedade.

O autor através de seus vinte capítulos, mostrou o estado de miséria em que estavam submersos os campos e os camponeses. Também mostrou uma aristocracia local (*criolla*), que desaparece gradualmente seus privilégios como resultado das constantes brigas para o controle de um território que se reduziu a fragmentos. Este momento na história foi utilizado por vários homens para conquistar a esperada subida social. A personagem, Paulo Guarimba, é um deles, um herói *criollo* que se colocou e lutou diante da decadente aristocracia venezuelana.

### **3.1 Enfrentamento das doutrinas político-econômicas na Venezuela**

A independência dos Estados Unidos e a Revolução Francesa provocaram em todo o mundo o surgimento dos ideais de liberdade e emancipação, principalmente nos países oprimidos e nas colônias ibero-americanas, que aproveitando as circunstâncias, iniciaram a luta para proclamar sua independência. As causas que originaram os levantamentos originaram-se durante três séculos do colonialismo e da exploração econômica e social. Em síntese, as causas foram: a) a estratificação social fundada no regime étnico, índios, espanhóis, negros *criollos* e castas; b) a injusta distribuição da riqueza

originada pelos privilégios e monopólios de que gozavam os peninsulares; c) a rivalidade entre *criollos* e espanhóis, gerada pelo controle dos principais postos políticos e administrativos; d) as proibições e travamento ao comércio impostas pela península às colônias; e) a influência dos pensadores ilustrados; f) o desenvolvimento das novas doutrinas econômicas; g) a dominação francesa na Espanha, gerada pela invasão de Napoleão em 1808; e h) a criação das cortes de Cádiz e a promulgação da constituição liberal em 1808.

A nova Espanha, (México e América Central), a nova Castilha (Peru, Bolívia e Equador), a nova Granada (Colômbia e Venezuela), o rio da Prata (Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile), eram os quatro vice-reinados que maiores utilidades deixavam a Espanha, e foi neles onde as lutas se tornaram mais sangrentas.

Para Lombardi Boscán (2006), na Venezuela quem deu início as lutas pela independência foi Francisco Miranda<sup>51</sup>, em julho de 1810, e a continuou Simón Bolívar, que ocupou a cidade de Caracas em 1813, recebendo o título de Libertador; os espanhóis multiplicaram seus exércitos, derrotaram os insurgentes e expulsaram Bolívar em 1814, este se refugiou primeiro na Colômbia, e depois na Jamaica onde preparou, o ataque definitivo para devolver a independência a Venezuela, os movimentos de emancipação também tinha começado na Colômbia, onde os insurgentes haviam expulsado da cidade de Bogotá o vice-rei em 1810; também os exércitos espanhóis restabeleceram seu domínio em 1816. Enquanto Bolívar se apressava para voltar à luta, desembarcando em Angostura, hoje a cidade Bolívar, Venezuela, à beira do rio Orinoco em 1817; mais tarde se celebrou um congresso que reconheceu a conformação de um novo estado denominado *A Grande Colômbia*, formado por Colômbia e Venezuela.

O estudo da plurissignificação do conceito *criollo* é o marco analítico do primeiro capítulo, exegese que se efetua mediante o enfoque sincrônico-histórico. Apesar da diversidade semântica e as cargas afetivas que adquire o termo através de quatro séculos, sempre seu valor significativo refere-se ao Novo Mundo e estabelece um padrão de diferenciação frente à práxis europeia. Para Retamar (2006), o *criollo*, portanto, define ao ethos hispano-americano desde a

---

<sup>51</sup> Foi um militar venezuelano, precursor da independência da América espanhola. Executou um malogrado plano de independência das colônias espanholas na América Latina, mas que se reconhece como precursor dos ideais de Simón Bolívar e Bernardo O'Higgins, assim como de outros combatentes americanos que conseguiram a independência em grande parte da região.

Guerra da Independência até nossos dias. Ao analisar a existência e a configuração dessa personalidade cultural compartilhada por dezenove nações, os tratados examinados destacam a tendência de delimitar essa imagem desde a visão ocidentalista, interpretações neocoloniais e classistas relacionadas com as filosofias prevaletentes: o positivismo, o liberalismo burguês, a fé no progresso e o capitalismo. Em busca dessa essência americana, principalmente venezuelana, examinam-se dois microcosmos *criollistas*, o *criollo* negro e o branco da elite, os quais guardam coincidências como dos seus usos, atitudes, costumes, virtudes e vícios. Predomina sua identificação com o isolamento camponês rústico branco e ambos se apresentam como símbolo da personalidade coletiva.

Da mesma forma, atribui-se uma conotação negativa desde a perspectiva classista dos habitantes da cidade. Não obstante, se delimitarão com maior precisão os fios condutores que unificam e, às vezes, separam a estas duas representações autóctonas se se analisam as circunstâncias históricas da Venezuela e sua relação com o *criollismo* desde sua vertente política.

No entanto, em 1840, quem tinha expressado separadamente suas diferenças, aqueles que discordaram da linha política e aqueles que tinham afetado diretamente os seus interesses, não hesitam em fazer causa comum constituindo-se em associação política. A harmonia existente entre proprietários, chefes militares e homens letrados que caracteriza os anos iniciais da edificação da República em 1830, desaparece logo de um acidentado terreno de desencontros, discórdias, definições que culmina com a separação do grupo dirigente em dois lados enfrentados. Os motivos da demarcação não têm sua origem na presença de diferenças. Pelo contrário, a proposta de inspiração liberal que consagra a Constituição de 1830 não se questiona nem se converte em fundamento da discórdia. É sua execução, consubstanciada na continuidade política de um grupo e nas disposições que regulam a economia, o germe que causa a divisão.

Conforme Ortega (1998), as dissensões se expressam inicialmente de maneira isolada e individual, a exceção da revolução das Reformas (1835-1836). É o nascimento do Partido Liberal, nome que rapidamente identifica ao grupo. São seus promotores Tomás Lander, Antonio Leocadio Guzmán, Manuel María Echeandía, Tomás Sanabria, Mariano Mora, José Gabriel Lugo, Manuel Felipe Tovar, Valentín Espinal, Jacinto Gutiérrez, entre muitos outros. Alguns, em curto

espaço de tempo, optam por retirar-se do grupo; outros, a maioria, se sustenta no empenho e progressivamente, novos e numerosos partidários se somam à iniciativa. É um grupo heterogêneo: confluem grandes fazendeiros, proprietários mais modestos, letrados, artesãos, comerciantes, impressores, homens do governo e da indústria útil, possuidores de rendas ou ilustração. Se bem o partido Liberal em defesa dos fazendeiros, ao mesmo tempo se converte em referente de numerosos setores da sociedade que veem no discurso liberal a possibilidade de uma mudança que propicie a incorporação de quem, até esse momento, ficou à margem da política.

O divórcio da elite, dez anos depois de ter começado o ensaio republicano dentro de um ambiente de frágil harmonia, é um fato de especial relevância e importância indiscutível. Para Lander (1991), trata-se de uma briga pelo poder cujo fundamento são os princípios e regras estabelecidas de maneira comum. Além disso, constitui a confrontação entre os diversos interesses do grupo dirigente, o qual dá lugar a uma rica controvérsia cujo fim é determinar a quem lhe corresponde obter os maiores benefícios da atividade econômica. Isto ocorre como parte de um intenso debate sobre os modelos, doutrinas e princípios que deveriam reger a condução econômica do país.

O discurso elaborado e defendido por quem se define a si mesmo como liberal é, pois, um corpo de planejamentos estreitamente vinculado às circunstâncias e contingências nas quais se estabelecem os líderes políticos e econômicos de sua atuação. O resultado, um peculiar paradoxo: constituir-se ao mesmo tempo em defensores e críticos do liberalismo.

Na opinião dos liberais, a deplorável situação na qual se encontra a agricultura é consequência direta dos absurdos cometidos pelo governo e seu maligno dogmatismo doutrinário. Já Quintero (1991) afirma que é o governo o único responsável da vida e morte da atividade agrícola, no entanto, constituir ela a fonte primordial da riqueza venezuelana. No apoio a esta afirmação acredita que é da produção agrícola de onde provêm as rendas do tesouro público, as mercadorias que passam as fronteiras e animam o comércio exterior da Venezuela; é ela a que emprega e alimenta sua população, é a geradora da riqueza individual dos cidadãos, a única fonte capaz de oferecer prosperidade, a verdadeira e mais importante indústria nacional, a que conserva e moraliza os

costumes, a ela dedicaram os venezuelanos desde os mais remotos tempos. É, pois, a agricultura a única esperança que tem a República para resolver seus problemas, dívidas e atraso. Daí que condenam com veemência a conduta oficial, a qual, distante de favorecê-la, foi colocado no deplorável estado no qual se encontra, sujeitado ao rigor e impudência apresentado aos credores.

Porém, a defesa da agricultura, essa divindade em cuja presença devem desaparecer todas as outras, tal como afirma Tomás Lander (1834, apud QUINTERO, 1991, p. 47), “se transita el camino que permite reivindicar al productor agrícola, víctima primera de la quiebra material de la nación”. Se a agricultura é a mãe da riqueza, os agricultores são os encarregados de fazê-la na realidade. São estes abnegados, trabalhadores e honrados cidadãos que, apesar da adversidade e das dificuldades, sustentam com seu trabalho a regularidade do ingresso e o incremento da produção exportável. São eles, inspirados em seu patriotismo e perseverança, quem realizaram os maiores sacrifícios esperados na proximidade de melhores tempos.

É a eles, de acordo ao critério dos liberais, a quem lhe corresponde determinar o destino que há de tomar a economia da nação, não somente porque constitui a maioria e porque possui virtudes dignas de crédito e consideração, como são a perseverança, a abnegação e o trabalho senão porque, além disso, são os únicos que, de maneira natural, se identificam com o bem-estar da atividade que desempenham.

O discurso do Partido Liberal, também neste aspecto, conforme Pino Iturrieta (1987):

se encuentra mucho más cerca de los fisiócratas al plantear que sólo el trabajo empleado en el cultivo de la tierra es generador de riqueza, al contrario de lo que sostenía Adam Smith, el padre del liberalismo, cuando afirmaba que todo trabajo industrial, tanto el realizado en la fábrica como en el comercio o la industria, era productor de riqueza (PINO ITURRIETA, 1987, p. 36).

A posição dos liberais, presa à tradição agrícola, reivindicava o lugar protônico para quem está vinculado à terra, único e insubstituível fonte de riqueza. De maneira que a recuperação da economia e do equilíbrio social,

alterados pela errada prática governativa dos *godos*<sup>52</sup>, impondo a incorporação imediata dos homens da terra a funções políticas e uma mudança na orientação do Estado: sua intervenção se fez imprescindível para salvar a agricultura e endereçar os erros.

### 3.2 Uma definição integradora do *criollismo* literário

O *criollismo* é um movimento eclético no qual se conjugam diversas características, incluso contraditórias, que distinguem a diferentes abordagens literárias a partir do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX. Oviedo (1989) afirma, a respeito, que se liberta da fase *mundonovista*, ou seja, mundo novo, e que tenta um inteligente aproveitamento de toda a tradição literária anterior: o documentalismo realista, o enfoque social dos naturalistas e as técnicas sutis dos modernistas. É uma mistura que toma sua aparência própria; nutre-se, através do Modernismo, das seguintes características românticas: o interesse pelo próprio, a afirmação nacional, o gosto pela color local, o interesse pela descrição de costumes e tipos curiosos, a preferência pela observação pitoresca e singular. O Realismo, por sua parte, fornece as subsequentes sementes que germinam em seguro e fértil terreno: a presença acentuada dos valores regionais, humildes e populares junto ao detalhismo objetivo no plano artístico. A primeira característica é cardinal, pois o *criollismo* considera que as essências nacionais primordiais deitam nas salas humildes que mudariam o curso da vida dos países imersos nos pesadelos das ditaduras e os governos militares; portanto, os escritores exploram a nova realidade do país, descobrem as contradições entre as formas tradicionais e modernas que coexistem; a particularidade do documentalismo, por sua parte, aproximam os textos a uma realidade reconhecível e muitas vezes imaginária, sua função exemplifica como se afeta a vida humana. Do Naturalismo toma e legitima seu enfoque social, já que os escritores deste período têm um conceito redentor e humanitário da literatura: escrevem com a convicção de que o mundo é perfectível e que o fato artístico se converte em um agente direto de avanço social.

A crítica analisa os componentes herdados de outras tendências, como se unem e adquirem uma expressão diferenciada. García (2006) indica que o

---

<sup>52</sup> Eram os oligarcas venezuelanos. Pertencentes ao Partido Conservador.

*criollismo* surge de uma curiosa fusão de procedimentos próprios do Realismo, ou mais, precisamente, do Naturalismo: representação de sujeitos degradados ou fatalmente determinados pelas condições adversas do ambiente, gosto pelas imagens truculentas, predomínio de espaços rurais e personagens típicos expressados mediante a utilização estilizada da linguagem de acordo com as maneiras modernistas.

Do ponto de vista estilístico, afirma Arenas (1974) que a diferenciação maior entre o Modernismo preciosista e o *criollismo* se sustenta na dicotomia linguística significante-significado no discurso narrativo hispano-americano; o primeiro impõe o significante sobre o significado, pois sua meta é transmitir a prosa narrativa as cadências estróficas, as excitações semânticas e as particularidades sensoriais da poesia simbolista; transpõe as peculiaridades hedonistas do plano linguístico à natureza do significado que determina sua substância; recusa a tentação da imitação e assume os contornos da idealidade, a realidade ou fantasia. Ao contrário, o *criollismo* inverte os termos: a aspiração é a imitação, a representação da existência que comunica sua visão de mundo; o significante diminui seu valor expressivo, carece de valor por ele mesmo e adquire vigência somente como elemento de enlace entre o enfoque vivencial do narrador e a transcrição da realidade.

Leal (1971, p. 69) confirma esta observação, pois indica que “el criollismo es una reacción contra la escuela modernista, -etapa preciosista o torre de marfil- que abandona los ambientes refinados y los temas exóticos para volver los ojos hacia lo nativo, hacia lo cotidiano”. Oviedo (1989) também relaciona seu maior embasamento com o segundo momento modernista, a Geração de 1912 ou *mundonovismo*; fase que se inicia com a publicação do livro de poemas em 1940, *Cantos de vida y esperanza*, de Ruben Darío, cujo marco conceitual se opõe ao exotismo literário da primeira fase modernista (1882-1896) caracterizada por seu aristocrático individualismo: arte insolidária de costas para os problemas da realidade nacional, desarraigado, polido, de predomínio parnasiano. Em contraposição, este segundo momento se diferencia por sua preocupação americanista, pela reflexão sobre questões sócio-políticas atuais, aprofunda nas dificuldades do camponês de cada país em conjunção com a exaltação da natureza, mostra grande fascinação pelo espetáculo da selva, os rios e outras maravilhas naturais do continente.

Por sua vez, propõe a defesa da cultura hispânica, o desenvolvimento da consciência dos valores da raça ou autóctones frente aos tentadores modelos de organização saxônica; o qual não significa cair em a glorificação de qualquer forma de barbárie. A elite intelectual fixa uma imagem dos povos da América: o homem como um reflexo de seu meio, espaço geográfico inconfundível que se identifica por sua cor costumbrista, o uso de dialetos e os elementos folclóricos.

Alonso (1990) sustenta um princípio similar porque relaciona a origem do *criollismo* com a etapa de superação do Modernismo europeu de fim de século; estética que deseja exceder o conceito da arte como mimesis e erigir novos cânones, pois os vigentes seguem contaminados pela mediocridade burguesa; sua interpretação se diferencia em que inter-relaciona o *criollismo* com outras entidades culturais primitivas, que põem a arte em contato com as forças e essências mais vitais.

A relação entre o *criollismo-modernismo* europeu se insere, portanto, dentro das novas manifestações estéticas que buscam uma expressão original desde o final do século XIX até as primeiras décadas do XX: a experimentação dentro dos limites formais de um meio artístico para determinar os princípios de sua composição e o desejo de relacionar a arte com aspectos que se consideram primitiva, força ou substância mais autêntica e vital. Também segundo Alonso (1990), a literatura hispano-americana se nutre desta corrente primitivista, que adquire diversas representações durante as primeiras décadas do século XX: o *afro-antilhanismo*, o *indigenismo* e o *criollismo*; todas têm em comum a identificação com as origens pré-históricas interpretadas através das três linhas étnicas representativas da entidade americana: o negro, o índio e o *criollo*.

No entanto, desdobram retóricas diferentes: o afro-antilhanismo e o *indigenismo* tomam emprestado seu discurso da antropologia; enquanto que o *criollismo* invoca as fórmulas que se desprendem da filologia, disciplina que estuda as expressões culturais para revelar o espírito coletivo que o constitui. Embora com seus matizes diferenciadores, todos os críticos de uma ou outra forma associam esta tendência com o modernismo, continuidade *mundonovista* ou superação de suas formas artísticas; por tal razão, de acordo com a expressão das características predominantes indicam diversos momentos ou períodos *criollistas*.

Pietri (1974, p. 91) divide este movimento em duas correntes diferenciadas: “modernismo criollista y periodo contemporâneo”. A primeira funde o realismo tradicional, renovado pela influência naturalista, com o legado culto e esteticista da corrente artística do modernismo.

A vida *criolla*, seus contrastes, seus conflitos, vai ser cada vez mais o tema, porém já não como um mero inventário de fatos ou como um álbum de quadros de costumes, senão como a matéria de uma obra, cuja unidade final provém de uma concepção estética. Em alguns predomina o gosto artístico, em outros a inclinação a um agressivo e descarnado realismo, o característico e peculiar é a mistura das duas correntes, um exemplo disso é a obra *En este país*, de Urbaneja Achelpohl.

### **3.3 *Criollismo* literário: embasamento teórico na Venezuela**

A literatura venezuelana desde o final do século XIX e durante as primeiras décadas do século XX cumpre com um fim programático: converte-se no reflexo de uma sociedade em formação na que ainda a integração racial e a mestiçagem social representam desafios importantes. Este novo corolário se valida a partir da adoção das ideias positivistas de Augusto Comte por a Sociedade Amigos do Saber (1882), grupo de intelectuais que questiona e enfrenta os procedimentos políticos da classe dominante, poder enraizado n os desígnios providenciais que seus integrantes assumem como um bem herdado da emancipação; eles desafiam essa ideologia e desenvolvem uma consciência autônoma cujo objetivo é a renovação autêntica dos valores da sociedade venezuelana a partir de crenças e critérios próprios. Esta crise produz uma aproximação entre o escritor venezuelano e a classe dominada que converge na aparição de uma nova tendência literária, o *criollismo*, que rompe com o exotismo modernista e se constitui em uma instância enunciativa dos relatos identitários da nação no princípio.

De acordo com Cardozo (1979, p. 149), em consonância com os princípios estabelecidos, “não limita o significado do *criollismo* literário venezuelano à utilização do léxico vernáculo para descrever a paisagem, flora, fauna, costumes

e personagens tirados de ambientes rurais ou herdados das narrações costumbristas”.

Interpreta o processo de estabilização da narrativa mediante a fixação de um carácter nacional, geral e dinâmico que se centra na análise da problemática do país; por isso, seus traços definitórios se precisam dentro do esquema da luta entre o progresso e o conservadorismo, sua recusa à mediação cultural estrangeira predatória da cultura nacional e seu afã de universalizar o *criollo*.

Segundo Ortega (1998, p. 54), pratica um fim modélico, a resposta ao imperativo público de fundar a nação: “Un discurso cívico, fundador de las instituciones, que contamina el discurso y lo vuelve herramienta de modelaje político y social”. Solicita, portanto, um princípio unificador: a temática da terra ou da paisagem, suas transformações e metáforas que se convertem no motivo condutor desde o fim do século XIX até meados do século XX.

Fombona (1908, p. 61-2) afirma nos caracteres literários do cânone *criollista*: “La pintura de las costumbres populares con los tipos y el lenguaje del bajo pueblo, lenguaje constelado de provincialismos... ”. Expressa a associação existente entre a nova tendência com as raízes linguísticas hispânicas das que se nutre; portanto, converte-se em algo único, em uma nova expressão capaz de reinterpretar e redefinir as essências americanas sem esquivar sua origem:

No es purismo a la española, ni en espíritu ni en expresión; si no otro modo de ser escritor español. No significa incomunicación, al contrario, liberación, revelación. Una manera para los americanos de llegar a nosotros mismos... El “criollismo” nos conduce por lo nuestro a lo universal. (FOMBONA, 1908, p. 22)

Esta exaltação relacionada com os fins pragmáticos da tendência a repete na dedicatória ao texto *Cuentos Americanos* (1913), onde confirma que os *criollistas* venezuelanos são os primeiros que realizam uma série de obras importantes e com propósito explícito, voluntário, uniforme e sustentado, a emancipação definitiva do pensamento americano. Sua interpretação, por um lado, destaca uma estética nova que transgride as marcas atribuídas ao estilo adjetivante do modernismo poético; por outro, identifica ao *criollismo* com os moldes espanhóis de expressão, tanto por oposição como por continuidade; ratifica, por sua vez, que todos os cultivadores coincidem em seu fim primordial,

captar em seus escritos as essências americanas, e os localiza ao longo de um extenso período temporal que poderia dividir-se em etapas heterogêneas.

A narrativa *criollista* venezuelana se divide, principalmente, em dois momentos: iniciação e maturidade. Segundo Liscano (1969), esboça-se o movimento de inspiração nacional depois de 1890 em torno das revistas literárias *El Cojo Ilustrado* e *Cosmópolis*, ambas de traço modernista e berço das novas orientações estéticas filosóficas venezuelanas; esta primeira fase se encontra intimamente relacionada com a fusão do realismo tradicional, renovado pela influência naturalista, com o esteticismo modernista; por tal motivo, Liscano (1969) cita Uslar Pietri e Barrera Linares e os dois a denomina: modernismo *criollista*. No entanto, o segundo investigador diferencia três distintas vertentes desta fase: artístico ou esteticista, cosmopolita e regionalista que se fundem e infundem em uma proposta temática que tem seu marco no nacional. Barrera afirma que Manuel Díaz Rodríguez como o representante mais genuíno do modernismo esteticista porque sua produção contística se caracteriza por seu regozijo no estilo e na adjetivação; Pedro Emilio Coll exemplifica a vertente cosmopolita já que em suas narrações concorrem os ideais estéticos do modernismo; enquanto que Luis Manuel Urbaneja Achelpohl e Rufino Blanco Fombona integram a fase regionalista.

Urbaneja Achelpohl é considerado como o iniciador do conto moderno, pai do *criollismo* e grande teórico da tendência na Venezuela; criou uma consciência estética que se embasa nas sensações da ordem natural, medida em que sejam menos complicados os fenômenos e incorpora nas suas narrações ao homem e à paisagem, localizados em campos selvagens ou arados e pequenos povoados situados em áreas circundantes às cidades. Sua produção literária a divide Carrerra (1978, p. 8) em duas etapas: “la imagen del criollismo rural, bucólico y contemplativo, idealizado y pintoresco, y la criollista realista, de firme y crítico propósito, no ajena a esencias naturalistas, entroncado con los mejores narradores posteriores”. Integram a primeira fase o conjunto de narrações curtas e de pequenos quadros descritivos nos que incorpora ao homem e à paisagem, aráveis rústicos, povoações minúsculas ou áreas de aldeias com predomínio da materialização plástica, consideradas desdenhosamente como miniaturas iniciais de gosto decadentes, caracterizadas por impulsos formais e emocionais de traço modernista.

A narrativa da segunda etapa evolui para um realismo vigoroso e certo que capta as essências dos ambientes rurais; manifesta uma maior eficácia artística, de profunda projeção humana e social tanto em seus contos como em seu romance cardinal, *En este país*, na qual as personagens simbolizam a decomposição nacional produto da ambição e ocasionada pela hemorragia ética das guerras civis; sua identificação com as classes deserdadas o conduz ao cultivo da literatura matizada de dramatismo social garantida sobre uma base realista. Este romance junto a *Peonía* (1890) de Manuel Vicente Romero García se consideram os textos pioneiros do *criollismo* em Venezuela embora apresentam notáveis diferenças: *En este país* capta com maior espontaneidade os traços da psicologia nacional, enquanto que na de Romero García despontam as qualidades do documento humano durante o governo de Antonio Guzmán Blanco (1860), pois prescinde com frequência do puramente imaginativo para reproduzir esse período da vida política venezuelana.

No próximo capítulo vamos falar como a obra *En este país* dialoga com o *criollismo* venezuelano relacionando os fatos literários.

#### **4 O CRIOLLISMO LITERÁRIO: EXPRESSÃO DO PENSAMENTO CRÍTICO EM *EN ESTE PAÍS* DE LUIS MIGUEL URBANEJA ACHELPOHL**

O objetivo deste capítulo é analisar como a obra *En este país* dialoga com o criollismo venezuelano através dos fatos literários.

A literatura *criollista* se origina em função do momento histórico-político e em linha com as mudanças econômicas na América espanhola que se desenvolveram desde o final do século XIX até as primeiras quatro décadas do século XX. José Martí, José Enrique Rodó, Manuel Ugarte, José Vasconcelos, Antonio Caso, Samuel Ramos, Leopoldo Zea, Jesús Silva Herzog, Baldomero Sanín Cano, Germán Arciniegas ressaltaram nos seus escritos os valores do ethos americano em contraposição com a práxis anglo-saxônica; a tentativa de afirmação no autóctone se esgrime como uma torre de vigiância contra a opressão estrangeirizante no âmbito político continental, a filosofia pan-americanista, e, por sua vez, corresponde com a incorporação de modernos meios de produção de acúmulo e riquezas, o processo de industrialização, já que os países hispano-americanos se unem ao mercado capitalista mundial como produtor de matérias primas. Outros fatores sócio-históricos também contribuem a que se desenvolvem estas preocupações: a perda da supremacia política europeia, a reação contra a doutrina panamericanista, a celebração do Centenário da Independência Hispano-americana (1910) junto ao impacto da Revolução Mexicana (1910-1920) e a Revolução Russa (1917).

Abreu (1998) destaca a respeito que a literatura parece servir a um fim humanitário, de descobrimento, análise e exploração do americano; é uma maneira de perpetuar através da palavra aqueles aspectos que o processo histórico queria apagar: a língua, a vida e a paisagem da América espanhola. Também poderia conceber-se como o manuseio que conduz irremediavelmente à salvação do espírito da raça que contrapõe o próprio frente à decadência da Europa. Mentón (1964) afirma que a relação existente entre a mudança de atitude dos escritores influenciados pelo resultado da primeira Guerra Mundial; cresce neles a ansiedade de conhecer-se a si mesmos através de sua terra, pois se destrói a ilusão dos modernistas em respeito à Europa como representação da cultura frente à barbárie americana. Portanto, o *criollismo* adquire novos

significados que vão mais além da expressão americana do espírito de insatisfação e descontentamento própria do mundo ocidental nas duas últimas décadas do século XIX, diante do conjunto do clima intelectual e cultural do mundo ou clima espiritual prevalecente até esse momento: positivismo filosófico, materialismo científico e vital, realismo burguês e rasteiro.

Segundo Legrás (2003, p. 27) se converte em um complexo dispositivo ideológico que busca naturalizar o estado-nação moderno: “En los países donde el criollismo constituyó un proyecto dominante el término subraya la localidad sobre el origen, la posicionalidad sociopolítica sobre el linaje, anunciando así la alianza estratégica entre criollismo y nacionalismo”.

Portanto, desde o ponto de vista político, significa uma tentativa de máxima inclusão correlacionada com o novo conceito de *povo* e *nação* do século XX, posto que durante o século XIX se exclui aos iletrados, às minorias étnicas e aos despossuídos dentro dessa concepção; de esta forma, se viabiliza a possibilidade de uma escritura que molda a essência nacional ou continental americana fundamentada nos mitos coletivos de fundação. Talvez, este projeto *criollista* constrói seu traço diferencial desde um elemento americano que resulta, por sua vez, transcendente e invariável a terra; o conquista mediante a descrição da natureza *bárbara* unida à conduta trágica e extrema do homem comum; já que o texto literário erige ao camponês, ao trabalhador e ao pescador como protagonista, pois este exemplifica ao conglomerado humano menos contaminado que conserva a autenticidade étnica. O desenvolvimento do texto *criollista* encontra seu embasamento na relação de dois elementos significantes inter-relacionados: o meio e o homem; princípios chaves, mas que, por sua vez, possuem uma representação diferente em cada país.

Esta tendência literária, aparentemente tão breve, poderia apresentar características contrastantes devido às diversas abordagens teóricas, enfoques ideotemáticos e estágios temporais próprios desta manifestação nas diversas nações hispano-americanas; embora, em pé de igualdade, poderia exibir algumas coordenadas relacionadas, apesar desses elementos diferenciadores, que a identifique como um movimento de grande tradição literária durante as primeiras décadas do século XX. Por tal razão, o eixo analítico deste capítulo tem como objetivo escrutinar a diferenciação e suas causas para poder distinguir as

semelhanças e entender suas essências; somente assim se poderia reformular uma definição compreensível em torno ao *criollismo* literário.

#### 4.1 Escólio sobre a vida de Luis Miguel Urbaneja Achelpohl

Nasceu no dia 23 de fevereiro de 1873, na cidade de Caracas, Venezuela, cidade onde também morreu no dia 05 de setembro de 1937. Só em seu tempo de juventude e nos dias finais de sua vida ocupou humildes cargos burocráticos, porque no exercício de sua plenitude vital caminhou sempre independente de compromissos oficiais. Escrever e explorar uma pequena de gado próximo a Caracas foram as atividades fundamentais de sua vida.

Em 1893 sendo emprestador de livros na biblioteca pública *Obreros del Porvenir* (Trabalhadores do Futuro) conhece a Pedro Emilio Coll, amizade muito significativa para ambos e cujo fruto imediato foi a iniciação literária destas duas máximas figuras da literatura venezuelana, e também, a revista onde começam a escrever, *Cosmópolis* (1894-1895). Pequenas descrições e relatos de grato sabor rural são seus primeiros passos literários de 1894. Porém no ano seguinte escreve dois surpreendentes ensaios nos quais valentemente opina sobre qual deve ser a responsabilidade criadora do artista nativo, e onde já estão traçados as orientações de sua obra narrativa posterior: *Sobre literatura nacional* e *Más sobre literatura nacional*.

A partir de 1896 se faz um assíduo colaborador de *El Cojo Ilustrado*, é o ano de seu extraordinário conto *Botón de algodónero*.

A paisagem, os homens e a problemática venezuelanos encontraram em Urbaneja Achelpohl o escritor que os revelou ao mundo em uma linguagem literária digna, igual como em sua oportunidade o fez Andrés Bello em suas poesias. Talvez por isso seus romances, seus contos e seus ensaios obtiveram merecidas distinções. *Con Flor de las selvas* ganhou em 1898 o concurso literário de contos convocado por *El Cojo Ilustrado*. Seu primeiro e grande romance, *¡En este país...!*, estava escrita para 1916 e com ela alcançou o terceiro prêmio no concurso literário do *Ateneo* de Buenos Aires desse mesmo ano. O romance foi

impresso nessa época, mas o grande número de erros tipográficos obrigou ao autor a retirá-la de circulação. Em poucos anos, em 1920, sai em Caracas, impressa nas oficinas da Editorial Victoria, a primeira edição venezuelana de *¡En este país...!*. Seu segundo romance, romance curto, apareceu em 1927, *El tuerto Miguel*; e em 1937 é seu último e valente romance *La casa de las cuatro pencas*. Seu ensaio *Gauchos y llaneros*, de 1926, mereceu o primeiro prêmio no concurso literário criado pela revista *Elite* e a Embaixada argentina sobre o tópico da vida na planície e nos pampas.

Em vida, Urbaneja Achelpohl publicou somente dois livros de contos, em 1909, *Los abuelos* e em 1922, *¡Ovejón...!*

Durante o governo de López Contreras foi nomeado encarregado da Direção de Dança e Arte Cênica do Ministério da Educação (1936) e posteriormente a Biblioteca Nacional se honrou em tê-lo entre seus Diretores (1936-1937).

#### **4.2 Estrutura e as personagens do romance *En este país*, de Urbaneja Achelpohl**

O romance de Urbaneja Achelpohl apresenta a ascensão de uma personagem do povo às camadas mais altas do poder; consta de vinte capítulos, estruturados em três partes facilmente identificáveis.

A primeira parte (Capítulos I ao XI). Transcorre na fazenda *Guarimba*, situada próximo de *Los Dos Caminos*, à beira do rio Tócome. Naquele ambiente paradisíaco, um casal de jovens, Paulo e Josefina, atraem-se e terminam por apaixonar-se. É, em essência, o mesmo tema bucólico que já conhecemos como típico no romance hispano-americano do século XIX e nas primeiras décadas do século XX. A circunstância de que Paulo é um pobre peão, e ela, a filha dos donos de *Guarimba*, cria o conflito, que é de ordem sócio-econômica. Paulo e Josefina, ao serem gerados expressamente para protagonizar um conflito de classes, são personagens convencionais e estáticos.

A segunda parte (Capítulos XII ao XVII). Tem por cenário os campos da guerra civil; os combates estão narrados com grande vigor e realismo, pelo que é

de supor que respondem a experiências de Urbaneja Achelpohl nas suas andanças revolucionárias. Nesta guerra jogam sua sorte Paulo Guarimba (quem luta como recruta nas filas do governo), e o doutor Gonzalo Ruiseñol (quem se foi com o revolucionário para salvar da hipoteca sua fazenda *La Floresta*). O grupo subversivo perde. O doutor Ruiseñol cai preso e é conduzido a uma tenebrosa prisão política, à que chega moral e materialmente destruído. Da prisão o libera o General Paulo Guarimba, Ministro da Guerra e Marinha, quem além de lhe conseguir um emprego como arquivista, para que o doutor Ruiseñol viva decentemente.

A terceira parte (Capítulos XVII ao XX). Refere a entrega da fazenda *La Floresta* a dom Toribio e dona Carmen Pichirre; e o casamento luxuoso do General Paulo Guarimba e Josefina Macapo quem conta agora com a aprovação e admiração dos pais da noiva.

Paulo, apaixonado por Josefina, é o peão da fazenda e a acompanha em suas excursões campestres: Ingressa no exército e, como soldado, depara-se toda classe de perigos; cumpre as maiores façanhas em seu afã por tornar-se general, e ingressar para a classe de sua amada. Desde os tempos da Independência, lembra-se da trajetória de Páez, este foi um dos caminhos que o homem do povo teve para superar sua origem.

Josefina é uma menina doente que relembra as heroínas românticas. Fazendo caso omisso dos preconceitos de classe, apaixonou-se por Paulo Guarimba, descendente de escravos, afronta à ira de seus pais, que a expulsa da casa por considerá-la indigna.

O doutor Gonzalo Ruiseñol, proprietário da fazenda *La Floresta*, graduado Nos Estados Unidos em Engenharia Agrônoma, volta cheio de projetos encaminhados a conquistar um maior rendimento das terras de lavoura, um melhor proveito na criação de gado e das aves de curral. Suas ideias progressistas chocam com a opinião adversa dos velhos agricultores, quem chega a julgá-lo como um demente, um louco ou um sonhador.

### 4.3 Como dialoga a obra *En este país* com a questão do *criollismo*?

O romance, *En este país*, tem por geografia, no começo, três fazendas, *Guarimba*, da família Macapo, *A Floresta*, de Gonzalo Ruiseñol, e a dos Pichirre, situada em um pequeno vale à margem do rio Tócome, próximas à pequena aldeia de *Los Dos Caminos*. Quando começa a guerra nesse lugar narrado, a qual na realidade histórica, sem lugar a dúvidas correspondeu à promovida pela invasão e revolta militar de Manuel Antonio Matos<sup>53</sup>, parte da ação do romance se desloca aos Valles de Aragua e montanhas do Estado Miranda, e já para o final da trama termina em Caracas. Como neste inserto: “Sobre los campos morían las luces de la tarde. La masa colosal del Ávila levantábase a los ojos suaves, en la diafanidad del aire (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 54).

Testemunha de uma topografia, de uma vegetação e de uma fauna da paisagem central da Venezuela, cantado no passado por Andrés Bello, e agora exaltado e levantado como bandeira da valoração do próprio para recusa do exótico e estranho, pelo máximo representante do *Criollismo*, Urbaneja Achelpohl.

Depois da Independência, a atrasada economia venezuelana herdada da Colônia, a qual descansava sobre o latifundiário, em uma pequena e incipiente indústria, não pôde competir e nem deter a penetração econômica europeia, representada principalmente pela Inglaterra e Alemanha. O país se transformou em um monoprodutor e monoexportador de matérias primas baratas, como por exemplo, café, cacau, couros, etc., e em um importador variado de produtos industrializados, os quais deslocam a mercadoria artesanal *criolla* e fazem fracassar a pequena indústria nativa existente. Negligenciavam os diversos ramos da agricultura e dava somente ênfase no café, no cacau e no couro.

Urbaneja expõe acertadamente, o que demonstraremos no capítulo IV do livro escrito pelo este mal, crônico para a agricultura venezuelana, através da fala de Ruiseñol:

---

<sup>53</sup> Foi um banqueiro, político, investidor, empresário, diplomático y militar venezuelano, que deteve uma grande influência política e econômica sobre o país, durante o final do século XIX e início do século XX, dispondo de um extraordinário prestígio e poderio no âmbito bancário e empresarial, além disso, de contar com diversos investimentos e influência sobre empresas estrangeiras e transnacionais que operavam na Venezuela, desempenhado vários cargos na banca e dispondo da que se estima era a maior fortuna da Venezuela para o momento.

El café era el único que llamaba la atención. Y con instalar una buena oficina, el cafetero no se preocupaba de más nada, ni de por qué bajó o subió el precio del artículo. Esas fluctuaciones eran, según él, cosas del comerciante y del Brasil. Una onza más o menos no es nada para un buen venezolano (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 71-72).

Paralelo à economia vem a penetração cultural. Os capitalistas europeus necessitavam mudar a mentalidade do venezuelano, com a europeização do nativo para que ele seja transformado, por uma parte, em um ávido consumidor de todo o europeu, produtos e ideias, e logo por um condicionamento inconsciente, rejeitado, e até desprezado, do autóctone, do próprio, do nacional, o qual facilita a aqueles uma melhor e mais cômoda espoliação dos recursos naturais da Venezuela.

Outro aspecto pouco conhecido do endividamento exterior do país está muito bem analisado por Urbaneja nas últimas páginas do capítulo VII. Contra Castro se traça uma conspiração internacional em uma aliança com os setores bancários e latifundiários da aristocracia *criolla*. A conspiração se materializa em uma invasão e revolta mal chamada de “Revolução Libertadora”, capitaneada pelo banqueiro e latifundiário Manuel Antonio Matos.

A dependência econômica do país se faz quase absoluta e a penetração cultural se realiza em todos os níveis. Por outra parte, este capital necessita segurança e proteção, o qual implicava desaparecer toda tradição de democracia e implantar a ditadura policial e vigilante.

Entre Paulo Guarimba, vaqueiro da fazenda da família Macapo, e Josefina, a filha mais velha dos proprietários da fazenda, nascem alguns amores, os quais, claro, se desenvolvem às escondidas. A paixão os encoraja e os coloca acima dos preconceitos de classe. Estes amores, herança da narrativa amorosa do século XIX literário venezuelano, são descobertos e geram uma crise identitária na família Macapo. Porém pouco antes de ser revelado, Paulo entra no exército. Josefina ao despedir-se dele vê na guerra a única possibilidade de resolver seus amores pela via tradicional, a do casamento, se Paulo dentro do exército ascendesse a uma patente capaz de merecer a aceitação de sua família, seria a patente de general.

Para Valdés (2000)

El caudillo es entonces un elemento que emerge desde lo natural, como el único capaz de controlar a “la masa bárbara, analfabeta, que entiende la libertad como una licencia, un rebaño humano en estado natural, llaneros, negros y mestizos”, porque en algún momento fue parte de ellos. Este caudillo viene a poner el orden que los intelectuales y letrados no pusieron. Este hombre es el más valiente entre las capas populares, hijo de la democracia igualitaria que se impone y no se elige, es un conductor virtuoso que utiliza la fuerza bruta para mandar, ha ido ascendiendo militarmente y sirve de modelo. Dentro de un estado guerrero que ha quedado en la anarquía, se hace necesario un jefe que obligue a la masa a subordinarse (VALDÉS, 2000, p. 69).

Efetivamente, o antigo vaqueiro metido a soldado assimila rapidamente o estilo de comportamento de resistência necessário na guerra e, por outra parte, seu valor pessoal poderá atrair a admiração dos comandantes e com certa celeridade poderá chegar a um posto maior. Mesmo passando de vaqueiro de uma fazenda para soldado continua como subalterno, e os outros é que falam por ele.

Outros problemas do país refletidos no romance como subtemas são o da barreira, o das perigosas ameaças durante o governo de Castro das potências estrangeiras exigindo o cancelamento de supostas dívidas; a incrível miséria das classes pobres do campo; a barbárie e a ignorância; as consequências da fome crônica do povo venezuelano e a corrupção do exército.

El *criollismo* é a vigilância defensiva que os intelectuais erigem contra os embates de uma nova filosofia político-econômica que subjuga aos povos da América: o *pan-americanismo* capitalista. Esta ideologia, polifacética e monolítica, por sua vez, ostenta diversas representações em cada espaço nacional que confluem em um mesmo objetivo: o domínio e a hemorragia das veias da América espanhola. Em oposição, esgrime-me a corrente *pan-hispanista*, manter que fortalece as essências do ser hispano-americano cujo centro emana das raízes hispânicas, manuseio que se antepõe à intervenção dos novos padrões estrangeiros, os quais desvirtuam uma praxis e ameaçam a consolidação identitária de cada país. Por tal razão, o texto *criollista* se distingue por seu tom

de denúncia sócio-política que desmascara a opressão e o atropelo aos mais fracos, significado no campo, quem, por sua vez, é o depositário dos modelos e usos culturais herdados da Pátria Mãe. Este trabalhador agrícola se nutre de seu meio geográfico, juntos formam um binómio indissolúvel que, por um lado, conforta ao ser humano, porém desde outro ângulo poderia aniquilá-lo ou deslocá-lo; portanto, o *criollismo* literário se fortalece na estreita relação que existe entre o homem e a terra, analisado desde o contexto da classe oprimida.

Par Urbaneja Achelpohl (1989):

Su opinar vehemente, en aquellos días anárquicos, llevó al viejo Ruiseñol lejos de la Patria. Mas en el exilio, su actividad encontró asidero, y toda entera la aplicó a formarse una idea exacta de la agricultura moderna, tan lejos de nuestro empirismo y charlatanería. Porque a condición primordial para ser un buen agricultor, entre nosotros, es la de abrutarse lo antes posible hasta convertirse en experto cogedor e cabañuelas y en sagaz y astuto guerrillero en los días de recurrencias bárbaras. Hacerse la vida recia y primitiva, humilde y cruel de nuestros labriegos. Tener siempre ante los ojos el espantajo de la miseria, como justa e inevitable consecuencia de todo esfuerzo mal dirigido. Levantar inculta, con las asperezas de la tierra, la familia, aunque no sea escasa la hacienda y ella asidua al trabajo. (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 52)

Essa luta de tensões entre o opressor e o oprimido, entre o indivíduo em e contra seu espaço vital, registram-se como os componentes básicos da narrativa *criollista* venezuelana durante a primeira metade do século XX. Estas características alcançam sua maior expressão nas narrações da prosa, Urbaneja Achelpohl é quem capta essa intriga entre a geografia venezuelana como agente telúrico consoante com o homem e sua atividade. Sua prosa brota da experiência direta do escritor com a realidade, não assimilada, senão vivida, sentida e muitas vezes sofrida; portanto, converte-se em imperativo conhecer aqueles fatos que marcam sua existência e que dão direção a sua criação literária; aspectos que estão estreitamente vinculados com o devir histórico-político da nação venezuelana em crise durante a primeira metade do século XX.

Conforme Fokkema e Ibsch (2006):

Nos estudos literários, a solução de problemas é uma tarefa científica necessária para lidar com as diferentes variáveis psicológicas e

sociais que interferem no avanço do processo de produção e recepção literária. A racionalidade desse empreendimento é garantida pela validação teórica e explicativa, pela força das explicações. Trata-se aqui do que se chama de estudo empírico da literatura. (FOKKEMA; IBSCHE, 2006, p. 39)

Fokkema e Ibsch mostram na sua fala que a pesquisa literária científica repousa em determinadas convenções que durante logo tempo provaram a respeito da relação entre homem e natureza em todos os níveis imaginários. Na pesquisa crítica literária, o sujeito, enquanto autoridade decide sobre os dados e sobre as combinações de dados consideradas fatos para a pesquisa, é de igual ou maior importância do que o objeto a ser examinado.

Surge uma personagem contrária a Paulo Guarimba, Gonzalo Ruiseñol, o exemplo da ilustração e as ânsias de progresso, em uma atitude própria do positivismo e pode evidenciar-se quando este assegura que:

“—¡Josefina, Josefina! Mi gran pedido al Norte. Mis aliadas, las máquinas, los arados, los hierros, los que habrán de transformar La Floresta. Lo que ha de acallar los recelos de mis vecinos con la evidencia de los resultados. El progreso cierto, que nunca llega a medias, pues aun tras un nuevo arado se esboza una nueva concepción de la vida (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 81).

Porém o progresso é tão só vapor no ar, porque uma série de eventos infelizes trancou seu futuro e por não aderir-se a um grupo político determinado é forçado a reduzir seus sonhos e a ficar quieto. Convertendo-se na mais clara evidência de que se alguma vez tivemos um futuro próspero e promissor se dissolveu entre guerras e guerrilhas.

Este sonhador em desgraça representa o caminho à inversa que recorre um herói vindo a menos. Depois de contar com avanços tecnológicos e animais de primeira em sua valiosa propriedade, passou a ver como seus risíveis parentes, *Los Pichirre*, tomavam posse deste grupo por terra todo seu esforço. Adicionalmente, a perda de seu patrimônio o espirituoso Gonzalo Ruiseñol devia sofrer em uma das mais cruéis prisões de nossa história, *La Rotunda*, o que marcou o seu caminho para o descontrole total.

Há duas partes de tensão que aparecem no romance: a tensão geral entre retórica fundacional e prática societal e a tensão manifesta na ótica crítica do narrador entre o liberalismo e o cientificismo; as duas representadas através do fracasso da personagem.

A ideologia de Gonzalo Ruiseñol se relaciona implicitamente com a retórica fundacional do neoclassicismo hispano-americano representado em Andrés Bello. Tais coordenadas pátrias coincidem com Gonzalo Ruiseñol, ao que se acrescenta o conhecimento novo da engenharia agrônômica que adquire nos Estados Unidos. Seus empreendimentos científicos de traço liberal são caracterizados pela unidade da propriedade produtiva, a coletividade de agricultores pensada na iniciativa individual, a capitalização e confiança no sistema financeiro nacional, a noção de governo pequeno e a afirmação histórica de soberania. Porém, o alto custo da infraestrutura e a maquinaria importada o faz hipotecar suas fazendas, chegando à quebra antes do que ao lucro, drama que troca gradualmente o otimismo eufórico por um complexo de inferioridade e sentimento pessimista.

A narração relaciona fraqueza mental e falência econômica. Dessa forma, o fracasso de Gonzalo significa, pela ótica do narrador, a crítica do liberalismo hispano-americano, melhor entendido como o liberalismo da classe *criolla*, dado que inverte o sentido ideal da concorrência.

A narração também critica a dependência do conhecimento trazido do estrangeiro. O narrador comenta no capítulo XVIII:

[...] Sin duda que Gonzalo depositara en aquellos suelos elementos generados en justas proporciones; pero su demasiada impaciencia, su obstinado someterse al plan científico, sin tener en cuenta los elementos libres de la naturaleza, le habían detenido y estorbado en la consecución de su obra. Había cavilado mucho sobre los libros, aplicado su saber, pero sin tener en cuenta el medio. Y el medio le había vencido, porque en la tórrida, hombres, animales, plantas, métodos, ideas, se modifican, no desaparecen. Cada zona hace a su hombre y sus enfermedades, como cada sabana da su pelo y cada comarca el casco del cuadrúpedo que la ha de trajinar. Seres y cosas se hacen a la naturaleza que los circunscribe o los elimina (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 298).

Transformar para fazer aqui como se faz lá implica também um conhecimento específico local, o que cria uma diferença entre conhecimento e o de fora, ainda que científico, e o conhecimento local as fazendas, mesmo que tradicional. A contradição não está no método em si, mas na estratégia; o livro de ciência poderia ser aproveitado na fazenda sempre que se analisasse a característica desta. Essa dependência exclui a área da terra da retórica fundacional, cuja origem liga a agricultura à soberania, com o qual a terra fica simbólica e fisicamente desnacionalizada.

A formação do fracasso do patriotismo agrário do Gonzalo comporta um potencial anulado na origem e contempla múltiplas faces: a fraqueza psicológica que o diminui moralmente, o excesso financeiro que o tira da livre concorrência e a desterritorialização científica e neocolonial que o retira da terra nacional. Assim, os instrumentos conceptuais do sujeito patriota obtêm um resultado inverso ao da proposta progressista.

Por outro lado, *Macapos* e *Pichirres*, são os adversários naturais de Paulo, pois se esquivam da miséria personificada em um homem de rosto oval e tristeza arrogante. Ambas as famílias, igual que outras de sua condição, veem no jovem do campo um burro de carga a mais, disposto a servir a seus patrões; e assim o manifesta dom Modesto Macapo ao falar:

– Cállate, niña, cállate; no todo lo que se oye se repite. Además, ¿por qué ese dominguejo de Paulo se dejó coger? Ahora que aguante. ¡Acaso él es mejor que los otros! Si me he indignado, no es porque se lo hayan ll, ni por lo que vale el rancho, sino porque no han tenido la consideración siquiera de tomarlo en el camino real y santas pascuas. A Paulo es un servicio el que le hacen, porque con la disciplina del cuartel, aprenderá a distanciar las personas y obedecer sin replicar. Mucho me complace lo que le ha pasado, porque ya estaba tan inaguantable, que a poco andar hubiéramos tenido un señorito entre la casa (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 171).

O que constitui outra dificuldade que deve superar a nossa personagem, a aceitação. Já que unicamente, sendo o General Guarimba, este conquistará ser recebido nos grandes salões de seus antigos patrões.

Enquanto que, o autor através de seu narrador onisciente conta uma história, as *ambíguas palavras* de Josefina vão narrando outra diferente. Em sua aparente fraqueza, esta serena senhora, recorre a vários caminhos desde *Los Dos Caminos* até a cidade de *Petare* onde a recruta tem admiração a seu amado Paulo. Ao mesmo tempo o autor nos descreve a uma amante mulher, que busca incansável, o rosto de seu infeliz amor; as palavras de Josefina parecem dizer: *aqui te espero..., converta-se em um cavalheiro..., a distância não poderá separar-nos..., sua luta é minha luta...*; todo este universo de desejos e promessas resumidos em uma simples passagem no romance “¡Paulo! ¡hazte General!” (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 180).

Adicionalmente, esta obra combina duas linguagens. Uma culta, chamada voz do autor, uma linguagem propriamente literária, e é ao que Lapesa (1968) refere como uma ampliação e enriquecimento do léxico que refina nuances significativas das formas expressivas e pode ver-se no romance em capítulos, como por exemplo, *Las Nupcias* (capítulo XX), onde uma singular descrição como: “El sol amanecía más temprano y rubio. Mayo comenzaba. Vestía primavera su cerúlea gasa sembrada de rosas y jazmines” (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 319), incute nuances líricas à narração.

Da mesma maneira, pode apreciar-se no capítulo XIV, onde se recria a marcha dos soldados utilizando para tal fim metáforas, epítetos e imágenes em lugar de uma linguagem pura e simples ao expressar o seguinte: “... en lo que la tierra comenzó a emborracharse de sol, (...) el fresco y los aires a refugiarse en los lejanos y profundos barrancones (...) todo (...) desapareció con las azules neblinas de la sierra al claro billar del sol. (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 215)”. Nos exemplos anteriores se aprecia uma precisão léxica ao usar não somente orações complexas, mas também o autor incorpora elementos poéticos não habituais na narrativa.

Em contrapartida, pode apreciar-se uma linguagem inculta, própria do falar das personagens, estando presente na interação dos mesmos. Nele se encontram erros de sintaxe e articulação, ao referenciar alterações fonéticas e morfológicas das palavras próprias do espanhol da Venezuela, quando Paulo diz: “—¡Don Gonzalito! ¡Don Gonzalito! Toiticos son los mismos.... (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 78)”. Além disso, aparece o uso de jargões militares como: “... oído al

tambor!”, “¡Batallón! ¡A formar...” (URBANEJA ACHELPOHL, 1989, p. 191). Tudo isto, para destacar uma das características mais importantes do *criollismo*, o fato de que o autor seja capaz de converter em literatura a linguagem coloquial.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é a resposta a uma inquietude acumulada durante mais de dois anos e vinculada com o olhar quase irreverente dos escritores e críticos das últimas gerações literárias do século XX para o *criollismo*. Dei-me a tarefa, um tanto quixotesca, de desejo quase inacessível, de definir o plurivalente, de adentrar-nos nas entranhas de uma tendência literária ambígua porque em cada nação da América espanhola se projeta com suas qualidades intrínsecas, espaço-temporais. No entanto, estas peculiaridades por sua vez o unificam porque entre as diferentes proposições existem grandes tangências essenciais, representações que se vinculam com uma proposta ideológica e artística centradas no devir histórico, econômico e político das dezenove nações hispano-americanas.

A particularidade desta pesquisa se centra na análise totalizante e compreensiva do significado plurivalente do conceito *criollismo*: a denominação de um período histórico, um fenômeno social e uma modalidade literária porque os fatores ou pormenores caracterizadores dos dois primeiros aspectos incidem e contribuem no *criollismo* literário, produto da formulação de um novo projeto histórico na América espanhola. Somente ao apreender sua substância significativa, aplicam-se seus elementos nucleares a um contexto literário definido: a narrativa *criollista* na América e na Venezuela. Mediante a análise da presença ou ausência destes elementos particularizantes, especificam-se as fronteiras diferenciadoras e as vias comunicantes na produção narrativa; assim logramos uma factível interpretação do romance *criollista* em *En este país*, e Urbaneja Achelpohl.

O resultado deste amplo processo inquisitivo se divide em quatro fases específicas: a exegese do conceito *criollismo* desde sua conotação sócio-histórica, política e literária junto com sua aplicação e estudo pormenorizado dos caracteres *criollistas* na narrativa de Urbaneja Achelpohl, pai do *criollismo* na Venezuela.

O mergulho semântico nas águas *criollistas* desde o âmbito sócio-histórico se inicia com um pressentimento histórico diacrônico da origem etimológico do conceito *criollo* e a análise das diversas cargas significativas pertencentes ao

Novo Mundo desde o final do século XVI até o século XX. Através de todos os períodos históricos, sempre o conceito *criollo* se aplica a conglomerados humanos em oposição que destacam uma diferenciação entre dois grupos resultantes das divergentes relações político-econômicas; no primeiro amplo lapso temporal, desde o final do século XVI ao XVIII, assinala-se a diferenciação entre o espanhol branco ou nascido e criado nas Índias em antagonismo com o espanhol peninsular, uma afirmação classista e preconceituosa de um poder hegemônico que se manifesta a partir da segunda geração de espanhóis nascidos na América que perde sua categoria social ao extinguirem-se as encomendas.

Essa marginalização do poder administrativo centralizado se embasa nas normas excludentes de uma relação econômica colonialista que se apoia, por sua vez, na proposição filosófica do determinismo climático; minimiza-se o entorno físico, afogam-se as características e a forma de vida dos povos do Novo Mundo. A luta pela reivindicação de seus direitos se liga em um processo que começa pelo desejo da aceitação da igualdade frente a seus pares espanhóis até o de diferenciação e ruptura que caracteriza o segundo período histórico durante o século XIX.

Ligados nos modelos da Ilustração, que se fundem com a ideologia positivista e o idealismo romântico do século XIX, introduz-se o afã nacionalista, o direito dos povos hispano-americanos de governar-se a si mesmos e quebrar os laços coloniais com a Metrópole; portanto, os *criollos* significam o partido pela liberdade e a democracia republicana durante as Guerras de Independência: o nacional, o patriótico que equivale ao americano mais ou menos autêntico. Purifica-se o perfil nacional de cada povo e se define seu patrimônio comum: o substrato e o estilo de vida coletiva que os caracteriza. O conceito *criollo* durante o século XIX perde o sentido geral em oposição ao europeu e se singulariza: associa-se com o autóctone, o próprio e distintivo em cada país hispano-americano. No entanto, durante as primeiras décadas do século passado, pluraliza-se seu alcance significativo, posto que se converte no símbolo das essências americanas; representa desde o contexto histórico contemporâneo a força geratriz e dinâmica da alma hispano-americana: síntese das forças espirituais e culturais que nascem, vivem e crescem em simbiose com a natureza e a terra natal.

Desde a perspectiva das teorias imperantes durante as primeiras décadas do século XX, define-se o ethos da América espanhola como a existência de uma personalidade cultural compartilhada: origem, evolução histórica, estruturas e interesses afins.

Assinalam-se as seguintes características psíquicas e espirituais herdadas do índio e o negro: a melancolia, sentimento de inferioridade, pessimismo, fatalismo e sensação de impotência diante o meio natural do primeiro junto à libertinagem, luxúria, fortaleza física, limitada inteligência, selvagem, animismo religioso e supersticioso do segundo. Os pesquisadores minimizam estes atributos e exaltam a estreita relação entre a personalidade hispano-americana com o acervo espanhol; detalham os vícios e as virtudes hispânicas adquiridas na ordem intelectual, volitiva, religiosa e social.

Todos estes elementos se fundem e delimitam a configuração do ethos hispano-americano desde a escala valorativa ocidentalista que prefigura uma imagem neocolonial, homogênea e carregada de racismo que concentra os vícios herdados das três raças. A partir desta perspectiva, domina o tom preconceituoso: a tendência fáustica de expansão vital, o presentismo, a vocação de universalidade, a impudicícia, o espírito conformista e o relaxamento na ordem moral. Somente destacam aquelas virtudes que distinguem aos deserdados da fortuna: a temperança e a religiosidade que se mistura com o puramente supersticioso.

Esta disquisição valorativa guarda estreita relação com a ideologia positivista, o liberalismo burguês, a fé no progresso desde a cosmovisão impositiva das potências capitalistas. Estas ressaltam os males sobre a probidade do ser hispano-americano e se contrapõem aos postulados marxistas, à afirmação do materialismo dialético: todos os males se originam na má distribuição da riqueza, na exploração das pessoas, a prostituição e a ignorância.

O criollismo literário que serve de base em torno das preocupações sócio-políticas e econômicas da elite intelectual hispano-americana desde o final do século XIX até as primeiras quatro décadas do século XX. Manifesta-se através de uma original expressão estética inserida nas correntes pós-modernistas do início do século passado; descobre, analisa e explora as essências nacionais ou continentais americanas – língua, vida e paisagem – assentadas nos mitos

coletivos de fundação e inter-relacionados com o novo conceito de *povo* e *nação* que se prefigura durante o século XX.

O *criollismo* como movimento literário eclético, conjuga diversas características da tradição literária do século XIX: a afirmação nacional romântica, o documentalismo realista, o enfoque social dos naturalistas que se funde com a preocupação americanista do *mundonovismo*. Por sua associação com a tendência modernista, continuidade *mundonovista* ou superação de suas formas artísticas,

A *Sociedade Amigos do Saber* (1882) da Venezuela, por sua parte, valida a ideologia *criollista* em prol da fundação de um estado populista de inclusão social que delimite as essências venezuelanas. No contexto literário, se centra na análise da temática da terra, suas transformações e metáforas desde o final do século XIX até meados do século XX. Divide-se em períodos uniformes com a significação que adquire a paisagem: sua flexibilidade no primeiro ciclo em oposição à função como coisa viva na segunda etapa que revela a natureza americana e a alma coletiva venezuelana sem perder seus valores maleáveis.

O nacional idealismo de Gonzalo se inspira nas interpretações da nação oficial e convencionalmente aceitas, seu fracasso, intelectual e agrário, é indicativo não só da exclusão política e econômica dentro da respectiva ficção sobre a sociedade civil, mas, por contraste, da exclusão histórica extraliterária dos sujeitos marginalizados social e etnicamente. A interligação entre a exclusão narrativa e histórica abre a ficção à revisão crítica da afirmação de independência na literatura da fundação da nação. Drama e enunciação servem assim de tensão simbólica do adiamento da questão social e se contrastam textualmente, como foi analisado, com a escrita de Bello enquanto ele afirma a nação em direto apelo à terra e aos sujeitos excluídos cuja situação extra-discursiva, porém, está marcada mais pela herança colonial que pela libertação discursiva da afirmação de independência. O fracasso da personagem estudada representa uma crítica às soluções simbólicas da literatura fundacional e uma crítica que desconstrói sua retórica. A queda do ideal cobra da sociedade venezuelana, em obras publicadas no centenário de independência, o adiamento da emancipação social acompanhada do problema do latifúndio e a escravidão, tudo o que foi herdado da colônia e que não foi resolvido em constitucionalismos sustentados na ideia de liberdade.

Vimos no primeiro capítulo que foi tratado sobre o *criollismo* na América e na Venezuela, debatendo o conceito plurivalente do *criollismo*. Observou-se a ambiguidade linguística e a transformação do termo *criollo* como apareceu assiduamente reelaboradas e redefinidas fazendo visível uma multiplicidade semântica e uma desestabilidade conceitual conflitiva.

Já no segundo capítulo falamos sobre a língua como instrumento de identidade do *criollismo* e uma noção de como era entendida a língua espanhola dos *criollos* americanos, principalmente dos venezuelanos, que tratou dos discursos utilizados na língua do colonizador e a língua do colonizado.

E no terceiro capítulo foi discutido o *criollismo* literário na obra *En este país*, de Urbaneja Achelpohl, defendendo o ser humano, mostrando a divisão entre os *criollos*, juízo de valor. Também vimos uma análise entre os fatos literários e a obra em questão. O romance tornou-se um espelho da crise da classe dominadora e um exemplo de luta e perseverança para aqueles que defendiam a promessa de superação de barreiras para lograr a união o povo venezuelano.

Finalmente, Paulo Guarimba se sobrepõe à adversidade e supera sua condição social após enfrentar-se aos diversos obstáculos que lhe impediam alcançar o amor de Josefina. Com a sua ascensão a General, escala as posições econômicas e políticas que representam não só o acesso ao amor de sua dama, senão que também, de forma figurada, abrem-lhe as portas ao progresso.

A personagem principal é um lutador para quem o fato de não saber ler nem escrever não lhe impediu sair triunfante diante à adversidade e impor-se ante uma classe social que não consentia a integração de um homem de sua humilde condição. Este mestiço é sinônimo de vernáculo, de herói (escrito em *criollo*). É o produto de uma nação violenta marcada pelas guerras.

Para finalizar, podemos assegurar que o *Criollismo* na Venezuela surgiu como resultado do característico estilo de vida daquele país. Para os *criollistas* não bastou refletir uma realidade própria, senão que foi necessário visualziar ideias com um sentir genuinamente venezuelano; recriando muitos dos problemas que enfrentou a sociedade venezuelana. No entanto, *En este país*, vem a ser um reflexo da crise da classe dominante e um exemplo de luta e constância para

aqueles que guardam com cuidado o desejo ou a promessa fecunda de superar os obstáculos para alcançar o objeto de suas aspirações.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Álvaro Ruiz. La búsqueda de otra realidad. **Anales de Literatura Hispanoamericana**. V. 27. 1998, México, p. 177-188.

ALONSO, Carlos. **La novela criolla en Hispanoamérica**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

ALTSCHUL, Nadia R. **Geographies of Philological Knowledge: Postcoloniality and the Nansatlantic National Epic**. Chicargo: Chicargo University Press, 2012.

ARENAS, Reinaldo. El mundo alucinante. Barcelona: Tusquets, 1974.

ARREAZA, Dionisio Márquez. **A crise do constitucionalismo no romance social latino-americano**. Campina Grande: Abralic, 2013.

ARVELO, Rafael Angarita. **Historia y crítica de la novela en Venezuela y otros textos**. Mérida: Universidad de Los Andes, 2011.

BEAUREGARD, Paulette Silva. **La lectura, la pose y el desarraigo. Pedro-Emilio Coll y el “bovarismo hispanoamericano”**. Caracas: Universidad Simón Bolívar, 2008.

BENDAHAN, Mariana. El imaginario del petróleo en la literatura venezolana: una lectura de Mene y Oficina nº 1. In: **Jornadas de Investigación**. Semana del 24 de noviembre al 28 de noviembre de 2008. **Buenos Aires: Instituto de Literatura Argentina**, 2008.

BHABHA, Homi K. **El local de la cultura**. Buenos Aires: Manantial, 1994.

BOLÍVAR, Simón. Discurso de Angostura de 1819. In: GRASES, Pedro (Comp). **Actas del Congreso de Angostura**. Caracas: Fundación Biblioteca Ayacucho, 2011.

CARDOZO, Lubio. Prólogo y bibliografía. In: URBANEJA ACHELPOHL, Luis Miguel. **En este país**. Caracas: Monte Ávila, 1989.

\_\_\_\_\_. **El criollismo**: periodo de estabilización de la narrativa nacional, una hipótesis. Mérida: Universidad de los Andes. 1979,

CARO, Miguel Antonio. **Del uso en sus relaciones con el lenguaje**. Discurso leído ante Academia Colombiana en la Junta Inaugural del 6 de agosto de 1881. Bogotá: Imprenta de Echeverría de Hnos, 1881.

CARRERA, Gustavo Luis. Prólogo en Luis Manuel Urbaneja Achelpolh. **Selección de cuentos**. Caracas: Monte Ávila, 1978.

COROMINAS, Juan. **Diccionario Crítico Etimológico de la Lengua Castellana I**. Madrid: Gredos, 1954.

CORNEJO POLAR, Antonio. **Escribir en el aire**: Ensayo sobre la heterogeneidad socio-cultural en las literaturas andinas. Lima: Horizonte, 1994.

DÍAZ SÁNCHEZ, Ramón. **Mene**. Buenos Aires: Eudeba, 1966.

ENNIS; Juan Antonio; PFÄNDER, Stefan. **Lo criollo en cuestión**: Filología e historia. Buenos Aires: Katatay, 2013.

FOKKEMA, Douve Wessel; IBSCH, Elrud. **Conhecimento e compromisso**: uma abordagem voltada aos problemas dos estudos literários. Tradução Sara Viola Rodrigues et al. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

FOMBONA, Rufino Blanco. **Letras y hombres de Hispanoamérica**. Paría: Paul Ollendorf, 1908

FOUCAULT, Michel. **Las palabras y las cosas**: una arqueología de las ciencias humanas. Buenos Aires: Siglo XXI, 2005.

GARCÍA, Guillermo. **Literatura hispanoamericana del siglo XX, un panorama, entre selvas, pampas, cuchillas y llanos**. Capítulo X, Cátedra de Literatura Latinoamericana. Lomas de Zamora: UNLZ, 2006.

HALL, Stuart; GAY; Paul du. **Cuestiones de identidad cultural**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

LABAT, Jean-Baptiste. **Nuevo viaje a las Islas de América**. Tradução de Manuel Cárdenas Ruíz. San Juan: Editorial Universidad de Puerto Rico, 1984.

LANDER, Tomás. A los ciudadanos de la República de Venezuela, 1834. In: QUINTERO, Inés (Comp.). **Pensamiento Liberal del siglo XIX**. Caracas: Monte Ávila, 1991.

LAPESA, R. **Introducción a los estudios literarios**. Salamanca: Anaya, 1968.

LAVAISSÉ, Dauxión. **Viaje a las Islas de Trinidad, Tobago, Margarita y diversas partes de Venezuela en la América meridional**. Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1967.

LEAL, L. **Historia del cuento hispanoamericano**. México: Ediciones de Andrea, 1971.

LEGRÁS, Horacio. **Criollismo e indigenismo literarios: representación sin resto y resto sin representación**. Georgetown: Georgetown University. 2003.

LINARES, Luis Barrea. Costumbrismo, modernismo y criollismo en el cuento venezolano. In. **Anales de Literatura Hispanoamericana**, 1998, n. 27: 141-159.

LISCANO, Juan. **Rómulo Gallegos y su tiempo**. Caracas: Monte Ávila, 1969.

LOMBARDI BÓSCAN, ÁNGEL RAFAEL, Ángel Rafael. Francisco de Miranda: ¿Precursor de la independencia o espía al servicio de Inglaterra?. **Telos**, vol. 8, núm. 3, septiembre-diciembre, 2006, pp. 492-504.

LORENZO, Nieves María Concepción. **La fabulación de la realidad en la narrativa de Miguel Otero Silva**. San Cristóbal de La Laguna: Universidad de La Laguna, 1997.

MARTÍ, José. **Obras completas**. La Habana: Editorial Nacional de Cuba, 1973.

MARTINET, André. **De las estepas a los océanos: el indoeuropeo y los indoeuropeos**. Madrid: Gredos: 1997.

MAZZOTTI, José Antonio. **La ambigüedad colonial en las letras hispanoamericanas**. Pittsburgh: ILLI, 2000.

MEDINA, José Ramón. **Noventa años de literatura venezolana**. Caracas: Monte Ávila, 1993.

MELÉNDEZ, Diana Medina. **Literatura y cine** (Tesis Doctoral). Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, 2006.

MILANI, Domingo. **Trípico venezolano**. Caracas: Fundación de Promoción Cultural de Venezuela, 2003.

MORAÑA, Mabel. **Apologías y defensas: discursos de la marginalidad en el Barroco hispanoamericano**. Caracas: Ediciones del Norte, 1994.

MOREIRAS, Alberto. **A exaustão da diferença. A política dos estudos culturais latino-americanos**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001

MORILLO, Melina. **El triunfo del héroe criollo: Una visión temática de la novela En este país**. Caracas: Universidad Pedagógica Experimental Libertador, 2011.

NORWOOD, Farith Fraija. **Plan Guarimba: Expresión de odio contra el pueblo**. Caracas: La Fundación Fondo Editorial de la Asamblea Nacional Willian Lara, 2014.

ORTEGA, Antonio López. **Narrativa venezolana de fin de siglo**. Figuras de la desterritorialización, Ponencia leída en el XXIV Simposio de Docentes e Investigadores de la Literatura Venezolana. Maracaibo: Universidad del Zulia, 1998.

ORTIZ, Eduardo José. La Venezuela pre-pretrolera en los escritos de Luis Miguel Urbaneja Achelpohl. *Temas de Coyuntura*, 2000, n.º. 40, diciembre, p. 47-85.

OVIEDO, José Miguel. **Antología del cuento hispanoamericano**. Del romanticismo al criollismo (1830-1920). Madrid, Alianza, 1989.

PAZ, Octavio. **Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la fe**. Barcelona: Seix Barral, 2001.

PICÓN SALAS, Mariano. **Antología de costumbristas venezolanos del siglo XIX**. 6. ed. Caracas: Monte Ávila, 1980.

\_\_\_\_\_. **De la conquista a la independencia y otros estudios**. Caracas: Monte Ávila, 1987.

PIETRI, Arturo Uslar. **Breve historia de la novela hispanoamericana**. Caracas: Edime, 1974.

PINO ITURRIETA, Elías. **Las ideas de los primeros venezolanos**. Caracas: Fondo Editorial Tropykos, 1987.

PIZARRO, Ana. **La literatura Latinoamericana como proceso**. Buenos Aires: CEDAL, 1985.

QUIJANO, Aníbal. **Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder**. Buenos Aires: Clacso, 2014.

QUINTERO, Inés (Comp.). **Pensamiento Liberal del siglo XIX**. Caracas: Monte Ávila, 1991.

RETAMAR, Roberto Fernández. **Todo Calibán**. Bogotá: Ediciones Callejón, 1995.

ROJAS, Raquel Rivas. Del criollismo al regionalismo: Enunciación y representación en el siglo XIX venezolano. In. **Latin American Research Review**, vol. 37, 2002, no. 3, p. 101-128. <<http://www.jstor.org/stable/1512515>> . Acceso: 24 nov. 2015.

ROMERO, José Luis. **El pensamiento político de la derecha latinoamericana**. Buenos Aires: Paidós, 1970.

\_\_\_\_\_. **El desarrollo de las ideas en la sociedad argentina del siglo XX**. Buenos Aires: Solar, 1983.

SCAVINO, Dardo. **Narraciones de la independencia: Arqueología de un fervor contradictorio**. Buenos Aires: Eterna Cadencia, 2010.

URBANEJA ACHELPOHL, Luis Manuel. **En este país**. Caracas: Monte Ávila, 1989.

\_\_\_\_\_. **El criollismo en Venezuela, en cuentos y prédicas**. Caracas: Editorial Venezuela, 1945.

\_\_\_\_\_. Sobre la literatura nacional, 1895. In: ORTIZ, Oscar Rodríguez. **Venezuela en seis ensayos**. Caracas. Monte Ávila, 1987.

UZCÁTEGUI, Laura. **El Decadentismo como Vanguardia literaria en Venezuela**. Mérida: Universidad de Los Andes, 2013.

VALDÉS, Eduardo Devés. **El pensamiento latino-americano en el siglo XX**. Entre la modernidad y la identidad: Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950). Tomo I. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2000.

VITULLI, Juan M.; SOLODKOW, David M. Ritmos diversos y secuencias populares: hacia una periodización del concepto “criollo”, in: VITULLI, Juan M.; SOLODKOW, David M. (Comps.). **Poéticas de lo criollo**: la transformación del concepto “criollo” en las letras hispanoamericanas (siglo XVI al XIX). Buenos Aires: Corregidor, 2009.

ZAMBRANO, Gregory. **La literatura venezolana del siglo XIX**: fuentes críticas para su estudio. Mérida: Universidad de Los Andes, 2002.

ZEMSKOV, Valeri. **El Barroco criollo del siglo XVII y la formación de la conciencia nacional en Hispanoamérica**. Montevideo: Monte sexto, 1990.